

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA E
INTERCULTURALIDADE

LOANA DE FARIA DOS SANTOS

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E HUMOR NA CONSTRUÇÃO DO CAIPIRA GOIANO

CIDADE DE GOIÁS

2024

LOANA DE FARIA DOS SANTOS

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E HUMOR NA CONSTRUÇÃO DO CAPIRA GOIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Língua e Interculturalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira Pereira

CIDADE DE GOIÁS

2024

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo Leana de Faria dos Santos

E-mail leana.de.faria@hotmail.com

Dados do trabalho

Título Variação linguística e humor na construção do caipira goiano

Tipo:

Tese

Dissertação

Curso/Programa Mestrado em língua e interculturalidade - POSLI

Concorda com a liberação documento

SIM

NÃO

¹ Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiânia, 11 de fevereiro de 2025

Leana de Faria dos Santos
Assinatura autor(a)

gov.br

Documento assinado digitalmente

MARILIA SILVA VIEIRA PEREIRA

Data: 13/02/2025 21:27:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do orientador(a)



CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

S237v Santos, Loana de Faria dos.
Variação linguística e humor na construção do caipira goiano
[manuscrito] / Loana de Faria dos Santos. – Goiás, GO, 2024.
158 f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira Pereira.
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e
Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual
de Goiás, 2024.

1. Sociolinguística. 1.1. Teoria da variação e mudança
linguística. 1.2. Variação linguística. 1.3. Humor. 1.4. Cultura
goiana. 1.5. Causos. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás,
Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'27(817.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000
Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 29/2024

Aos onze dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e quatro às catorze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Loana de Faria dos Santos, intitulada “*Varição Linguística e humor na construção do caipira goiano*”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Marília Silva Vieira Pereira – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT), Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (x) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver): _____

Cumpridas as formalidades de pauta, às 14h52, a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 11 de dezembro de 2024.

Documento assinado digitalmente



MARILIA SILVA VIEIRA PEREIRA

Data: 11/12/2024 16:19:27-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marília Silva Vieira Pereira (POSLLI/UEG)

Documento assinado digitalmente



NEUSA INES PHILIPPSEN

Data: 11/12/2024 17:57:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT)

Documento assinado digitalmente



DEBORAH MAGALHAES DE BARROS

Data: 13/12/2024 15:06:23-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG)

“As palavras têm a leveza do vento e a força da tempestade.”

(Victor Hugo)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente por toda graça e misericórdia. Ele que sempre me fez levantar nos momentos em que já não tinha mais forças e que me conduziu a este caminho de crescimento como estudante e pesquisadora. Obrigada!

Ao Paulo, meu noivo, amigo e companheiro, que me incentivou a participar do processo seletivo e presenciou as minhas dificuldades, sempre com palavras de ânimo que me impulsionaram, dando forças para não desistir. De fato, sem o seu incentivo, não teria entrado no programa.

A minha mãe Eliene e a minha sobrinha Mariana que sempre foram muito compreensivas nos momentos em que eu precisei me ausentar para estudar e escrever esta dissertação. Obrigada por sempre estarem ao meu lado. Também agradeço a minha irmã Lailiane que também faz parte desse suporte familiar.

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora Marília, meu exemplo de profissionalismo e dedicação ao trabalho e à teoria. Confesso que me apaixonei pela Sociolinguística quando assisti a sua primeira aula. Muito obrigada pela paciência e compreensão, por todo apoio, pela disponibilidade e pela prestatividade. Tenho certeza de que Deus, sabendo das minhas limitações, deu-me esta graça de ter você como orientadora. Muito obrigada.

Agradeço também às professoras Déborah Magalhães (POSLLI) e Neusa Inês Philippsen (UNEMAT), que participaram da minha qualificação. Obrigada pela disposição à leitura da minha dissertação em meio a tantas atividades.

Aos meus colegas do POSLLI, turma de 2023, que sempre foram muito solícitos. Ver a boa vontade e a garra de vocês me deu muito ânimo diante das dificuldades.

Aos professores do quadro docente do POSLLI, obrigada por compartilharem os conhecimentos das respectivas áreas.

À Direção, à Coordenação e à Secretaria do POSLLI, pela boa convivência acadêmica e pessoal durante o período do Mestrado. Em especial, ao Flávyo, sempre solícito, atento e educado.

RESUMO

A sociolinguística estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais de sua produção. Considerando a perspectiva citada, a presente pesquisa analisa a fala caipira, já caracterizada por Amaral (1920), com foco no estado de Goiás, nos polos rurais/urbanos do contínuo de urbanização proposto por Bortoni- Ricardo (2021). Para isso, serão utilizados dados do contador de causos Geraldinho, ícone da cultura goiana, e da dupla de humoristas Nilton Pinto e Tom Carvalho, também conhecida no estado de Goiás. A pesquisa baseia-se nos fundamentos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008), sobretudo acerca da definição de estereótipo (Labov, 1972; Bagno, 2007), e nas pesquisas sobre variação linguística e humor (Facin e Spessatto, 2007; Possenti, 2018). Com vistas a investigar a construção do humor na fala do caipira goiano, explora-se o papel da mídia na propagação da cultura regional, com base em três fenômenos linguísticos presentes nos causos explorados: despalatização (velha ~ veia), queda da oclusiva em gerúndio (mulher ~ muié) e concordância nominal não padrão. Sob esse viés, os dados foram transcritos e analisados qualitativamente, com o suporte da Netnografia (Kozinets, 2014), utilizada para análises de *corpus* das mídias sociais. Tal método foi escolhido diante da possibilidade de acesso aos vídeos apresentados por Geraldo Policiano Nogueira (já falecido) e pelos causos narrados por Nilton Pinto e Tom Carvalho, ambos do interior de Goiás, que encerraram suas apresentações em 2023. A amostra selecionada é composta por oito vídeos, quatro causos de Geraldinho e quatro causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho, selecionados na plataforma de vídeos do Youtube, nos canais Frutos da Terra e Nilton Pinto e Tom Carvalho Oficial. A partir das análises, foi constatado que, embora os três fenômenos de variação ocorram tanto nos causos de Geraldinho quanto nos de Nilton Pinto e Tom Carvalho, há diferenças em relação a uma possível intencionalidade de seu uso. Apesar de a dupla de humoristas ser originalmente goiana, percebe-se que a fala não é tão naturalizada quanto a de Geraldinho, tipicamente caipira. Esse fato pode ser um elemento que evidencie que as variáveis que caracterizam o falar caipira são utilizadas no meio humorístico de modo proposital. A partir disso, pode-se inferir que o uso das variáveis em tela reflete a propagação do humor estereotipado pela mídia, baseado na figura do caipira goiano.

Palavras-chave: Teoria da Variação e Mudança Linguística. Variação linguística. Humor. Cultura goiana. Causos.

ABSTRACT

Sociolinguistics studies language in its real use, considering the relationships between linguistic structure and the social and cultural aspects of its production. Based on this perspective, the present research analyzes the rural speech ("fala caipira"), previously characterized by Amaral (1920), focusing on the state of Goiás and the rural/urban poles of the urbanization continuum proposed by Bortoni-Ricardo (2021). To this end, data will be drawn from the storyteller Geraldinho, an icon of Goiás' culture, as well as the comedian duo Nilton Pinto and Tom Carvalho, who are also well-known in the state of Goiás. The research is based on the principles of the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 2008), particularly regarding the definition of stereotype (Labov, 1972; Bagno, 2007), as well as studies on linguistic variation and humor (Facin & Spessatto, 2007; Possenti, 2018). In order to investigate the construction of humor in Goiás' rural speech, the study explores the role of media in spreading regional culture, focusing on three linguistic phenomena present in the analyzed narratives: depalatalization (velha ~ veia), deletion of the plosive in gerund forms (mulher ~ muié), and non-standard nominal agreement. Under this framework, the data were transcribed and qualitatively analyzed, with the support of Netnography (Kozinets, 2014), a method used for corpus analysis of social media. This methodology was chosen due to the accessibility of videos featuring Geraldo Policiano Nogueira (now deceased) and narratives by Nilton Pinto and Tom Carvalho, both from the countryside of Goiás, whose performances ended in 2023. The selected sample consists of eight videos—four narratives from Geraldinho and four from Nilton Pinto and Tom Carvalho—retrieved from YouTube channels Frutos da Terra and Nilton Pinto e Tom Carvalho Oficial. The analysis revealed that, although the three variation phenomena occur in both Geraldinho's and Nilton Pinto and Tom Carvalho's narratives, there are differences regarding the intentionality behind their use. Despite the duo's Goiás origins, their speech does not appear as naturalized as Geraldinho's, which is typically rural. This finding suggests that the linguistic features characterizing rural speech are deliberately employed in comedic contexts. Consequently, it can be inferred that the use of these linguistic variables reflects the media-driven dissemination of a stereotyped form of humor based on the figure of the Goiás rural speaker.

Keywords: Theory of Linguistic Variation and Change. Linguistic variation. Humor. Goiás culture. Causos (folk narratives).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Anhanguera.....	18
Figura 2 – Capitania de Goiaz.....	19
Figura 3 – Cartaz anunciando as vantagens de comprar áreas na nova capital.....	22
Figura 4 – Festival gastronômico do cerrado e festa do milho em Santo Antônio de Goiás.....	24
Figura 5 – Frutas cristalizadas.....	25
Figura 6 – Pastelinho.....	26
Figura 7 – Festa do Divino Pai Eterno.....	26
Figura 8 – Cavalhadas.....	27
Figura 9 – Festa do Muquém.....	27
Figura 10 – Geraldo Policiano Nogueira.....	28
Figura 11 – Objetos pessoais de Geraldinho.....	40
Figura 12 – Geraldinho dançando catira na Folia de Reis.....	40
Figura 13 – Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	42
Figura 14 – Teaser do filme Chico Bento e a goiabeira maravilhosa.....	72
Figura 15 – Fluxograma da Netnografia.....	92
Figura 16 – Captura de tela da animação dos causos de Geraldinho.....	95
Figura 17 – Captura de tela dos comentários postados nos vídeos animados de Geraldinho.....	95
Figura 18 – Captura de tela da apresentação do Causo do osso no programa Frutos da terra.....	99
Figura 19 – Captura de tela da narração do Causo da bicicleta feita por Geraldinho.....	100
Figura 20 – Captura da apresentação do Causo do carro de boi no programa Frutos da terra feita por Geraldinho.....	102

Figura 21 – Captura de tela da narração do caso do marimbondo.....	103
Figura 22 – Captura de tela da apresentação do caso Dor de barriga no ônibus, de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	104
Figura 23 – Captura de tela da apresentação do caso do boi bravo, de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	106
Figura 24 – Captura de tela da apresentação do caso da espingarda, de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	107
Figura 25 - Captura de tela da apresentação do caso do boi comunitário, de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	108
Figura 26 – Espectrograma da expressão “lá inriba” na voz de Geraldinho.....	113
Figura 27 - Espectrograma da palavra “culhé” pronunciada por Tom Carvalho.....	116
Figura 28 - Espectrograma da palavra “cuié” pronunciada por Tom Carvalho.....	117
Figura 29 - Espectrogramas da palavra “muié” na voz de Geraldinho e da palavra “cuié” na voz de Tom Carvalho.....	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrências da despalatização nos casos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	118
Gráfico 2 - Ocorrências da despalatização nos casos de Geraldinho.....	120
Gráfico 3 - Ocorrências da despalatização nos casos de Geraldinho e Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	124
Gráfico 4 – Ocorrência da queda de oclusiva nos casos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	128
Gráfico 5 - Ocorrência da queda de oclusiva nos casos de Geraldinho.....	130
Gráfico 6 – Ocorrência da concordância nominal não padrão nos casos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	135
Gráfico 7 - Concordância nominal não padrão nos casos de Geraldinho.....	139
Gráfico 8 - Ocorrência da concordância nominal não padrão nos casos de Geraldinho e de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Surgimento do estado de Goiás.....	17
Quadro 2 – Comparativo de vantagens e desvantagens da Etnografia e da Netnografia.....	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Causos de Geraldinho.....	97
Tabela 2 - Causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	96
Tabela 3 - Ocorrências da despalatização nos casos de Nilton Pinto e Tom Carvalho...	115
Tabela 4 - Ocorrências da despalatização nos casos de Geraldinho.....	119
Tabela 5 - Ocorrências da despalatização nos casos de Nilton Pinto e Tom Carvalho e Geraldinho.....	122
Tabela 6 - Queda de oclusiva nos casos de Nilton Pinto e Tom carvalho.....	126
Tabela 7 - Ocorrência da queda de oclusiva nos casos de Geraldinho.....	128
Tabela 8 - Ocorrência da queda de oclusiva nos casos de Geraldinho e de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	131
Tabela 9 – Ocorrência da concordância nominal não padrão nos casos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	134
Tabela 10 - Concordância nominal não padrão nos casos de Geraldinho.....	138
Tabela 11 – Ocorrência da concordância nominal não padrão nos casos de Geraldinho e de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	141

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1.CAPÍTULO 1- A CULTURA CAPIRA NO ESTADO DE GOIÁS	17
1.1 O surgimento do estado de Goiás.....	17
1.2 Cultura regional.....	22
1.3 A história do caipira goiano.....	29
1.4 O dialeto caipira.....	33
1.5 Geraldino Policiano Nogueira.....	38
1.6 Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	41
2.CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	45
2.1 Teoria da variação e mudança linguística.....	45
2.2 Identidade, estilo e significado social.....	47
2.3 Variáveis linguísticas.....	52
2.3.1 Despalatização.....	53
2.3.2 Queda da oclusiva em gerúndio.....	54
2.3.3 Concordância nominal.....	57
2.4 Estereótipos na concepção laboviana.....	59
2.5 O humor e seus pressupostos.....	62
2.6 O uso de variáveis linguísticas na construção do humor.....	67
2.7 O papel da mídia na propagação da cultura regional.....	70
2.8 O gênero causo e seus efeitos de sentido	73
3. CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	88
3.1 Etnografia.....	88
3.2 Netnografia.....	90
3.3 A pesquisa netnográfica com o gênero causo	94
3.4 O <i>corpus</i>	96
3.5 A transcrição.....	108
3.6 O programa PRAAT.....	112
4. CAPÍTULO 4 – ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS	114
4.1 Variáveis fonético- fonológicas e morfossintáticas	114
4.1.1 Despalatização.....	115
4.1.1.1 Despalatização nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	115
4.1.1.2 Despalatização nos causos de Geraldinho.....	119
4.1.1.3 Análise comparativa.....	122
4.1.2 Queda da oclusiva em gerúndio.....	125
4.1.2.1 Queda da oclusiva em gerúndio nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	126

4.1.2.2	Queda da oclusiva em gerúndio nos causos de Geraldinho.....	128
4.1.2.3	Análise comparativa.....	131
4.1.3	Concordância nominal.....	134
4.1.3.1	Concordância nominal nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.....	134
4.1.3.2	Concordância nominal nos causos de Geraldinho.....	138
4.1.3.3	Análise comparativa.....	140
4.2	Despalatização, queda da oclusiva em gerúndio e concordância nominal: qual é a graça?.....	144
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
	REFERÊNCIAS.....	150

INTRODUÇÃO

Este trabalho originou-se do desejo de investigar e compreender a interação entre língua e humor na reflexão e formação da cultura regional. Esse interesse foi plenamente consolidado após as aulas de Sociolinguística no mestrado, nas quais desenvolvi¹ uma profunda afinidade pelos estudos sobre variação linguística. A partir desse contato, iniciou-se a busca por um tema relevante dentro do contexto da variação e da mudança linguística. Com o auxílio de pesquisas adicionais e sugestões da orientadora, foi possível identificar um campo de estudo inédito que certamente contribuirá significativamente para os estudos linguísticos. Ao longo da pesquisa, a escolha do tema foi confirmada pela forte emoção envolvida ao explorar a cultura do meu estado natal, o dialeto ainda presente em minha cidade e a compreensão das relações entre variação, estereótipos e construção cultural.

A partir dessa motivação, entende-se que é preciso partir dos fenômenos centrais da Sociolinguística: a variação e a mudança linguística, uma vez que fornecem insights valiosos sobre a evolução das línguas e suas correlações com fatores sociais, culturais e históricos. Desse modo, este estudo examina a variação no contexto específico do dialeto goiano, analisando seu uso no gênero humorístico conhecido como "causo", explorando duas variáveis fonético-fonológicas: a despalatização e a queda de oclusiva em gerúndio e uma morfossintática: a concordância nominal, com base nos trabalhos de Christófaro (2022), Amaral (1922), Bortoni-Ricardo (2004), Aragão (1999).

Nesse contexto, a concepção laboviana dos estereótipos linguísticos fornece um arcabouço teórico essencial para entender como variantes linguísticas são percebidas e utilizadas pelos falantes. Bagno (2007), Lucchesi (2015), Bortoni-Ricardo (2021), fornecem embasamento acerca da variação.

No caso do humor caipira, personagens e narrativas são criados não apenas para entreter, mas também para refletir e, por vezes, satirizar a cultura regional. Sobre esse aspecto, os trabalhos de Possenti (2018), Nascimento (2018), Maingueneau (2006) sobre o humor e seus pressupostos, bem como sobre o gênero causo, proporcionam uma

¹ A primeira pessoa foi utilizada para demonstrar o caráter pessoal que envolve a escolha do tema.

perspectiva aprofundada acerca da tipologia textual e de suas características peculiares ancoradas nas pesquisas de Oliveira (2006), Nascimento (2017) e Silva (2009).

Além disso, os trabalhos de Chomsky (2002) e Scherre (2005) destacam que grupos minoritários são representados na mídia, muitas vezes, de maneira estereotipada, o que reforça preconceitos e perpetua imagens negativas.

Diante disso, o estereótipo do caipira tem sido moldado e reforçado na cultura brasileira ao longo do tempo. Destacam-se figuras como Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato (1914), e outras representações, como a pintura "Caipira picando fumo" de Almeida Júnior (1893) e o personagem Chico Bento. Essas imagens frequentemente apresentam o caipira de maneira rústica e marginalizada, ajudando a perpetuar visões negativas e simplificadas sobre as áreas rurais e suas culturas. No âmbito linguístico, as variantes neste trabalho se relacionam com o estereótipo citado, associando o caipira a uma imagem de ignorância e de atraso.

Sabe-se que os causos são narrativas cuidadosamente construídas para refletir traços específicos da identidade regional, utilizando a variação linguística e outros recursos para criar uma representação que, ao mesmo tempo, diverte e reforça imagens estereotipadas do caipira. Desse modo, o presente estudo pretende lançar um olhar semiótico para o gênero textual caso, revelando como seus elementos estruturais e estilísticos são usados para evocar e amplificar estereótipos culturais. Logo, será possível uma compreensão mais detalhada de como o humor caipira opera dentro do campo da variação linguística e da construção de identidades sociais.

Arelada às perspectivas já arroladas, fundamentada na terceira onda da Sociolinguística, com base em Eckert (2005), a presente pesquisa desloca o foco das correlações entre variação linguística e categorias sociais fixas para a análise de como os indivíduos utilizam a variação linguística para construir identidades e estilos. Essas práticas incluem não apenas variantes linguísticas, mas também elementos de vestuário, comportamento e prosódia. Desse modo, este estudo visa demonstrar como a variação linguística atua como um recurso fundamental na construção de identidades sociais e na perpetuação de imagens estereotipadas, transformando-se em uma ferramenta poderosa na narrativa humorística e na representação cultural.

Este trabalho adota uma abordagem etnográfica para analisar o uso de variáveis linguísticas na construção do humor no contexto digital, onde a disseminação de causos

é amplamente facilitada pelas plataformas *online*. Além do mais, a netnografia, uma adaptação da etnografia para o estudo das interações em ambientes digitais, permite uma análise aprofundada das práticas discursivas e das dinâmicas de identidade que emergem nas comunidades virtuais. Autores como Kozinets (2014), Ferraz (2019) e Sánchez (2017) forneceram as bases metodológicas para essa abordagem.

Pretende-se demonstrar, portanto, como o humor contribui para alimentar determinados preconceitos, ao mesmo tempo em que perpetua e reforça estereótipos culturais específicos através da mídia, sendo, assim, uma via de mão dupla ao promover a cultura regional e, ao mesmo tempo, disseminar o preconceito linguístico. Desse modo, pode-se afirmar que a variação linguística não é apenas um fenômeno fonético, mas um instrumento poderoso na construção e na propagação de identidades sociais e culturais. A partir disso, este trabalho tem como objetivo geral identificar a construção do humor através do dialeto estereotipado do caipira goiano e como objetivos específicos: identificar a construção do humor no gênero *causo* com base em fenômenos de variação linguística e no estereótipo do caipira goiano, bem como investigar os efeitos de sentido de duas variáveis fonético-fonológicas, despalatização e queda da oclusiva em gerúndio, e uma morfossintática, a concordância nominal.

Levando em consideração que o estudo objetiva identificar a construção do humor através de fenômenos de variação que caracterizam a fala genuinamente goiana, questiona-se: Como os fenômenos de variação contribuem para as produções humorísticas a partir da imagem do caipira? Como o meio virtual contribui com a propagação da cultura regional e, ao mesmo tempo, de preconceito linguístico? De que forma a originalidade e a espontaneidade de Geraldinho contribuem para a caracterização do gênero *causo* e dos elementos linguísticos que promovem o humor? Para além dos estereótipos linguísticos, quais são os elementos utilizados para compor a imagem do caipira nos *causos* de Nilton Pinto e Tom Carvalho?

Outro ponto a ser abordado neste estudo é a valorização da cultura goiana, uma vez que não há como discutir acerca de fenômenos linguísticos dissociados das práticas culturais, principalmente, diante de atitudes preconceituosas que perpassam a história do dialeto caipira. Por fim, nota-se que há poucas produções que contribuem para a descrição da fala goiana através do gênero *causo*, como é discutido neste trabalho.

Este estudo está estruturado em quatro capítulos. Cada um aborda aspectos distintos e complementares da pesquisa. No primeiro capítulo, traça-se um breve percurso histórico da formação do estado de Goiás, culminando na construção de sua capital. Além disso, exploram-se as diferentes percepções acerca do caipira, apresentando algumas características do dialeto caipira. Também inclui uma breve biografia de Geraldo Policiano Nogueira, Nilton Pinto e Tom Carvalho.

O segundo capítulo apresenta os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa. São abordados a teoria da variação linguística, as variáveis linguísticas analisadas, os fundamentos dos estereótipos na perspectiva laboviana, o humor e seus pressupostos, o uso das variáveis na construção do humor, o papel da mídia na disseminação da cultura regional e o gênero "causo" sob a ótica da semiótica.

No terceiro capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos adotados. Inicialmente, discute-se a netnografia no gênero "causo", seguida pela apresentação do *corpus* da pesquisa, regras para a transcrição e alguns conceitos relacionados ao *software* PRAAT.

Por fim, no quarto capítulo, os dados são analisados em relação a Geraldinho e à dupla de humoristas. Posteriormente, realiza-se uma análise comparativa considerando os objetivos da pesquisa.

CAPÍTULO 1 - A CULTURA CAIPIRA NO ESTADO DE GOIÁS

É incontestável que a língua e a cultura estão intrinsecamente interligadas, sendo fundamental reconhecer que, para uma compreensão abrangente de certos fenômenos linguísticos, é imperativo contextualizá-los dentro da história e do processo de formação de grupos e comunidades, colonização, povoamento, exploração e considerar as influências literárias predominantes em determinada época. Nesse sentido, torna-se essencial a investigação da história da formação do estado de Goiás, bem como da identidade caipira goiana e dos elementos culturais regionais, a fim de fornecer um embasamento adequado para a compreensão dos fenômenos abordados neste estudo, conforme apresentados na fala do cidadão goiano.

1.1 O surgimento do estado de Goiás

O fim do século XVII foi marcado pelas intensas expedições rumo à região central, o chamado Sertão. As Entradas, expedições financiadas pela coroa portuguesa, tinham como objetivo fixar o seu domínio e ocupar o território; as Bandeiras, expedições particulares que também recebiam o apoio da coroa, objetivava a exploração econômica, o apresamento dos índios e a captura para trabalho. Essas expedições vinham da capitania de São Vicente (SP). Os quadros abaixo mostram que o século XVII foi marcado pela expansão e o século XVIII, pela exploração e pelo surgimento dos aglomerados urbanos.

Quadro 1. Surgimento do estado de Goiás.

Final do século XVII	Século XVIII
Expedições de expansão e exploração	Exploração do ouro
Entradas e Bandeiras	Economia aurífera
	Surgimento dos aglomerados urbanos.

Fonte: Elaboração própria.

Em 1722, uma das bandeiras foi liderada por Bartolomeu Bueno da Silva, o chamado Anhanguera que em Tupi quer dizer “diabo velho”. Conforme a cultura popular, esse nome foi dado pelos índios quando Bartolomeu colocou fogo na aguardente, a fim de intimidá-los e persuadi-los para que mostrassem as minas de ouro na região. Após a descoberta de algumas minas de ouro, a expedição volta para a capitania de São Vicente e retorna ao sertão em 1726, fundando o Arraial da Barra, primeiro registro de aglomeração na região. No ano seguinte, fundou-se o arraial de Sant’ana que seria chamado de Vila Boa e, mais adiante, de Cidade de Goiás.

É crucial ressaltar o caráter trágico das expedições realizadas ao sertão, as quais frequentemente foram permeadas por conflitos entre indígenas e colonizadores. Embora a figura de Anhanguera seja frequentemente enaltecida nos livros de história direcionados ao ensino fundamental, é imprescindível compreender que suas expedições, realizadas sob as ordens da coroa portuguesa, resultaram na dizimação e escravização de diversas tribos indígenas. A imagem abaixo, elaborada por Teodoro Braga, retrata o instante em que Bartolomeu Bueno da Silva, historicamente reconhecido como Anhanguera, emprega o recurso de incendiar a aguardente como meio de persuasão junto aos indígenas.

Figura 1 – O Anhanguera



Fonte: Anais do Museu Paulista, 2022.

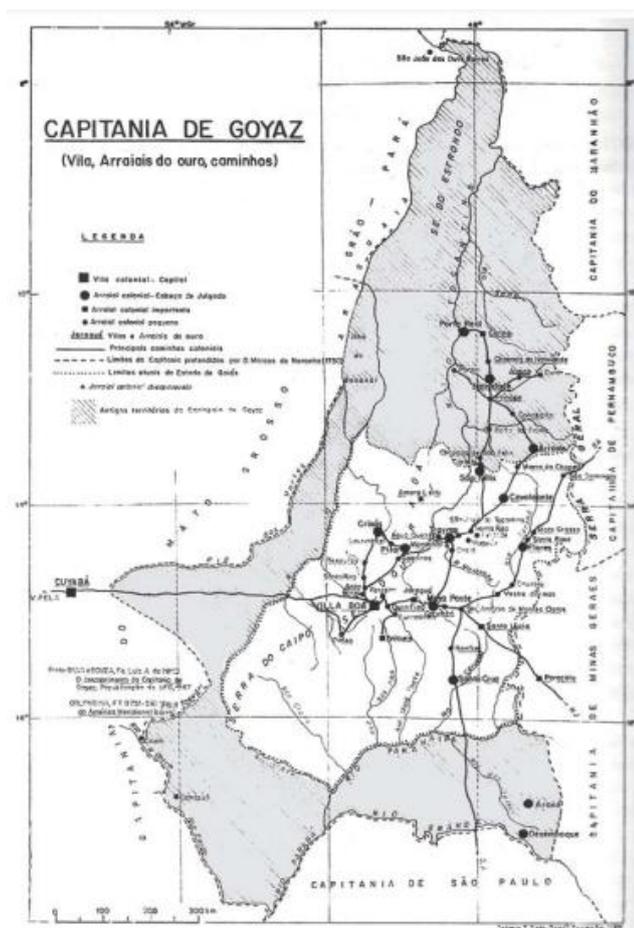
A imagem retrata o episódio do fogo no prato de aguardente. Pintura de Teodoro Braga, do início do século XX. Inicialmente, a região do Rio Vermelho foi alvo de intensa exploração em busca de ouro, impulsionando uma onda de colonização e desenvolvimento econômico. No entanto, com o esgotamento das reservas auríferas nessa localidade, outros movimentos migratórios passaram a percorrer o território goiano, dando origem a novos núcleos urbanos e econômicos. Este processo evidenciou a formação da região central de Goiás e, simultaneamente, delineou uma clara estrutura social.

Na cúpula dessa estrutura, encontrava-se a elite burguesa, composta por mineradores, bandeirantes, colonizadores e outros grupos dominantes. Na segunda camada, situavam-

se os trabalhadores, como artesãos e comerciantes, enquanto na base encontravam-se os índios e escravos, subjugados e marginalizados. Este contexto revela não apenas a dinâmica econômica da região, mas também as relações sociais e de poder que a moldaram ao longo do tempo.

Ao passo que o ouro era descoberto, surgiram os primeiros arraiais de Goiás, conforme ilustra o mapa a seguir.

Figura 2 – Capitania de Goiás



Fonte: Boaventura, 2007

Esses arraiais foram surgindo conforme a disponibilidade do ouro em cada região. Decorrente dessa mineração, o povoamento daquela época caracterizou-se pela instabilidade, a precariedade e a dispersão, pois, quando o ouro estava escasso em uma região, partia-se para outra, assim, somente as minas mais abundantes constituíam-se povoados estáveis e duradouros. Desse modo, os arraiais surgiram conforme a ordem cronológica a seguir:

- Arraial de Sant'Ana, Vila Boa de Goiás – 1727 (atual Cidade de Goiás);
- Arraial Minas de Nossa Senhora do Rosário, Meia Ponte – 1727 (atual Pirenópolis);
- Arraial de Ouro fino – 1727 (atual região da Cidade de Goiás);
- Santa Cruz – 1729 (atual Natividade/Tocantins);
- Arraial de São Luís – 1734 (atual Natividade/Tocantins);
- Arraial Córrego do Jaraguá – 1736 (atual Jaraguá);
- Povoado de Arraiais – 1740 (atual município de Arraiais/Tocantins);
- Pillar – 1741 (atual Pilar de Goiás);
- Povoado de Santa Luzia – 1746 (atual Luziânia).

Para os arraiais inaugurados, seguiam pessoas de diferentes origens: os paulistas sertanistas; os emboabas, baianos ou paulistas que sonhavam em fazer fortuna; pessoas excluídas de todo tipo, como ladrões, assassinos etc. Além dos citados, contava-se também com os indígenas, formados por diversas etnias. Sérgio Buarque de Holanda (1995) ao falar sobre a índole dos primeiros desbravadores expressa que o português queria riqueza, mas uma riqueza ousada e não riqueza que vem com o trabalho. Prova disso são as intensas explorações e a dizimação de diversas tribos indígenas.

A fim de estabelecer uma melhor organização econômica, administrativa e política e minimizar o contrabando e as lutas internas, em 1744, foi criada a Capitania de Goiás. Em 1749, D. Marcos de Noronha (Conde dos Arcos) tornou-se o primeiro governador da capitania e em 1752 foi fundada a casa de fundição em Vila Boa.

Após cerca de cinquenta anos de intensa exploração do ouro, a crise aurífera imprimiu mudanças significativas no panorama econômico do estado. Nesse contexto, apesar das dificuldades de comunicação com outros estados para fins comerciais, a agricultura e a pecuária emergiram como setores proeminentes. Este cenário marcou o início de um processo de ruralização, caracterizado pelo retorno a uma economia de subsistência.

Diante do declínio da mineração, a coroa portuguesa toma algumas medidas para a diversificação da economia no Brasil. Uma delas foi isentar a cobrança de impostos no período de 10 anos para que as pessoas permanecessem no estado; outra medida foi a criação da Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão criada para explorar a navegação e o comércio; a terceira medida foi a criação de aldeamentos indígenas,

colocação dos índios em aldeamentos para o treinamento no trabalho agrícola e para a catequização.

Nessa nova configuração econômica, a pecuária e a agricultura de subsistência desempenharam um papel crucial na dinamização da economia do estado, contribuindo para o surgimento de novos assentamentos urbanos, como Jataí, Mineiros, Quirinópolis, entre outros. No entanto, é importante destacar que esse desenvolvimento ocorreu sem a infraestrutura viária necessária para facilitar o transporte de mercadorias para a principal região agrícola do país, o Sudeste.

Em 1911, teve início de fato a construção da malha ferroviária. A partir desse marco, observa-se o processo de reintegração regional do estado, impulsionado pela edificação dessa ferrovia. Os trilhos, então, passam a ser responsáveis pelo reerguimento do estado, pois, onde os trilhos passavam, crescia a população, formavam-se novas cidades, uma nova estruturação foi implantada. Segundo Nasr Fayad Chaul (2010), as propostas para o crescimento do estado fundamentavam-se na ascensão da agricultura, principalmente, após a construção da malha ferroviária.

Em meio ao crescimento da agricultura e declínio do ouro, discutia-se sobre a mudança da capital. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (1942) apontavam que a Cidade de Goiás pereceu em virtude da decadência da mineração. Entretanto, apesar dos problemas de saneamento e da localização, a mudança da capital aconteceu também por questões políticas: em primeiro lugar, para seguir o plano do governo da Marcha para Oeste e em segundo lugar a luta contra as oligarquias vilaboenses. Essa conjuntura foi a motivação de Pedro Ludovico Teixeira, nomeado interventor por Getúlio Vargas, para iniciar a procura por um lugar “adequado”.

Em 1933, Pedro Ludovico oficializou a escolha da nova capital em Campinas, atualmente, um bairro de Goiânia. Apesar de ter sido planejada para 50 mil habitantes, em duas décadas, a população já superava a expectativa. Isso aconteceu, pois, com a promessa de enriquecimento, o governo fazia cartazes para promover a compra de áreas na nova capital. A figura abaixo mostra um cartaz enviado a São Paulo e ao Rio de Janeiro com o título “Grande empreendimento do governador Dr. Pedro Ludovico Teixeira e urbanização de Atílio Corrêa Lima.”

Figura 3 – Cartaz anunciando as vantagens de comprar áreas na nova capital



Fonte: www.propagandashistoricas.com.br

Em 24 de outubro de 1933, Pedro Ludovico, então interventor federal em Goiás, deu início à construção da nova capital do estado, Goiânia, lançando a pedra fundamental da cidade. Esse marco histórico representou não apenas o início físico da construção da capital, mas também o simbolismo de um projeto de modernização e desenvolvimento urbano idealizado para o centro geográfico do estado.

1.2 A cultura regional

A noção de cultura carrega uma complexidade intrínseca devido à sua abrangência e à diversidade de significados que engloba. Originada do termo latino "*colere*", que significa cultivar ou trabalhar a terra, a palavra cultura tem uma gama de interpretações e aplicações em diferentes contextos. No âmbito antropológico, cultura refere-se a um conjunto abrangente de crenças, práticas sociais, linguagens, tecnologias e modos de vida que são compartilhados por um grupo social específico. Além disso, a cultura também abarca padrões comportamentais e valores que são transmitidos e adotados dentro de uma comunidade, contribuindo para a identidade coletiva e a coesão social.

Duranti (2000, p.47), ao perceber a subjetividade do termo, elencou diversos pontos:

1. A cultura perpassa gerações. Desse modo, os falantes adquirem a cultura por meio da comunicação. Nenhum indivíduo nasce sabendo a cultura de seu povo, ela é ensinada de geração em geração.

2. A cultura é um conhecimento de mundo compartilhado. Os falantes, ao partilharem o conhecimento de mundo, partilham experiências, história, cultura.

3. A cultura conecta indivíduos, grupos, situações e objetos. O homem, como ser social, interage na sociedade.

4. A cultura é uma forma de mediação entre o homem e o seu entorno. Assim, o homem utiliza-se de ferramentas de modo que possa interagir com o mundo social ou físico.

5. A cultura é um sistema de participação de indivíduos em uma comunidade. Logo, os indivíduos de uma comunidade compartilham as crenças, as linguagens e os costumes.

Esses pontos elencados por Duranti evidenciam que o aspecto linguístico não pode ser dissociado do aspecto cultural, considerando que a língua é uma forma de expressão humana. Dessa maneira, ao afirmar que a cultura perpassa gerações, que é um conhecimento de mundo compartilhado, que conecta indivíduos, que é uma ferramenta de interação e de participação na sociedade, percebe-se o *locus* de atividades afetivas e cognitivas que necessitam da língua para serem efetivadas.

Já Bourdieu (2011) apresenta um novo prisma para o léxico “cultura”, pois, para ele, a cultura reforça as diferenças. Essa ideia reflete o comportamento intolerante da sociedade diante da diversidade cultural que conseqüentemente abarca as diferentes línguas existentes. Diante disso, algumas construções tornam-se estigmatizadas por conta de um aparato social que desconsidera a multiculturalidade.

Ao longo desta pesquisa, será possível perceber a grandiosidade da cultura regional em seu conceito antropológico, que abrange costumes, práticas sociais, crenças, linguagem. Além disso, a concepção de Bourdieu também será uma base para entender como a cultura caipira é estigmatizada muitas vezes por pessoas que não a conhecem e por conceitos estereotipados acerca do que é considerado cultura.

Para iniciar a descrição da cultura do estado de Goiás, é pertinente destacar a relevância de sua culinária, que se tornou uma referência distintiva. Através da análise da

alimentação de um determinado povo, é possível elucidar aspectos de suas crenças, rituais e características sociais, econômicas e políticas. Ademais, o ato de se alimentar possui raízes profundamente enraizadas no contexto social, remontando aos primórdios da humanidade, quando os grupos humanos saíam para caçar e partilhavam experiências durante o processo de obtenção e consumo dos alimentos.

Uma grande referência culinária de alimentação/socialização são os derivados do milho. É muito comum famílias e amigos se reunirem em torno de uma “pamonhada” desde a limpeza da espiga de milho até o momento de servir. O milho está muito presente na culinária goiana e o estado vem se destacando cada vez mais na produção, sendo o terceiro do país a ter uma produção mais elevada, segundo dados de 2022 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Figura 4 – Festival gastronômico do Cerrado e Festa do Milho em Santo Antônio de Goiás



Fonte: <https://www.maisgoias.com.br/divirta-se/festival-gastronomico-do-cerrado-e-festa-do-milho-agitam-santo-antonio-de-goias/>

Outros pratos, como arroz com pequi, galinhada, galinha caipira com angu e quiabo e o famoso empadão goiano também são muito requisitados quando se trata da comida goiana. Pode-se acrescentar ainda os doces, as geleias e as frutas cristalizadas, que remetem às mulheres tradicionais de Vila Boa, entre elas, Cora Coralina, doceira e poetisa. Inclusive, no poema “Todas as vidas”, da obra “Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais”, Coralina se apresenta como cozinheira:

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.

Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Cora Coralina (1980, p.35 e 36)

Vale destacar que as mulheres, nessa época (1980), precisavam aprender a cozinhar para se tornar uma boa esposa, logo, as filhas provavelmente ficavam aos pés do fogão para aprender o que as mães faziam. As receitas eram repassadas de ouvido a ouvido e os registros desses preparos eram guardados como se fossem os presentes mais preciosos. Bariani Ortêncio (2000) também menciona as mulheres vilaboenses e evidencia que são as melhores doceiras:

[...] Vamos citar apenas uma delas, que foi a vilaboense, como Chiquinha Gonzaga, que rasgou o manual da conduta austera da sua cidade: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, a poetisa-doceira Cora Coralina, [...] esta senhora quase centenária, dizendo que era filha de todos os tempos, com sua voz tonitruante que todo mundo ouvia. [...] suas especialidades na fabricação de doces, destacaram os doces de figo, laranja, banana madura e cidra, não esquecendo dos tabletes de doce de leite e abóbora, na época de frutas fazia passa de caju. [...] não somente nos doces, que quando as mãos e a cabeça não centravam nos versos, estavam nos tachos de cobre, no fogão a lenha, nas gamelas com as massas, uma usina alquímica de alimentos tradicionais. Cora não criava pratos, ela os aperfeiçoava. Ditava ditos: “A mulher inteligente prende o seu homem pelo molho” (Ortêncio, 2000, p.370).

De fato, a Cidade de Goiás ainda é referência em relação ao doce caseiro e atrai turistas também por esse fator. Abaixo, seguem duas imagens que ilustram os doces típicos da cidade. A primeira, frutas cristalizadas e a segunda, o famoso “pastelinho”.

Figura 5 – Frutas cristalizadas



Figura 6 – Pastelinho



Fonte:<https://infograficos.estadao.com.br/paladar/cozinha-do-brasil/2015/receitas/img/pastelinho-goyaz.jpg>

Além da culinária, as festas tradicionais e as manifestações religiosas atraem pessoas de todo o país. Em Trindade, por exemplo, a festa do Divino Pai Eterno atrai milhares de pessoas que pagam promessas, fazendo o percurso a pé. Outra festividade muito conhecida é a “Cavalhada”, em Pirenópolis, que ocorre logo depois da festa do Divino. Em Niquelândia, a festa de Nossa Senhora D’Abadia, conhecida como “festa do Muqué”, também atrai muitas pessoas do estado. Abaixo seguem, respectivamente, imagens que ilustram a festa do Divino Pai Eterno, a Cavalhada e a Festa de Nossa Senhora D’Abadia.

Figura 7 – Festa do Divino Pai Eterno



Fonte:https://ohoje.com/noticia/cidades/n/1408265/t/festa-de-trindade-confira-a-programacao-da-romaria-2022/#google_vignette

Figura 8 – Cavalhadas



Fonte:<https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas>

Figura 9 – Festa do Muquém



Fonte:<https://www.caminhomistico.net.br/l/romaria-de-nossa-senhora-d-abadia-de-muquem/>

Essas imagens representam a história, a fé, os costumes de um povo. O povo da religiosidade, do respeito às tradições e das Folias de Reis. O povo da música sertaneja, da viola, do sertão. O povo do pequi, do murici, da guariroba, do buriti, do baru, do jilozinho, da pitanga, do cajá-manga, da mangaba, da pitomba, do cajuzinho do cerrado, da pera do campo, do ingá, do araticum, do jatobá, dentre outros.

Ao descrever aspectos culturais do estado de Goiás, não há como excluir a cultura do caipira, aquele que ainda hoje vive isolado dos grandes centros urbanos, que tem o seu “pedaço de terra” e planta o seu próprio alimento, que tem a sua própria variedade linguística, sua simplicidade e autenticidade. Bernardo Élis (1966), escritor regionalista, retrata, em suas obras, aspectos que caracterizam a cultura do caipira goiano. Em seus contos, as personagens refletem a linguagem e o modo de falar caipira, bem como as expressões típicas do interior. Por exemplo, no conto “A enxada”, no livro “Contos de Veranico de Janeiro”, o autor inicia com um diálogo entre dona Alice e Piano:

- Cala boca, sem-veigonha,
De tuda vez é assim,
- Ô, muié, tem paciência
Lá ninguém fia di mim.
Trata de nossas galinha,
E zela de nossos pintim,
Que agora, com poucos dia
Eu levo outo caiguerim.

Élis (1966, p. 83)

Por meio desse pequeno diálogo, é possível inferir aspectos linguísticos específicos que caracterizam a cultura, bem como a simplicidade da vida no campo. Ainda na obra, o protagonista sofre por não conseguir um instrumento de trabalho, a enxada, para trabalhar na roça. Desse modo, o autor também aborda questões de pobreza e as lutas enfrentadas por esse grupo.

Para além das personagens que representavam muito bem a cultura do caipira, Geraldo Policiano Nogueira representa esse estereótipo, uma vez que era um genuíno caipira que vivia no interior do estado, em Bela Vista de Goiás e trabalhava na roça. A imagem abaixo ilustra o caipira, representado por Geraldo, rodeado por sua simplicidade.

Figura 10 - Geraldo Policiano Nogueira



Fonte: <https://redeglobo.globo.com/tvanhanguera/noticia/2012/10/1-torneio-nacional-de-contadores-de-causo-geraldinho-nogueira.html>

Geraldo era a representação de uma cultura considerada escassa e teve a ousadia de utilizar isso a seu favor ao se tornar um contador de causos no programa “Frutos da Terra”, pela Rede Globo de televisão, de 1984 a 1993, ano em que faleceu. Pode-se afirmar que isso contribuiu para que a cultura desse grupo fosse vista de uma maneira mais positiva, haja vista que, desde o seu surgimento, a cultura caipira é estigmatizada

assim como a cultura do estado de Goiás de modo geral que é um estado visto por pessoas de muitas metrópoles como uma “grande roça”.

1.3 A história do caipira goiano

A figura do caipira surgiu, em um primeiro momento, em São Paulo. Em princípio, era concebido como mestiço, pois advinha da miscigenação entre bandeirantes e indígenas. Eram descritos de maneira extremamente pejorativa e malvistas pela sociedade tanto pela origem quanto pelo estilo de vida. Ele surge em Goiás quando a economia aurífera tem o seu declínio e há uma ruralização da população, uma vez que a agricultura passa a ser o modo econômico da época. Assis (2018, p.79) afirma que

O Brasil, então, se esquece de Goiás, que vive isolado do restante da colônia, em sua solidão de sertão, desarticulado do circuito econômico nacional. Referido ambiente fará nascer um tipo humano específico definido por Darcy Ribeiro como o caipira.

Alguns autores, como Saint-Hilaire (1822), Monteiro Lobato (1914), Amadeu Amaral (1920) e Cornélio Pires (1950) apresentam algumas caracterizações do caipira em seu surgimento. O primeiro, apesar de ir a São Paulo para estudar o estilo de vida dos índios e do trabalho negro, em seus relatos, fez algumas considerações acerca do caipira quando viajou para a província de São Paulo:

[...]quando percorrem a cidade, usam calças de tecido de algodão e um grande chapéu cinzento, sempre envolvidos no indispensável poncho, por mais forte que seja o calor. Denotam seus traços alguns dos caracteres da raça americana, seu andar é pesado e tem um ar simplório e acanhado. Pelos mesmos, têm os habitantes da cidade pouquíssima consideração, designando-os pela alcunha injuriosa de caipiras. (Saint-Hilaire, 1819, p.41).

O pesquisador já comungava do mesmo tratamento de inferioridade dado ao caipira naquela época. Em uma viagem a Goyaz, Saint-Hilaire caracterizou os caipiras como preguiçosos, roceiros, provindos de classe inferior.

Na conjuntura de esquecimento do estado, no período de 1910 a 1920, da situação caótica em que se encontravam as questões sanitárias da época, e do surgimento da figura do caipira, em 1914, Monteiro Lobato cria o Jeca Tatu, fazendo com que a população pense nos problemas do país de uma maneira diferente. Para o autor, o Jeca Tatu representava a realidade do homem do campo e revelava uma crítica ao genuíno brasileiro que ia de encontro ao modernismo europeu da época. Em “Urupês”, alguns trechos mostram como o Jeca Tatu era descrito:

[...] como individualmente, em todos os atos da vida, o Jeca antes acocora-se...seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada de guincho, é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a inteligência. De pé ou sentado, as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa (Monteiro Lobato - Urupês, 1914, p.13 e 14).

O autor era a voz do fazendeiro, daquele que via o Jeca como responsável pelos males que ocorreram na fazenda que havia herdado de sua família. Nota-se que o autor tinha uma ideia muito negativa do caipira, decorrente das práticas desse grupo em sua fazenda, pois, através de uma denúncia feita ao estado, Lobato apresenta o caipira como parasita da terra, aquele que usufrui do que a terra oferece até que ela não produza mais, vivendo como nômade.

Lobato também apresenta importantes contribuições acerca da cultura desse grupo. Segundo ele, ainda em “Urupês”,

(o Jeca) à noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para ‘aquecê-lo’, imitado da mulher e da prole. Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras. Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cócoras...Quando comparece às feiras, todo mundo adivinha logo o que ele traz, sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher (Monteiro Lobato - Urupês, 1914, p.14).

A caracterização do Jeca pelo escritor passa por características pejorativas que o descrevem como preguiçoso e inferior. Amadeu Amaral (1920), por outro lado, apresenta uma preocupação em relação ao caipira. Em sua obra “Dialeto caipira”, evidencia que as manifestações caipiras estavam presentes na vida cotidiana e que, com o passar do tempo, essa figura foi colocada à margem da sociedade. Esse abandono do homem rural representava o poder das oligarquias rurais. De acordo com Amadeu Amaral:

Os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior. (Amadeu Amaral, 1920, p. 6).

Ao expressar a sua preocupação com o fim da figura do caipira e, conseqüentemente, sua linguagem, Amadeu Amaral (1920, p.6) afirma que “ele acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas

pela antiga educação.” Apesar da afirmação do autor, pode-se dizer que, ainda que escasso, o caipira ainda hoje é encontrado em alguns estados como Minas Gerais, São Paulo e Goiás. E ainda é visto muitas vezes como um pobre coitado que vive alheio à modernidade.

Cornélio Pires (1950) também faz algumas considerações sobre o caipira. Suas percepções convergem com o que é apresentado por Amadeu Amaral, apesar de acreditar que essa figura é vítima do analfabetismo e da pobreza. O autor vai de encontro às descrições apresentadas por Monteiro Lobato e evidencia oposição de modo claro em alguns momentos. Era claro para ele que nem todos os caipiras ajustavam o seu modo de vida ao que Lobato mostrava com o personagem Jeca Tatu, pois acreditava que aqueles eram inteligentes e corajosos, uma vez que faziam o trabalho da terra e o homem da cidade deveria ser grato.

Em “Conversas ao pé-do-fogo” (1921), uma série de contos de Cornélio Pires, o autor inicia com uma referência a Monteiro Lobato e ao modo como este tem apresentado a figura do homem do campo:

O nosso homem do campo tem sido vítima de alguns escritores patricios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens para aproveitar figuras interessantes e frases felizes como jogo de palavras. Sem conhecimento direto do assunto, baseados em rápidas observações sobre “mumbavas” e “agregados”, [...] certos escritores dão campo ao seu pessimismo, julgando o “todo” pela “parte”, justamente a parte pobre, apresentando-nos o camponês brasileiro coberto de ridículo, inútil, vadio, ladrão, bêbado, idiota e “nhampã”! (Cornélio Pires – “Conversas ao fogo”, 2002, p.19).

Apesar de Pires, de certa forma, defender o caipira, ainda predomina em sua fala uma visão extremamente estereotipada, uma vez que deixa clara a ideia de superioridade do homem citadino. Este deveria instruir o caipira que, conforme Pires (2004, p.127), “está apto a aprender qualquer atividade que lhe for ensinada.” Essa instrução, inclusive, aparece em sua obra “Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho”, publicada em 1924, em que Cornélio dialoga com um grupo de caipiras e os instrui a respeito do trato de suas terras:

- Olhem: vocês que vivem em “suas” terras, devido à facilidade da vida no Brasil, não enxergam onde e como ganhar dinheiro...
 - Isto é... os intaliano, sim, são quatro pau de ambicioneiro...interrompeu o Tuliano.
 - Vocês procuram destruir as matas e capoeiras, fazem o serviço mais difícil que é desbravar a terra; plantam meia dúzia de vezes, ou nem isso, e largam o terreno justamente quando a cultura é mais fácil; a

pretexto de que a terra está “safada”, cansada, vendem-na barato, no melhor “ponto” para trabalho italiano, que já a encontra preparada até para o arado...

- Isto é certo... concordaram.

- Vocês vão acabando com as capoeiras e, no entanto, deixam o “cambará”, a “vassoura”, a “samambaia”, a “guainxuma” e até o “sapé invadir o terreno, dando às casas uma feição de tapera...

- Vacê tem razão...

- Destruam as pragas, limpem suas casas, barreiem-nas de novo, façam latrinas, porque o bichinho do amarellão entra pelos pés, e como vocês “armam laço” nos arredores da casa, a chuva semeia os bichinhos, lombriguinhas, nos arredores da casa...

- Já se viu! Isso nós num sabia...

- Aproveitem o que o sítio pôde dar. Olhem aquela baixada barrenta e aquela espigão de terra boa. Plantem algodão...

Com o diálogo acima, é possível perceber que o caipira não dá o mesmo valor que o homem da cidade dá ao dinheiro, pois aquele não produz em larga escala e apenas utiliza a terra para subsistência. Esse diálogo também evidencia um arquétipo de caipira necessário para o desenvolvimento da cidade, pois Pires considerava que o trabalho feito pelo homem do campo não seria feito por qualquer pessoa.

Em Goiás, por volta da década de 1940, diversas pessoas se viram obrigadas a deixar o campo e ir para a cidade. A modernização citada por Amadeu Amaral chegara ao estado e diversas pessoas perdiam suas terras para grandes indústrias agropecuárias. Muita gente se dirigia para a capital. Na cidade, o caipira aprendia qualquer ofício, pois o que se aprendia na roça já não servia.

Carmo Bernardes (1986) em “Quarto crescente: lembranças” apresenta lembranças que contribuem para a composição da relação entre o campo e a cidade ao relatar o momento em que essa dicotomia fez parte de sua vida: “Em 1945, saí da roça definitivamente. Cheguei animado em arrumar um meio de vida mais folgado, abandonar os ofícios que meu pai me havia ensinado. Também tudo o que havia aprendido na roça era de pouco valor na cidade, ou nenhum.” (Bernardes, 1986, p. 189).

Bernardo Élis (1966), contista que nasceu em Corumbá de Goiás, em sua obra “Veranico de Janeiro”, retrata a vida árdua do trabalhador rural nas fazendas. O conto narra a história de Supriano, um trabalhador que fazia diárias em fazendas, fica doente, é preso e morre perambulando pelas ruas de uma cidade. Esses contextos exploram as dificuldades vividas pelo caipira e apresentam a sua luta em meio a uma sociedade que criou um conceito estereotipado do homem do campo e que apesar de usufruir do fruto de seus trabalhos perpetua a ideia de superioridade e de inferioridade.

1.4 O dialeto caipira

O descobrimento do Brasil marca a chegada da língua portuguesa à América. Naquela época, já havia, no Brasil, mais de 1 milhão de indígenas e mais de 300 línguas autóctones. A língua predominante no país era o Tupi, que foi estudado pelos jesuítas para se comunicarem com os índios. Entretanto, em pouco tempo, os nativos foram obrigados a aprender a língua portuguesa. Hoje, ela é reconhecida como idioma oficial em sete países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, porém, sua disseminação e estabelecimento nessas regiões ocorreram de maneira distinta devido aos diferentes processos coloniais vivenciados por cada nação. A respeito disso, Lucchesi (2011, p. 46) evidencia que

A ampla e profunda implantação da língua portuguesa no Brasil deve-se a algumas das características essenciais de seu processo de colonização: extermínio da população autóctone e colonização massiva pelos portugueses desde o século XVI até o século XIX. Tiveram um papel igualmente determinante na difusão da língua portuguesa no Brasil os quatro milhões de africanos trazidos como escravos, no mesmo período, e que foram forçados a abandonar as suas línguas nativas e adotar o português como língua de comunicação.

Em países como a África, por exemplo, há diversos dialetos e a população autóctone não foi dizimada ou obrigada a falar a língua portuguesa. Lucchesi (2011, p. 46) ainda destaca

que as ilhas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe eram desabitadas quando lá chegaram os portugueses e foram povoadas majoritariamente por escravos trazidos do continente, sob o jugo de um número reduzido de colonos portugueses, cenário que deu ensejo à formação das línguas crioulas. E a implantação do português na Ásia e na Oceania é ainda mais rarefeita.

Outro aspecto relevante acerca da disseminação da língua portuguesa é a existência de variações linguísticas significativas entre o português falado no Brasil e o padrão estabelecido pelo português europeu. Tal divergência linguística tem levado os brasileiros a perceberem sua língua como particularmente complexa. Em contrapartida, na África, observa-se uma situação diferente, onde a variedade utilizada é influenciada pelo padrão europeu, resultando em uma maior proximidade.

É importante salientar que durante o processo de colonização, nos séculos XVI ao XIX, mais de quatro milhões de africanos foram trazidos para o Brasil, fato que ocasionou o contato linguístico. Logo, o português do Brasil, desde a sua origem, conta com influências de línguas indígenas, línguas de matriz africanas e do Português Europeu.

Conforme mencionado por Buarque de Holanda (1936), o idioma Tupi detinha predominância em São Paulo durante todo o século XVII. De acordo com as observações de Teodoro Sampaio (1900-1902), o Tupi ainda mantinha sua relevância como língua no século XVIII. Assim, é plausível inferir que tanto os habitantes dos aldeamentos quanto os administrados utilizavam o Tupi como uma língua de uso cotidiano. Entretanto, uma pesquisa realizada por Oliveira (2009) propõe que a língua portuguesa sempre foi falada na região. Segundo ela,

a língua portuguesa sempre foi falada na Vila de São Paulo, desde o início de seu povoamento e que havia uma política educacional centrada no letramento e no ensino do Latim. Cartas pessoais continuam sendo prova irrefutável do uso dessa língua na Vila de São Paulo. A recuperação de 20 dessas cartas entre os inventários paulistas dos séculos XVII e XVIII leva-me a assumir, portanto, que a língua portuguesa sempre foi falada em São Paulo (Oliveira, 2009, p.186).

Em meados do século XVIII, em virtude do grande contingente de imigrantes portugueses, a língua portuguesa foi instituída como a língua oficial e o Tupi passou a ser proibido. No Brasil, hoje, conforme levantamento da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados e do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, as nações indígenas falam cerca de 180 línguas autóctones e são falados em torno de 200 idiomas.

Ao entender esse processo de formação da língua portuguesa no Brasil, é possível afirmar que o dialeto caipira tem as suas bases na mescla de idiomas de origem Tupi e portuguesa. Ainda hoje, muitos traços desse dialeto estão presentes em linguagens interioranas. Conforme Santiago-Almeida (2013, p. 25),

Toda variedade linguística, como se sabe, surge e passa por diversas e contínuas mudanças no decorrer de sua história. Entenda-se: a história social da comunidade que dela se utiliza. Partindo desse princípio, pode-se dizer, sem temer a incoerência, que o que se conhece hoje como dialeto caipira, restringindo-se ao paulista, é resultado de uma cultura de miscigenação entre índios e não índios. Quer dizer: nasceu em núcleos familiares paulistas –que, em sua maioria, eram compostos por portugueses vindos de diferentes regiões de Portugal, índios de diferentes etnias, e seus filhos mamelucos (descendentes desse contato étnico, social e cultural) –ainda nos séculos XVI e XVII.

O escritor destaca também que a percepção geral reconhece que o dialeto caipira teve sua origem em São Paulo. No entanto, essa variedade linguística se difundiu devido à atividade dos bandeirantes, que exploraram o interior do país em busca de recursos minerais. Assim, ele evidencia que,

A partir daí, pode-se rever algo, que é do senso comum, como dizer que o dialeto caipira nasceu no interior paulista –mais especificamente na área conhecida como Médio Tietê, que inclui as regiões de Campinas, Piracicaba e Sorocaba. Quem tende a pensar assim está vendo apenas pela ótica sincrônica, fazendo um recorte no tempo, em um contexto presente. O que é natural e compreensível. Mas deve-se enxergar também pela ótica diacrônica. Para isso, é preciso levar em conta a história social de São Paulo desde o princípio, sem deixar de observar, com vagar, todo percurso histórico da origem e formação do que hoje é o estado de São Paulo, sua capital e seu interior (Santiago-Almeida, 2013, p. 25).

Amadeu Amaral (1920) em seu livro “O dialeto caipira” preocupou-se em registrar elementos prosódicos, fonético-fonológicos, lexicais, sintáticos e morfológicos que ainda hoje compõem esse dialeto. Acerca da prosódia, o autor apresenta que “O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaduras que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa.” (p.9). Ainda dispõe em outro ponto que a linguagem é vagarosa e cantada. A partir dessa característica, ele explica a relação entre alguns fenômenos fonético-fonológicos, como a baixa incidência de mutações e elisões que suprimem vogais átonas internas. Sobre os fonemas, o autor relata que “[...] são os mesmos do português, se não levarmos em conta ligeiras variantes fisiológicas, que sempre existem entre povos diversos e frações de um mesmo povo [...]” (p.12), apesar disso, ele apresenta algumas observações:

- O “s” pós-vocálico tem o mesmo valor [...] o “s” sibilante, chiado são desconhecidos em São Paulo;
- O “r” inter e pós-vocálico possui uma característica peculiar: linguopalatal e guturalizado. O “r” caipira assemelha-se bastante ao “r” pós-vocálico do inglês;
- A explosiva gutural “gh” em alguns casos se vocaliza: áu-ua = água; léu-ua = Légua;
- A consonância palatal “lh” não existe no dialeto, como na maioria dos dialetos portugueses da África e da Ásia (Amaral, 1920, p.12).

Penha (1997, p.36) observa também a ocorrência exclusiva de vogais pretônicas na fala rural da região do bairro de São Domingos, situado no município sul-mineiro de Elói Mendes. Como exemplos, cita palavras como "r[ɛ]lar", "r[ɛ]lé" e "r[e]zão". A respeito do rotacismo, o autor também confere que se trata de um processo frequente nos falares interioranos no Brasil.

Em relação ao léxico, o pesquisador evidencia que “o vocabulário do dialeto é, naturalmente, bastante restrito, de acordo com a simplicidade de vida e de espírito, e, portanto, com as exíguas necessidades de expressão dos que o falam.” (p. 20). Ainda apresenta que o dialeto é constituinte de vocábulos provenientes do colonizador, de

línguas indígenas, importados de outras línguas de forma indireta e de palavras que surgiram no próprio dialeto.

Camacho (2013, p.107), do mesmo modo, apresenta algumas considerações sobre a origem do dialeto caipira:

Na região de São Paulo teria se estabelecido um dialeto crioulo do tipo tupi-quimbundo. Tendo, depois, passado por um processo de lusitanização, esse crioulo teria dado origem ao dialeto caipira, cuja área de atuação foi ampliada pelo trabalho das bandeiras e monções que atingiu inclusive o rio São Francisco e os sertões nordestinos.

Além dos sertões nordestinos, como aponta Camacho (2013), os bandeirantes ocuparam o estado de Goiás, levando o dialeto caipira para outras regiões. Esse contato com indígenas levou à inserção de diversas palavras de origem Tupi que ainda hoje continuam fazendo parte do léxico caipira e da língua portuguesa de modo geral. Amadeu Amaral (1920, p.23) explica que:

A nossa população primitiva, durante muito tempo, antes da introdução do negro, era, pela maior parte, composta de indígenas e de mestiços de indígenas. Da extensão que teve a língua dos aborígenes no falar dos primitivos dois ou três séculos da nossa existência, dão testemunho flagrante, além de muitos vocábulos que entraram nos usos sintáticos correntes [...].

Para registrar o dialeto e as influências de línguas autóctones e alóctones, Amaral elabora um glossário do dialeto caipira na tentativa de registrar não apenas a linguagem, mas imortalizar a cultura desse povo, uma vez que língua e cultura não são dissociáveis. Vale analisar algumas palavras, a fim de um melhor entendimento do que vem a ser essa variedade:

BRABÊZA, qualidade do que é brabo (vede esta palavra). Os dicionários registram braveza. (Amadeu Amaral – Dialeto Caipira 1920, p.85).

BRABO (qualificativo) — zangado, zangadiço, colérico; bravio (animal); denso, selvagem (mato). Mais ou menos corrente no Brasil todo. Diz Simões Lopes Neto, no conto "Trezentas onças" (Rio Grande do Sul): "... sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedras..." — Esta forma não parece mera variante de "bravo", que é de importação francesa por um lado, e italiana por outro. Tirou-a talvez a língua, diretamente, de bárbaro, através da forma bárboro, com dissimilação do segundo a, que facilitou o encurtamento do vocábulo, Bárboro encontra-se nos antigos; por exemplo, em D. João de Castro: "E asi me sertifiquei da longura que ha do brazil ao cabo da boa esperança e nisto estou tão costamte que me atreverei a o fazer confesar a omens barboros e a outros de grande enjenho" (Carta ao Rei, em "Dom João de Castro" por Manuel de Sousa Pinto). A própria forma brabo, tal qual, se encontra na Comédia Eufrosina". (Amadeu Amaral – Dialeto Caipira 1920, p.85).

FAIÁ, falhar (v.i.) — faltar. Além de outras acepções castiças (negar fogo, não acertar, não se realizar etc.), tem esta de "faltar", que parece paulista (e brasileira), principalmente com a aplicação a "dias", aqui feita a cada passo: "Fáiz óito dias que viajo: saí de casa na terça-fêra da somana passada; caminhei inté sexta; faiei sábado e dumingo na vila..." (Amadeu Amaral – Dialeto Caipira 1920, p.141).

PERCISÁ(R), precisar (v.t. e i. usado impessoalmente): "Pra viajá por essas estrada percisa corage". (Amadeu Amaral – Dialeto Caipira 1920, p.200).

PIÃO (s.m.) — domador: quebra o chapéu na testa o tal Faé. que é o pião mais cuéra e mais desempenado. (Cornélio Pires) Alteração de peão, com uma curiosa evolução de sentido, que vem a dizer justamente o contrário do que outrora se entendia, isto é, "homem que anda a pé". — É monossílabo. (Amadeu Amaral, Dialeto Caipira, 1920, p.200).

As palavras acima estão inseridas no dialeto caipira tanto na variedade paulista quanto na variedade goiana, compartilhando os mesmos sentidos e significados propostos por Amaral. Os vocábulos “brabêza” e “brabo” sofreram uma alteração fonética que pode ter ocorrido pela proximidade dos pontos articulatórios dos fonemas /p/ e /b/, pois, de acordo com Houaiss (1991), dicionário da língua portuguesa, as formas seriam “bravo” e “braveza.”. A palavra “faiá” apresenta a vocalização do lh em i. Amadeu Amaral (1920) já havia dito nas partes iniciais do livro que o lh não é usado pelos caipiras. O mesmo acontece em palavras como “muié” e “cuié”. Em “percisá” são identificados dois fenômenos: metátese - inversão da posição do “r” e do “e” - e síncope – supressão do “r” no final da palavra. Em “pião” outro fenômeno muito comum é evidenciado na queda da vogal “e”, entretanto, essa queda não é restrita ao dialeto caipira.

Anteriormente, já se vislumbrava o declínio iminente do dialeto caipira e tem se tornado ainda mais desafiador encontrar os poucos falantes remanescentes. Nesse contexto, Bortoni-Ricardo (2011, p. 30) destaca que “as tendências de urbanização e industrialização, juntamente com fatores sociológicos, têm influenciado a migração do rural para o urbano”. Esse processo pode ser observado na história dos humoristas Nilton Pinto e Tom Carvalho, cujas narrativas serão analisadas neste trabalho, uma vez que deixaram o interior e mudaram para a capital do estado de Goiás e, ainda que utilizem diversas variantes do dialeto caipira em seus causos, é possível perceber a influência das variedades urbanas em seu vernáculo.

Além disso, a urbanização e o crescimento populacional resultaram em uma vida mais sedentária e na predominância da agricultura voltada para o abastecimento das cidades, reforçando a hegemonia urbana. Nesse cenário de interação entre culturas e modos de vida, o dialeto caipira genuíno inevitavelmente sofre influências que o

modificam. Como aponta a autora, “é necessário reconhecer que o dialeto caipira está aos poucos mesclando-se com as variedades urbanas menos prestigiadas, como parte de um processo inserido em um contexto mais amplo de mudanças sociais.” (Bortoni-Ricardo, 2011, p.37).

Esta pesquisa se propõe a explorar características do dialeto caipira por meio das narrativas de causos compartilhadas pela dupla Nilton Pinto e Tom Carvalho e por Geraldo Policiano Nogueira. Através das histórias de vida desses indivíduos, que serão apresentadas a seguir, será possível entender o trajeto dos humoristas até o palco e compreender também como o linguajar caipira se fez presente na vida de cada um.

1.5 Geraldo Policiano Nogueira

Geraldo Policiano Nogueira nasceu em 1918, na fazenda Aborrecido, em Sussuapara, atual Bela Vista de Goiás, onde viveu até os 16 anos. Casou-se primeiramente com dona Nica, com quem teve 7 filhos, e, depois, com dona Joana Bonifácio, com quem teve 8 filhos. Desde muito cedo, tinha influência da arte através de seu pai que era contador de causos. Além de Geraldinho, o irmão Pedro Nogueira e seu filho João Nogueira também tinham habilidades artísticas. Essa habilidade levou o contador de causo ao programa “Frutos da Terra” em 1984. Seu sucesso repentino durou 10 anos até seu falecimento em 1993.

Apesar de Bela Vista ter, naquela época, a realidade de uma educação, o contador de causo não foi escolarizado. Alguns fatores, como a situação financeira, o trabalho braçal na fazenda onde vivia podem ter contribuído para isso. Ainda que não tenha estudado, Geraldinho tinha muita habilidade com as palavras e se destacou como contador de causo. Walter Lemes (2008), em sua obra “Janelas do tempo – Geraldinho Nogueira e outros escritos”, assim descreve Geraldinho:

O célebre sertanejo filho de Bela Vista de Goiás era, por assim dizer, na exata conceituação euclidiana, o caipira na sua mais pura expressão. Sua postura, quando montado a cavalo, ou pedalando a sua famosa bicicleta, ou mesmo quando parado, ligeiramente arcado para frente, era única. Seu gesto bastante peculiar, ao erguer o chapéu de feltro já bastante surrado, visto que usado diuturnamente, para levemente coçar a cabeça, quando se punha a conversar com aqueles que o cercavam, era previsível. Tudo isso era, por assim dizer, o biotipo geraldiano (Lemes, 2008, p. 28).

Essa descrição apresenta a identidade de Geraldinho que, diante da modernização, manteve sua essência caipira e levou a sua cultura para o mundo. O jeito de andar, as roupas, os gestos, a linguagem, as palavras muitas vezes inventadas faziam parte dessa figura ilustre. Seus causos eram mais do que histórias inventadas, Geraldinho, na maioria das vezes, se colocava como a personagem principal e quase nunca saía como o herói da trama. Através dos seus causos, era possível compreender a cultura popular, pois eles representavam os caipiras do estado.

Com o intuito de preservar e celebrar a cultura local e a história de Geraldinho, uma figura proeminente na comunidade de Bela Vista, em 2004, a Secretaria de Educação e Cultura de Bela Vista de Goiás, em colaboração com a família do homenageado, organizou uma iniciativa significativa. Esta iniciativa culminou na criação de um museu dedicado a Geraldinho, estabelecido nas instalações da Biblioteca Municipal de Bela Vista.

O museu foi concebido como um espaço para compartilhar a vida e a contribuição de Geraldinho para a cidade e para a região. Uma ampla variedade de objetos e artefatos associados à vida de Geraldinho foi reunida e exibida, incluindo itens pessoais como seu rádio, violão, relógio de bolso, ferramentas como ferro à brasa, equipamentos de montaria, trajés típicos e outros objetos que ilustram sua vida.

Essa iniciativa não apenas homenageia a memória de Geraldinho, mas também serve como uma maneira de educar as gerações futuras sobre a importância da cultura local e das figuras históricas que moldaram a identidade da comunidade de Bela Vista de Goiás. O museu se torna, assim, um espaço valioso de preservação e disseminação da história e da cultura locais.

Figura 11 – Objetos pessoais de Geraldinho



Fonte: Castro (2010).

Esses objetos mostram a simplicidade do contador de causo que tinha a sua própria identidade caipira, longe de buscar inspirações no Jeca Tatu, de Monteiro Lobato. Mesmo em meio à modernidade, Geraldo Policiano manteve a sua religiosidade, participando da Folia de Reis que acontecia em dezembro. A imagem abaixo mostra Geraldinho dançando catira na Folia de Reis:

Figura 12 – Geraldinho, à esquerda, dançando catira na Folia de Reis



Todas essas experiências vividas por Geraldo se tornavam, de alguma forma, parte dos causos que contava e foi dessa maneira que ele fez com que o país conhecesse um pouco do que é essa cultura do caipira do estado de Goiás, que se assemelha muito mais às descrições de Cornélio (1950) do que às de Monteiro Lobato (1914).

1.6 Nilton Pinto e Tom Carvalho

A dupla de humoristas², Nilton Pinto e Tom Carvalho, trilhou seus primeiros passos na cidade de Itapuranga, situada na região centro-oeste do estado de Goiás. Nilton, oriundo de Inhumas (GO), passou sua infância no campo, residindo em uma fazenda após

² As informações disponíveis na internet sobre a vida e a trajetória dos artistas são bastante limitadas em relação ao que foi encontrado sobre a vida de Geraldinho. Isso pode ocorrer pela representatividade de Geraldinho como autêntico caipira.

mudar-se para Itapuranga aos 10 anos de idade. Sua trajetória escolar na cidade foi limitada ao quarto ano primário. Naquela época, tinha o sonho de ser jogador de futebol, entretanto, foi interrompido por um incidente aos 13 anos, quando um coice de cavalo comprometeu sua aspiração. Apesar disso, desde jovem, demonstrava inclinação para o humor, participando de performances amadoras e nutrindo o desejo de se tornar palhaço. Após alguns anos, Nilton se casou e foi morar na Cidade de Goiás onde passou a fazer humor amador para crianças.

Já Tom Carvalho, nascido em Itapuranga, inicialmente um agente de saúde, explorava sua paixão pela música nas horas vagas, atuando em uma banda de Música Popular Brasileira (MPB). Em pouco tempo, aprendeu a tocar violão e formou uma dupla que teve sua primeira apresentação no programa chamado Goiás Caboclo, na década de 1980. Tom, que buscava oportunidades na música sertaneja em Goiânia, chegou a montar uma banda. Sem sucesso, posteriormente, casou-se e ingressou na faculdade de Filosofia.

Foi por volta de 1992, durante uma campanha política vinculada ao irmão de Nilton, que Nilton e Tom se encontraram pela primeira vez nos palcos. Enquanto Tom apresentava o “showmício” interagiu com Nilton que fazia o papel de um coronel muito engraçado. Nilton logo viu que Tom levava jeito para atuar e convidou ele para juntos criarem um espetáculo. Compartilhando o interesse pela arte, decidiram unir forças e aventurar-se no mundo do entretenimento. Nilton já demonstrava sua inclinação artística ao adaptar textos do escritor Bernardo Élis, conforme relatado em entrevista ao Globo.com em 10 de abril de 2023³.

A comédia escrita por Nilton chamada “O casamento é uma piada”, foi o pontapé inicial dessa parceria se deu em uma bem-sucedida apresentação em Itapuranga, que atraiu uma audiência superior a 10 mil espectadores. Com o êxito inicial, a dupla resolveu partir para Goiânia, onde fizeram ainda mais sucesso.

O ponto alto da carreira da dupla Nilton Pinto e Tom Carvalho foi o show realizado em Brasília, que atraiu uma plateia de mais de 70 mil pessoas. Naquela época, anterior às redes sociais, eles adotavam uma abordagem mais tradicional para promover seus eventos, indo pessoalmente às ruas para vender ingressos e CDs. Ainda na entrevista dada ao Globo.com, os humoristas compartilharam que enfrentaram algumas dificuldades relacionadas ao ambiente teatral, visto que era considerado um entretenimento elitizado. Para contornar essa barreira, adotavam uma abordagem inovadora em seus espetáculos,

incorporando histórias populares que conseguissem capturar a atenção do público e proporcionar um entretenimento acessível a todos os estratos sociais.

A proposta artística de Nilton Pinto e Tom Carvalho consiste em transpor a cultura e os valores do homem do campo para o ambiente urbano. Em entrevista ao jornal O Popular em 21 de abril de 2023, Nilton compartilha a abordagem adotada pela dupla, caracterizada por um humor limpo e autêntico, sem apelos sensacionalistas, desafiando estereótipos, visando conquistar o público familiar e trazer a essência do homem do campo para os palcos teatrais.

Figura 13 – Nilton Pinto e Tom Carvalho



Fonte: <https://portal6.com.br/2016/12/13/anapolis-recebe-especial-de-natal-com-nilton-pinto-e-tom-carvalho/>

Na imagem acima, podemos ver a dupla em uma de suas performances, retratando personagens caipiras. No vídeo divulgado pelo Conexão Escola³, no qual os comediantes compartilham detalhes de suas vidas pessoais, Tom enfatiza que o propósito da dupla não se resume a provocar risos por si só, mas sim transmitir uma mensagem de melhoria pessoal e promover uma convivência familiar mais harmoniosa. Em abril de 2023, a dupla celebrou três décadas de trajetória artística e planejava realizar uma turnê de despedida dos palcos, direcionando seu trabalho exclusivamente para os meios digitais sem perder as origens que formaram a dupla. A escolha de se afastar da mídia tradicional para se concentrar nas redes sociais foi motivada pela saúde de Nilton, que possui um marca-passo e já teve mais de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Agora, a ideia é focar no digital, mas sem perder as origens que formaram a dupla. Ainda hoje, fazem muito sucesso no meio virtual e são aclamados pelo estado de Goiás.

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=n2KvuTyjthI&t=717s>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2025.

Em suma, os humoristas apresentados fazem parte da cultura caipira no estado de Goiás, levando referências do cerrado, o resgate do homem do campo e o bom humor. Conhecer o processo do surgimento do estado é perceber o reflexo da rica história e da diversidade cultural dessa região. Influenciada pela miscigenação de povos indígenas, negros e europeus, essa cultura floresceu através de suas tradições musicais, culinária, danças e costumes únicos. É através desses elementos que se preserva e se celebra a identidade cultural dos povos que habitam e moldam essa terra, enriquecendo-a com sua autenticidade. Assim, a cultura caipira em Goiás continua a ser uma fonte de orgulho e inspiração, conectando as gerações passadas, presentes e futuras através de suas tradições.

Portanto, a partir dessa contextualização, o capítulo seguinte apresentará os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa.

CAPÍTULO 02 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A linguagem é um fenômeno complexo, sujeito a variações e a mudanças ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, a Teoria da Variação e Mudança Linguística tem sido fundamental para a compreensão dos mecanismos subjacentes às transformações que ocorrem nas línguas. Essa teoria nos permite investigar as variáveis linguísticas. Desse modo, o capítulo dois destaca três variáveis: a despalatização, a queda da oclusiva /d/ em gerúndio e a concordância nominal, bem como os pressupostos teóricos que deram base para a análise dos dados.

Quando se trata de variação linguística, é importante considerar também os estereótipos na concepção laboviana, que influenciam a percepção e a avaliação das variedades linguísticas. Além disso, os pressupostos da 3ª onda da Sociolinguística, ancorados nas pesquisas de Eckert (2012), defendem a concepção de que o emprego de diferentes formas linguísticas pelos falantes emerge diferentes identidades pela capacidade de indexarem significados sociais, desse modo, a variação será entendida considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações. A variação, portanto, passa a ter um significado social. Autores como Bell (1984), Gumperz (2013) e Gofman (2016) também fazem suas considerações, destacando a natureza adaptativa e interativa da construção de identidade e estilo na terceira onda da Sociolinguística. Ochs (1992) e Agha (2003) apresentam conceitos importantes acerca do enregistramento e da indexicalidade, teorias relevantes para as pesquisas de terceira onda.

Nesse contexto, o humor surge como um elemento relevante, com seus pressupostos e estratégias que se utilizam não só de variações linguísticas como também de diversos elementos semióticos para provocar o riso. Considerando isso, a presente pesquisa também investiga como os signos são produzidos, transmitidos, interpretados e usados em diversos sistemas de comunicação, incluindo a linguagem, a cultura, a arte, a mídia, entre outros. De modo específico, a análise das estruturas dos causos será feita, a fim de revelar características enunciativas, desenvolvimento temático e procedimentos argumentativos específicos dos causos, distinguindo-os como um gênero único.

Outro ponto fundamental a ser explorado é o papel que a mídia desempenha na propagação da cultura regional, destacando e difundindo expressões linguísticas e tradições locais e, ao mesmo tempo, reforçando estereótipos. Para isso, o método netnográfico é imprescindível, pois permitirá o alcance ao *corpus* que está presente no meio digital.

Assim, este capítulo apresenta pressupostos teóricos que embasam a interseção entre linguagem, humor, cultura regional e mídia, explorando como o uso de variáveis linguísticas influencia a construção do humor, com enfoque no gênero causo e contribui para a propagação da cultura regional, muitas vezes, de modo pejorativo.

2.1 Teoria da variação e mudança linguística

A Sociolinguística surgiu em 1960 com os estudos de William Labov em meio a algumas lacunas deixadas pelo Estruturalismo e pelo Gerativismo. O estruturalismo definia a língua como homogênea e unitária, sem influências de fatores sociais, ou seja, a língua por ela mesma; o gerativismo construiu a ideia da competência linguística de um falante ideal em uma comunidade linguisticamente homogênea. Diante dessas considerações, Labov (1972) questiona os pressupostos estruturalistas e gerativistas, uma vez que, para o autor, não há como desconsiderar os fatores externos à língua, contrariando Saussure, precursor do Estruturalismo, bem como contraria Chomsky, ao defender as ideias da competência linguística e da comunidade heterogênea. Nesse contexto, Labov (1972) apresenta postulados sobre a variação e a mudança linguística, haja vista que a Sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade e as mudanças linguísticas em uma comunidade de fala.

Na abordagem de Labov (1972), as línguas são sistemas heterogêneos, porém providos de sistematização. Logo, a Sociolinguística tem como um dos objetivos explicar esses sistemas, por meio da Teoria da variação e da Mudança linguística. Desse modo, percebe-se que a variação é inerente à língua e há diferenças fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas e no próprio uso da língua, e, para Labov (1972), essas mudanças são relevantes quando assumidas por um grupo social. Diante disso, a heterogeneidade implica regras e a Teoria da Variação fornece regras empíricas para entender como a mudança é implementada.

Bagno (2007) explica os níveis de variação que foram mencionados acima. São eles:

- a) Variação fonético-fonológica: ocorre quando uma mesma palavra é pronunciada de maneiras diferentes. A pronúncia dos róticos exemplifica essa variação, uma vez que, no português, ela pode acontecer das seguintes maneiras: [r] tepe, [r] vibrante, [x, ʝ, h, ð] fricativas e [ɻ] retroflexo.
- b) Variação morfológica: palavras com mesmo significado construídas com sufixos diferentes. Por exemplo: andando/ andano.

- c) Variação sintática: a posição dos termos de uma oração varia. Isso acontece na frase “Uma reunião que ninguém quer participar” ou “Uma reunião que ninguém quer participar dela” ou ainda “Ninguém quer participar da reunião”.
- d) Variação semântica: o significado e/ou sentido de um vocábulo muda de acordo com a origem regional do falante. A palavra “vexame” conforme exemplifica Bagno (2007) pode significar vergonha ou pressa.
- e) Variação lexical: diferentes vocábulos que se referem à mesma coisa. Por exemplo, “tangerina”, “bergamota”, “mexirica”.
- f) Variação estilístico-pragmática: expressões que mudam o grau de formalidade ao serem usadas, dependendo da formalidade, do ambiente e da intimidade entre os interlocutores. Pode-se, por exemplo, dizer, ainda conforme o autor, “Por favor, queira sentar”, “Senta aí logo”, “Vamos sentano”.

Lucchesi (2015) retoma o que foi denominado por Labov, Herzog e Weinreich (1968) como “problemas”, que são questões às quais uma boa análise linguística da variação deve responder. O primeiro é o problema da transição que, conforme apresenta Lucchesi (2015, p. 31), “diz respeito a todas as fases do processo que conduz à substituição de uma forma linguística por outra, considerando tanto o desenvolvimento da mudança na estrutura linguística quanto o seu desenvolvimento social;” O segundo é o problema de encaixamento que diz respeito a como a estrutura será usada em diferentes contextos; O terceiro é o problema da avaliação que questiona como a variedade será avaliada.

Lucchesi (2015, p. 32) evidencia que, “se uma variante inovadora passa a despertar uma forte reação negativa entre os falantes, por exemplo, um potencial processo de mudança tende a se retrair.” Logo, é importante mensurar o potencial de aceitação da variante. O quarto problema é da restrição, que, ainda segundo o autor, “coloca em questão os limites da variação e da mudança na estrutura linguística” (p. 32), esse problema evidencia que determinadas variáveis são restritas a determinadas estruturas. O quinto e último problema é o da implementação que é quando a forma vigora.

Essa abordagem, apesar de, segundo Lucchesi (2015), representar uma abordagem mecanicista, tenta captar a ideia de que a variação não é um mero acidente na língua e que pode ser estudada e explicada. Diante disso, é pertinente também entender os conceitos de variação, variedade, variável e variante. A primeira, para Labov (1976), são formas diferentes de se dizer a mesma coisa, ou seja, muda a estrutura e não interfere no

significado. Conforme Mollica e Braga (2021, p. 10), “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas alternativas”.

Vale ressaltar que a variação, muitas vezes, é apresentada apenas por motivos regionais, entretanto, ela pode ocorrer por questões de desigualdade social, de herança familiar, diferenças culturais, entre outros motivos. O segundo conceito que deve ser apresentado é o de variedade, palavra usada para se referir aos falares, à fala de uma comunidade, aos dialetos, considerando todas as suas particularidades. A variável, por sua vez, refere-se ao fenômeno que se encontra em variação, ao fenômeno estudado e, por último, a variante que consiste nas possibilidades dentro da variável.

Para exemplificar a teoria apresentada, pode-se tomar como objeto o dialeto caipira, uma vez que é uma variedade com suas particularidades tanto categóricas quanto variáveis. Assim, ao analisar a ocorrência dos róticos, por exemplo, estuda-se uma variável, logo, o “r” caipira, caracterizado pelo retroflexo, é uma variante. O esquema abaixo mostra que a variação linguística pressupõe variedades que levam à identificação de fenômenos específicos e, em seguida, a possibilidades dentro das variáveis, as chamadas variantes:



Compete à Sociolinguística examinar o nível de consistência ou mudança na variação linguística, identificar os fatores que influenciam positiva ou negativamente a ocorrência de usos linguísticos alternativos e antecipar seu comportamento regular e previsível. Percebe-se, então, a importância da Teoria da Variação e da Mudança Linguística para a sociedade, uma vez que algumas formas nem sempre são bem-vistas e cabe à Sociolinguística explicá-las, abrindo espaço para a aceitação.

2.2 Identidade, estilo e significado social

É relevante compreender, inicialmente, alguns conceitos de identidade que permeiam os estudos Antropológicos e dialogam com a Sociolinguística. Considerando as variadas concepções, Hall (2015) apresenta a identidade do sujeito pós-moderno. Para ele, a partir do século XXI, existe uma diversidade de estilos e identidades, que são segmentadas e instáveis, em contraste com concepções anteriores que viam a identidade como algo fixo e permanente. A ideia de Hall está alinhada com as convicções de Bauman (2005) em sua teoria da “Modernidade líquida”, que caracteriza a identidade como líquida

e volátil. Giddens (2002, p. 79) descreve a identidade como um “estilo de vida”, constituída por um conjunto de elementos.

Outros conceitos de identidade convergem para o âmbito linguístico. Dessa forma, Labov (1960) propõe uma visão de identidade baseada na estratificação da população, considerando categorias como sexo, profissão, classe social, raça, idade e região. No entanto, estudos mais recentes demonstram que identidade e estilo vão além dessas categorizações. Giles (1973) apresenta a “Teoria da acomodação”, que sugere que uma identidade pode ser criada a partir da agentividade do indivíduo, ou seja, o falante que deseja obter a aprovação de um determinado grupo faz escolhas linguísticas que o afastam do seu grupo original para aproximá-lo do grupo externo.

Embora existam outras concepções de identidade, estilo e significado social, Labov (1960) foi pioneiro com seu trabalho em Martha’s Vineyard quando abordou a centralização de /ay/ e /aw/ como marcador de identidade social e com a pesquisa nas lojas de Nova York ao estudar a estratificação do /r/. Desde então, ele identificou que as variáveis utilizadas traziam significado social e/ou estilo, definindo este último pelo grau de monitoramento do falante em determinado momento. Bell (1984) sugeriu que o estilo é determinado pela audiência e não pelo monitoramento. Coupland (2007), por sua vez, associa as variações estilísticas à construção de diferentes personae. Como uma forma de revisar e complementar as teorias anteriores, estudos da Terceira Onda (Eckert, 2012) defendem a ideia de que o uso de diferentes formas linguísticas pelos falantes gera diferentes identidades pela capacidade de indexarem significados sociais. Assim, o estilo é compreendido como o conjunto de significados produzido a partir dos fenômenos de variação.

Coupland (2007) ainda argumenta que os falantes têm à disposição um repertório de formas linguísticas que são escolhidas para produzir determinados significados sociais. De acordo com o autor, é válido afirmar que, diante dos diversos papéis dos indivíduos na sociedade e das variadas situações de interação, o falante desenvolve métodos de escolhas linguísticas. Goffman (2016), por sua vez, usa a analogia do teatro para explicar que os indivíduos (ou atores sociais) mudam de aparência e de comportamento para corresponderem às expectativas de cada situação e audiência. Desse modo, uma pessoa pode representar diferentes papéis dependendo de como se expressa.

Diante dessas diversas concepções, destaca-se a Sociolinguística que compreende as perspectivas de estilo e identidade por meio das três ondas de estudos sociolinguísticos subdivididas por Eckert (2012). Na primeira onda, encontram-se os estudos variacionistas

iniciados por Labov (1960), que estabeleceram correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais, como classe socioeconômica, gênero, idade e escolaridade. Na segunda onda, estão os estudos etnográficos de comunidades definidas por critérios demográficos. Finalmente, a terceira onda, denominada “perspectiva estilística”, foca na variação linguística não como um reflexo da posição social, mas como um recurso para a construção de significado social. Nesta onda, estão incluídos os estudos etnográficos de comunidades de prática e a ideia de estilo como construção de persona.

Na terceira onda, entende-se estilo como um conjunto de significados sociais produzidos pelo uso de determinadas variantes. Na terceira onda da sociolinguística, a identidade e o estilo são abordados de forma dinâmica e situacional. Bell (1984) argumenta que os falantes ajustam seu estilo de fala com base na composição de sua audiência, que inclui destinatários diretos e indiretos, bem como participantes e não participantes da conversa. A direção usual dessa mudança tende a convergir para a fala dos membros da audiência, sendo sempre uma alteração "responsiva" ou "acomodativa". Em outras palavras, dentro dessa concepção de identidade como prática, a fala de um usuário de língua natural tende a se assemelhar (ou não) à de seus interlocutores, visando construir relações de identidade.

Gumperz (2013) e Goffman (2013; 2016) complementam essa visão ao tratar a identidade como um fenômeno discursivo, construído e negociado nas situações de interação. A identidade não é uma categoria estática atribuída previamente ao falante, mas sim um processo contínuo em que falante e ouvinte se constroem e ajustam na dinâmica da fala. Goffman (2016) usa a metáfora do teatro para explicar que os indivíduos, ou atores sociais, adotam diferentes figurinos para atender às expectativas de cada cena e público. Assim, tanto a teoria de Bell quanto as perspectivas de Gumperz e Goffman destacam a natureza adaptativa e interativa da construção de identidade e estilo na terceira onda da sociolinguística.

Para Eckert (2005), as práticas estilísticas dizem respeito à interpretação de sentidos e produção de estilos em que uma variável combinada a outros elementos pode construir uma identidade com significado mais complexo. A partir disso, o falante circula por comunidades de prática, simulando um estilo a partir do uso das variáveis, criando uma *persona* ou *personae*. Entende-se como comunidade de práticas um conjunto de pessoas em função de um engajamento mútuo.

Outro conceito importante para a análise da construção da identidade na terceira onda é o de indexicalidade, termo cunhado por Charles S. Pierce (1977) e muito usado

por sociolinguistas para se referir ao fato de que determinados signos apontam para associações que não têm existência no mesmo reino. Esse conceito é fundamental para compreender como as formas linguísticas se relacionam com a construção de uma identidade. Ochs (1992), em um estudo sobre indexicalidade de gênero na fala de mães americanas e samoanas, amplia o conceito, sugerindo que a ligação entre uma expressão linguística e uma identidade social específica não é sempre direta, sendo chamada de "indexicalidade indireta". Diante disso, expressões linguísticas que sugerem uma identidade estão mais intimamente ligadas a posturas interacionais, como assertividade, hesitação, entre outras, as quais, por sua vez, podem estar associadas a categorias sociais específicas, como gênero feminino.

Outra noção fundamental para a terceira onda é a de enregistramento, que, conforme Agha (2003, p. 231), é o processo pelo qual “um repertório linguístico passa a ser diferenciável dentro de uma língua como um registro de formas reconhecidas socialmente”. Dessarte, o registro se refere a um repertório linguístico associado a práticas sociais e a pessoas que fazem parte dessas práticas. Andrade (2021), ressalta que o enregistramento é a forma pela qual a indicialidade se consolida e se dissemina entre um grupo de falantes, logo, um registro ocorre quando as relações de indicialidade começam a ser reconhecidas e produzidas.

Outro ponto relevante é que o registro carrega consigo valores e significados práticos que podem criar estereótipos sobre quem o utiliza, podendo os falantes associarem tanto aspectos positivos quanto negativos ao seu uso. Exemplo disso é a pesquisa de Bentes (2009) do registro do português popular com “os manos” em São Paulo, que identificou a desvalorização do registro dos falantes. Além disso, Bentes (2009) identificou que a identidade dos “manos” se constrói pela fala enregistrada e por outros recursos semióticos, como os gestos e as vestimentas.

Da mesma forma, tem-se o caipira cujo registro se popularizou entre os falantes e as relações de indexicalidade passaram a ser reconhecidas e reproduzidas. Ademais, o registro desses falantes carrega estereótipos, muitas vezes associados a aspectos negativos. Por outro lado, a capacidade de agência por parte do falante implica em ter controle e consciência sobre suas maneiras de usar a linguagem, o que lhe possibilita fazer escolhas deliberadas sobre quais estilos verbais e semióticos moldam sua identidade. Portanto, ao conectar os estudos de terceira onda aos humoristas analisados, percebe-se que, enquanto há um genuíno caipira, como Geraldinho, cujo estilo de fala indexa estereótipos, do outro lado há uma dupla de humoristas, exemplificada por Nilton Pinto

e Tom Carvalho, que fazem uma escolha consciente da linguagem utilizada para gerar humor.

Acerca da variação estilística, vale apresentar aqui algumas perspectivas: segundo Coupland (2007), a variação estilística é uma forma dinâmica de apresentar o "eu", realizada através da manipulação estratégica de fatores linguísticos e não linguísticos, revelando uma ampla gama de significados sociais e identidades (Rezende, 2009). Por outro lado, Labov (1966) entende a variação estilística como um reflexo da atenção à fala, focando principalmente no eixo prestígio versus estigma e associando o falante a categorias sociais específicas.

Já Alan Bell (2001) propõe que a variação estilística está fortemente ligada ao público-alvo e à audiência, sugerindo que os falantes ajustam seu estilo de acordo com as expectativas e características dos ouvintes, em um processo conhecido como "acomodação comunicativa". Dessa forma, enquanto Coupland enfatiza a criatividade e a construção identitária, Labov destaca a estratificação social, e Bell foca na adaptação ao interlocutor. Já na perspectiva da terceira onda, há uma abordagem que permite compreender o estilo e a identidade por meio de uma análise semiótica abrangente.

Arnold (1993) afirma que estilo é um conjunto de recursos linguísticos e semióticos associados a aspectos de uma prática social identificável. Ele considera a construção de um estilo como um processo de bricolagem, em que elementos derivados de experiências e vivências sociais são apropriados e combinados, criando o estilo individual de uma pessoa. Essa afirmação remete à ideia de cluster, que se refere a um conjunto de recursos linguísticos que são frequentemente usados juntos e que, em conjunto, contribuem para a construção de estilos sociais identificáveis. Esses recursos podem incluir variáveis fonéticas, léxicas, morfológicas, sintáticas, além de gestos, expressões faciais e outros elementos semióticos. A ideia de cluster é importante porque enfatiza que os estilos linguísticos não são definidos por características isoladas, mas sim por combinações de várias características que, juntas, sinalizam afiliações sociais, identidades e práticas culturais específicas.

Consoante a isso, a análise estilística vai além dos fenômenos linguísticos como a vocalização da lateral alveopalatal, a queda da oclusiva em gerúndio e a concordância nominal não padrão, uma vez que ela também inclui um estudo semiótico mais amplo, que considera elementos como a vestimenta, os gestos, a entonação da voz. Esse enfoque holístico permite uma compreensão mais profunda da construção da identidade e do humor dos artistas.

De acordo com Oliveira (2017), não apenas certos estereótipos do caipira, mas também as particularidades de seu dialeto e de seu *ethos* discursivo estão ligados à comicidade e ao humor, originados pelo sotaque e pelas características fonológicas próprias do caipirês. Esses elementos possivelmente se conectam à imagem de um indivíduo simples, porém debochado, perspicaz e astuto no manejo da linguagem, utilizando o dialeto caipira de maneira linguística, enunciativa e discursiva.

Para Aguilera (2008), a língua está intimamente ligada ao seu contexto social, especialmente por ser um elemento fundamental na construção da identidade. Logo, a capacidade de agência dos humoristas permite que eles utilizem as variantes para moldar suas identidades e gerar humor, demonstrando a complexa interseção entre variação estilística, identidade e humor.

2.3. Variáveis linguísticas

Conforme apresentado no tópico anterior, uma variável é o fenômeno investigado em uma variedade linguística. Esse fenômeno não é aleatório, mas influenciado por diversos fatores sociais ou estruturais, internos ou externos à língua. Este trabalho versará sobre três fenômenos de modo específico: a despalatização, a queda da oclusiva em gerúndio e a concordância nominal. Essas variantes ocorrem com frequência no dialeto caipira e conseqüentemente nos causos analisados. Assim, como dito anteriormente, cabe à Sociolinguística explicar tais fenômenos e ainda evidenciar as condições que corroboram o uso dessas variáveis. Além disso, é preciso evidenciar como essas formas são indexicalizadas e contribuem para a formação de um estilo que caracteriza o caipira.

Em princípio, é importante lembrar que os primeiros estudos sobre variação linguística foram apresentados por Labov (1976) conforme evidenciado anteriormente, com o objetivo de investigar os fatores sociais na explicação da variação linguística. No Brasil, as pesquisas de Bortoni-Ricardo (2021) também deram ênfase às variações, apresentando os contínuos de maior e menor monitoramento.

Nesse contexto de estudos variacionistas, a fonética e a fonologia dão base para a explicação de muitos fenômenos de variação, uma vez que, a partir de sua complementação, é possível descrever, classificar, transcrever e interpretar uma variante. Assim, a Sociolinguística se vale dessas áreas para fazer o seu papel de descrever as variações e evidenciar que estas possuem regras e não ocorrem ao acaso.

2.3.1. Despalatização

Em certos contextos linguísticos, é possível observar que os fonemas /λ / e /ɲ/ podem perder suas características palatais, resultando na sua articulação como fonemas alveolares /l/ e /n/, respectivamente. Essa modificação pode ocorrer por questões de facilidade na articulação ou relaxamento fonético, levando até mesmo ao apagamento completo desses fonemas. Aragão (1999) afirma que alguns estudiosos consideram esse fenômeno como uma questão puramente fonética, enquanto outros sugerem que pode ser resultado de influências africanas, uma mudança fonética do latim para o português, ou até mesmo um processo que poderia resultar na criação de um novo fonema, não se limitando apenas a uma articulação diferente dos fonemas /λ / e /ɲ/.

Conforme destacado por Cristóvão (2022), este fenômeno é caracterizado pela perda do traço palatal. Em outras palavras, certos fonemas que originalmente são articulados no palato, uma parte da cavidade oral, como o /λ/ em "mulher", sofrem uma despalatização, resultando na transformação do fonema em um som nasal ou oral, como ocorre na transição de "mulher" para "muié", onde o som /lh/ é vocalizado como /i/. Para Aragão (1999, p. 15), “o fenômeno da despalatalização, seguido ou não de iotização é um caso típico de economia da linguagem muito frequente na linguagem popular e causado pela necessidade de facilidade de articulação, sendo um caso inverso da palatalização”. De acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p.77), “é um traço descontínuo no contínuo dialetal e está provavelmente generalizada nas áreas rurais em todas as regiões do país.”

Amadeu Amaral (1920) constatou a despalatização no dialeto caipira, apresentando as ocorrências. Conforme o autor, na fala caipira foram encontradas ocorrências de vocalização do lh em i nos casos *espaiado > espalhado, maio > malho, muié > mulher e fio > filho*.

Os excertos a seguir evidenciam a despalatização nos casos analisados neste trabalho:

- (01)“Ele falô: “ cê que um... um chocolate?” Aí eu falei: “treis cuié dá” purquê, né?” (Causo da dor de barriga no ônibus - Nilton Pinto e Tom Carvalho).
- (02)“Aqui não, aqui é de Goiás”. Peão vei e falô “rapaiz, cê é bão mermo”, falei: “o mió do Brasil” (Causo do boi bravo – Nilton Pinto e Tom Carvalho).
- (03)“Então tudo dele era mió memo que eu vi, e ele judiava com nois, rapaiz.” (Causo do marimbondo – Geraldinho).

(04) “Eu faiei uns tempo. Aí passadu, eu já tava um capiau já mais forte. Eu fui trabaiá pum véi lá no Mata fei, um tal de Bastião Míguer véi. Ele era... um véi rípiado tamém, mal como o diabo” (Causo do carro de boi – Geraldinho).

Apesar de ser traço característico do falar caipira, evidencia-se que algumas regiões possuem essa variação. Charles e Melo (2004) conduziram investigações sobre a despalatização do fonema /lh/ em comunidades nos bairros de Rio Branco, Acre, observando que essa variação linguística é típica de falantes sem educação formal e provenientes de áreas rurais. Em um estudo semelhante, Brandão (2007) investigou essa mesma questão no Rio de Janeiro, focando em falantes não escolarizados e de origem rural, onde identificou que o fenômeno é socialmente marcado. Aragão (1999), em suas constatações, afirmou que esse fenômeno pode ser visto como uma variedade regional, social, estilística ou individual. Bortoni-Ricardo (2011), em “Do campo para a cidade”, também cita uma pesquisa desenvolvida com adultos de classe baixa em São Paulo (Head, 1981) que revelou um alto grau de estigma atribuído à vocalização do /λ /.

Essas pesquisas evidenciam que os fenômenos de variação linguística discutidos são característicos da fala caipira e, como resultado, são frequentemente estigmatizados socialmente, sendo utilizados de maneira pejorativa para fins humorísticos.

2.3.2 Queda da oclusiva /d/ em gerúndio

De acordo com Cunha e Cintra (2008), o gerúndio é um mecanismo verbal em andamento e assume papéis que são desempenhados tanto por advérbios quanto por adjetivos. Para Andrade (2009), o gerúndio é uma forma nominal do verbo, identificada no português pelo morfema {-ndo}, localizado imediatamente após a vogal temática. Além de sua natureza verbal, ele desempenha o papel de adjetivo e advérbio.

Por "apagamento", entende-se que é um processo no qual ocorre a eliminação de um segmento da forma básica de um morfema, conforme Cagliari (2002). Portanto, quando um informante utiliza um verbo como "trabalhar" no gerúndio (trabalhando) e a consoante dental /d/ é suprimida (trabalhano), esse processo é descrito como queda da oclusiva em gerúndio.

Os excertos a seguir evidenciam a queda da oclusiva /d/ em gerúndio nos casos analisados neste trabalho:

(05) Tava lá na cozinha, **mexeno** nuas panela. Falei: “uai, tia, senhora já tá **fazeno** almoço essa hora?” “Não tô **preparano** só a merendinha p’cê

cumê, eu vi que cê vai imbora” (Causo da dor de barriga no ônibus – Nilton pinto e Tom Carvalho).

(06)“Falei: “num vai dá”. Falei: “ô, pai, eu tô nua dô de cabeça que’u tô **arrebantano**”; “não, vai lá pegá espingarda, xô carregá ela”; falei: “vixi...ispingarda já po mei de chumbo...”; “vai lá, paraiz, pega a espingarda”; “pai brabo demais, fui lá até **tremeno**...” (Causo da espingarda – Nilton Pinto e Tom Carvalho).

(07)“Foi, e... e que a...o miolo da tripa dele tava muito seco, num dava descida e ele pegô na gaia e foi **espremeno**. Foi **ajuntano** força, foi **ajuntano**, foi **correno** água no zoi e foi, tinha hora que a veia do pescoço dele quase rebentava de...É aquilo num abalava sô, é aquela dor e...” (Causo do marimbondo – Geraldinho.)

(08)“...e acossolô p’aquela descambada, rapaiz, e a toada foi **arquiano**, foi **arquiano** e foi **ino** de mal’a pió. E o vento vei **trazeno** o fogo do cigarro, eu memo num puxei a fumaça não rapá o vento.” (Causo da bicicleta – Geraldinho).

A omissão do /d/ no morfema de gerúndio não se limita ao português brasileiro, pois o fenômeno também é observado no português europeu e no italiano. Na variedade linguística brasileira, esse processo, assim como os outros apresentados neste trabalho, é documentado desde os primeiros estudos dialetológicos quando já se faziam algumas observações, embora de maneira não estruturada, sobre a queda da oclusiva em gerúndio, como, por exemplo, Amaral (1920, p.46) que registrou uma construção chamada por ele de “curiosíssima”, que se refere ao modo como o caipira reiterava uma ação na fala – “Fulano anda corrê-**corrêno** p’ras ruas sem o que fazê”.

Um dos fatores condicionantes para a ocorrência da queda da oclusiva em gerúndio, segundo alguns autores, é a assimilação, processo pelo qual um segmento se assemelha a outro e adota traços deste. Segundo Bagno (2007), a eliminação da consoante oclusiva dental /d/ no final de palavras como "estudando" e "pensando" acontece devido à semelhança no ponto de articulação entre o /n/ e o /d/, que são ambas oclusivas alveolares. Nesses casos, ocorre a assimilação, na qual um fonema é modificado para se tornar semelhante ao outro.

Cristófaros Silva (2014) aborda em sua pesquisa alguns aspectos das mudanças na estrutura sonora do português falado em Belo Horizonte, investigando a interação entre processos fonológicos em diferentes variantes do português brasileiro, como em "faze[nu]" e "dança[nu]", em que ocorre a assimilação do /d/ pelo /n/.

Sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, estudos de Vieira (2011) na região de Taboco, Mato Grosso do Sul, revelaram que o fenômeno do apagamento do /d/ indica uma mudança em andamento. Além disso, a correspondência entre as variáveis de gênero e faixa etária está estreitamente relacionada com fatores externos, apresentando, no entanto, uma forte semelhança no apagamento do /d/ tanto em falantes mais jovens quanto em mais idosos. No que diz respeito ao fator gênero, em relação ao uso da língua, o estudo demonstrou que as mulheres tendem a ser mais conservadoras, enquanto os homens são mais inovadores.

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) em seus estudos sobre a redução do gerúndio em Fortaleza evidenciaram que a forma reduzida na fala das mulheres foi mais frequente; os falantes na faixa etária de 20 a 50 anos reduzem mais do que os de 51 anos ou mais; e os não escolarizados apresentaram um índice mais alto na redução do gerúndio.

Ferreira e Vieira (2023) investigaram o fenômeno do apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio na fala dos moradores da Cidade de Goiás-GO, explorando diversos condicionadores linguísticos que influenciam esse processo. As autoras examinaram a extensão do vocábulo, o contexto fonético-fonológico precedente e seguinte, comparando os resultados obtidos com dados de outras regiões do Brasil. Além disso, analisaram três variáveis sociais: faixa etária, escolaridade e sexo. A pesquisa revelou que os principais fatores contribuintes para a realização da forma inovadora são a escolaridade e a faixa etária, enquanto outros fatores, tanto linguísticos quanto extralinguísticos, demonstraram ter pouca relevância no fenômeno de apagamento de /d/ no morfema de gerúndio.

Considerando que o foco desta pesquisa vai além da análise do fenômeno de uma abordagem sociolinguística de identidade e estilo, é importante entender que os falantes de uma comunidade linguística tendem a seguir as normas e princípios socioculturais locais, mas, quando precisam se identificar com outros grupos, buscam se adaptar a outras normas. Segundo Faraco (2008, p. 41), "uma norma, seja qual for, não pode ser entendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um conjunto de valores socioculturais que se articulam com essas formas."

Assim, a variação linguística observada na omissão do /d/ no gerúndio evidencia não apenas processos fonológicos, mas também reflexos profundos de identidade, estilo e humor na fala dos diferentes grupos sociais. Essa mudança em andamento, marcada pela assimilação e redução fonética, revela como os falantes navegam entre as normas

linguísticas para expressarem pertencimento e inovação. Logo, essa é a perspectiva que norteará a análise dos dados deste trabalho.

2.3.3 Concordância nominal

Nos primeiros estudos da Dialetologia, já se faziam algumas observações, embora de forma não sistemática, sobre a concordância nominal e a simplificação do sistema de flexão de número. Estas observações delineavam de forma leve algumas das variáveis independentes que, mais tarde, se mostrariam importantes para entender esses fenômenos. Como exemplo, Amaral (1920, p.39), que, ao descrever o dialeto caipira, nota que a marca de plural é preservada nos determinantes, mas é perdida quando estes elementos se tornam pronomes, como em: "Estas carta não são as minha". Ele também observa que o "S" sofre cancelamento em palavras terminadas em consoante, como, por exemplo, "as paiz" – as pazes e "às vêiz" – às vezes.

Scherre (1988), em sua tese de doutorado, realiza uma análise minuciosa de um conjunto de variáveis linguísticas e extralinguísticas para identificar padrões na variação da concordância de número dentro dos constituintes do sintagma nominal (SN). A autora demonstra que o fenômeno estudado se manifesta como uma variação estável para um grupo de falantes e como uma mudança em progresso para outro grupo, embora as variáveis mais significativas afetem de forma semelhante ambas as comunidades.

Para Bagno (2022), as marcas de plural ocorrem de forma excessiva no português brasileiro, uma vez que ocorre de maneira redundante. O autor ainda faz uma comparação com a forma de plural no inglês com o seguinte exemplo:

- Minhas belas flores morreram ontem.
- My beautiful Flowers died yesterday.

De acordo com os períodos apresentados pelo autor, é evidenciada a discrepância entre as marcações de plural no português brasileiro e no inglês, bem como a redundância presente no primeiro caso. No exemplo em português, o plural é marcado no pronome, no adjetivo, no substantivo e no verbo. Em contraste, na língua inglesa, a marcação de plural ocorre apenas no substantivo, como exemplificado pela palavra "flowers".

Na gramática normativa, a marcação de plural é obrigatória em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal sempre que o núcleo estiver no plural. Entretanto, na modalidade falada do português brasileiro a concordância nem sempre ocorre. Conforme

Sherre (2005), as construções mais comuns que apresentam a concordância nominal não padrão são aquelas constituídas por:

- Itens nominais informais – “Tomei uns goró”.
- Por itens nominais diminutivos e de formação regular – “umas casinha bonitinha”.
- Por adjetivos pospostos ao núcleo do sintagma nominal, especialmente se o núcleo não apresentar plural explícito – “essas carne congelada”.

Ainda de acordo com a autora, algumas construções não padrão provocam forte rejeição, especialmente por parte de pessoas não escolarizadas. Dessa forma, o fenômeno ainda provoca uma avaliação negativa consciente ou inconscientemente.

Os excertos a seguir evidenciam a concordância nominal não padrão nos casos analisados neste trabalho:

(09) “Custei dirrubá **treis pratada** pa dent’da barriga...” (Causo da dor de barriga no ônibus – Nilton Pinto e Tom Carvalho).

(10) “...**umas quatro cambota**...as perna...ele quebrô **as duas perna trasera**” (Causo do boi bravo – Nilton Pinto e Tom Carvalho).

(11) Aí um dia, o pai dele tinha um oto piãozin lá apartá vaca, tiradô de leiti, dia de domingo es cabô de tirá leite, ele falô pro rapaz: “ah, vamo dá um passei hoje, fulano, vê **umas moça**.” (Causo do marimbondo – Geraldinho).

(12) “Chegô, apiô da mula, amarrô ela num toco lá e vei **c’aquelas perna dura**, pezão inchado” (Causo do carro de boi – Geraldinho).

Nos excertos acima, as marcações de plural ocorrem em apenas um elemento, quando há a ausência de artigo, e em dois elementos quando o artigo está presente. Esse fato corrobora a afirmação de Bagno acerca da redundância do plural, além disso, evidencia que a concordância nominal não padrão também é um traço do dialeto caipira.

Autores como Amaral, Scherre e Bagno fornecem insights valiosos sobre como esses fenômenos variam e evoluem dentro das comunidades linguísticas. Ademais, a análise meticulosa de Scherre evidencia a natureza dinâmica da variação da concordância de número, mostrando como ela pode ser estável para alguns grupos de falantes e estar em processo de mudança para outros. Além disso, as observações de Bagno destacam as

discrepâncias entre as marcações de plural no português brasileiro e no inglês, apontando para uma redundância que pode desafiar as normas prescritas da gramática normativa.

O fenômeno da concordância nominal não padrão, conforme discutido por Scherre, ainda que seja explicado pela Sociolinguística, é alvo de críticas, especialmente por parte de indivíduos menos escolarizados, o que sugere que questões de identidade e status social estão intrinsecamente ligadas às práticas linguísticas. Assim, os estudos dialetológicos não apenas contribuem para o entendimento das complexidades do sistema linguístico, mas também lançam luz sobre questões mais amplas relacionadas ao humor, à identidade e à percepção social.

2.4 Estereótipos na concepção laboviana

Os estudos sociolinguísticos têm mostrado como a sociedade e a linguagem possuem uma relação próxima. Ao iniciar uma conversa, a primeira percepção é acerca dos traços prosódicos que são carregados de impressões estereotipadas. Desse modo, uma avaliação positiva ou negativa está associada aos valores da sociedade. Techio e Lima (2019, p. 22) evidenciam que

À luz das relações intergrupais, parte-se da ideia de que os estereótipos respondem a um princípio sistemático de generalização; que são fenômenos humanos duradouros, aparentemente automáticos na sua ativação; socialmente pragmáticos; de difícil mudança, por seu caráter consensual e rígido; até certo ponto, controláveis individualmente e sensíveis à influência da estrutura social.

Para Labov (2008, p.360), “estereótipos são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade.” Esse rótulo pode ser considerado como positivo ou negativo e está pautado nas crenças e nos julgamentos que os indivíduos carregam sobre si mesmos e sobre a sociedade.

O autor ainda classifica as avaliações sociais em três categorias: indicadores, marcadores e estereótipos. Conforme Leite (2011, p.101), “os indicadores são os traços linguísticos que refletem a variação social (idade, grupo social), mas, geralmente, não mostram variação estilística e têm pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante”, ou seja, são reações linguísticas que passam despercebidas. Os marcadores, ainda conforme a autora, “são os traços que mostram tanto uma variação social quanto estilística e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante” (p.101), nesse momento, há um certo grau de monitoramento pelo falante, uma certa preocupação, que depende de como as

pessoas percebem o fenômeno. Por último, os estereótipos, que são expressões estigmatizadas e que possuem impacto social na comunidade de fala.

Nascimento (2018) evidencia que, ao longo da história cultural brasileira, diversos estereótipos do caipira são identificados: o personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, cuja imagem do caipira rústico, pobre e sem educação ganhou uma expressão metafórica na língua portuguesa, sendo registrado como o substantivo comum *jeca*, que designa o habitante do meio rural, caipira. Além desse sentido, há também um outro mais pejorativo que, conforme o Houaiss (2001, p.1823), refere-se àquele que "revela mau gosto, falta de refinamento", sendo "cafona, ridículo".

Além do Jeca Tatu, destacam-se as representações da tela *Caipira picando fumo* (1983), do artista Almeida Júnior; o personagem *Mazzaropi*, no cinema; o Chico Bento das histórias em quadrinhos. Essas representações foram muito importantes para a construção de um tipo caipira regionalista, rústico, vivendo à margem da sociedade. Isso mostra como a mídia desempenha um papel importante na criação e no reforço de estereótipos, muitas vezes retratando o caipira de maneira negativa. Essas representações contribuem para a disseminação de visões distorcidas e simplificadas sobre as diversidades linguística e cultural, reforçando desigualdades e preconceitos.

Em relação aos fatores linguísticos, alguns traços do falar caipira, por exemplo, são estigmatizados, como o /R/ retroflexo que representa o caipira retrato do interior das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Amadeu Amaral (1920, p.5) atrelava o uso do retroflexo aos "genuínos caipiras, roceiros ignorantes e atrasados." Entretanto, apesar do estigma, com a ascensão da agricultura no estado de Goiás, pode-se falar em uma lenta reformulação do retroflexo, além disso, o denominado "caipira", que morava na roça, hoje está cada vez mais inserido no meio urbano.

Lucchesi (2015, p. 20) constata que "o valor das formas linguísticas não é intrínseco a elas, mas o resultado da avaliação social impingida aos seus usuários". Isso leva à conclusão de que os fenômenos linguísticos aqui estudados são suscetíveis a estereótipos devido à percepção social do caipira na sociedade. Além disso, enquanto essas variantes linguísticas são frequentemente vistas como inferiores, há uma imposição da língua padrão como a única forma "correta" de expressão, perpetuando assim preconceitos linguísticos. Estes muitas vezes são associados à ideia de uma classe social baixa e com menor escolarização, o que pode levar à estigmatização de sua fala.

Bortoni-Ricardo (2011), ao citar a pesquisa desenvolvida por Head (1981) com adultos da classe baixa em São Paulo, comenta que esta revelou um padrão na avaliação

de diversas variáveis fonológicas atribuídas ao dialeto caipira. Conforme comenta Bortoni-Ricardo (2011, p.24), “o mais alto grau de estereótipo foi atribuído a três variáveis: a vocalização do fonema lateral palatal (fenômeno, inclusive, analisado neste trabalho); o rotacismo em sílabas CCV em que a segunda consoante é /l/ e quando o retroflexo substitui a lateral /l/ ou a semivogal /w/.” Já a assimilação do /d/ em /n/ foi considerada um estigma médio na pesquisa. Por último, a autora também faz considerações acerca da concordância. Para ela (2011, p. 24), “a percepção do traço varia de acordo com a frequência da regra que, em alguns casos, é um traço gradual, mas nos ambientes em que mais é percebida e menos frequente, ela é claramente um traço contínuo.”

Scherre (2005), em seus estudos sobre variação linguística, mídia e preconceito, demonstrou que a não-concordância de número plural provoca avaliações negativas, tanto conscientes quanto inconscientes, utilizando excertos de textos publicados em situações que exigem uma linguagem formal como evidência.

Portanto, os fenômenos analisados neste trabalho são passíveis de estereótipos, conforme evidenciado por autores, como Nascimento (2018), que ilustra como estereótipos históricos sobre o caipira brasileiro foram perpetuados na cultura popular através de personagens como Jeca Tatu e Chico Bento, contribuindo para a estigmatização de traços linguísticos associados a essas figuras; Lucchesi (2015) que enfatiza que o valor atribuído às formas linguísticas é socialmente construído, o que pode resultar na percepção negativa de variantes linguísticas como a queda da oclusiva em gerúndio, despalatização e concordância nominal não padrão, frequentemente estigmatizadas como características de uma fala menos prestigiada.

Scherre (2005) também faz considerações sobre a não-concordância de número plural em textos jornalísticos, confirmando que esses fenômenos são percebidos de forma negativa, tanto consciente quanto inconscientemente, na sociedade; Bortoni-Ricardo (2012) nos estudos sobre a descrição do dialeto caipira em Brazlândia. Diante disso, considera-se a importância de questionar se as variantes utilizadas por humoristas com a intenção de propagar a cultura do caipira, bem como de provocar o riso podem estar sendo usadas, na verdade, para propagar uma visão estereotipada através de traços estigmatizados.

2.5 O humor e seus pressupostos

O fenômeno do humor tem uma presença contínua ao longo da história da sociedade, remontando aos seus primórdios. Anteriormente manifestado nos bobos da corte, nas apresentações teatrais, nas interações sociais informais e, atualmente, também é observado nas plataformas digitais das redes sociais, em apresentações de *stand-up comedy* e na tradição oral dos causos, o humor transcende as épocas e os meios de comunicação. Sua natureza multifacetada e adaptável permite que seja expresso e apreciado de diversas formas, refletindo as transformações culturais e sociais ao longo do tempo. Possenti (2018, p. 27) discorre acerca das características do humor, dizendo que:

1. O humor trata de qualquer assunto;
2. É um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge e aos trocadilhos, passando pelas crônicas e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas, comédias “em pé”, programas de rádio e de TV, canais no Youtube e pela exploração humorística de outros tipos de texto;
3. Pressupõe que os humoristas prefiram ser considerados marginais ou individualistas, uma vez que, se o humor se tornasse objeto de análise das universidades, haveria uma mudança gradual em suas características.

Na contemporaneidade, pode-se dizer que o humor passou a uma certa banalização, uma vez que é baseado em estereótipos e diferenças culturais. Daí surgem discussões acerca do politicamente correto e incorreto. Gruda (2011, p. 753) evidencia que,

Pensando o humorismo e o politicamente incorreto, na pós-modernidade, pode-se chegar a uma bifurcação contraditória aonde, no entanto, caminhos diferentes apontam leituras possíveis, seriam elas: (a) o cinismo e a superficialidade como marcas da contemporaneidade (Jameson, 2001; Harvey, 1992); (b) o discurso politicamente correto e do respeito à diferença que também permeia a sociedade atual (Touraine, 2003). Ambos os pontos de vista são possíveis, pois se por um lado a pós-modernidade implodiu qualquer projeto coletivo e, portanto, fez com que os sujeitos se individualizassem mais e o humor fosse banalizado, vilipendiando até mesmo “[...] os problemas mais cruéis da humanidade como a violência, a fome e a miséria.” (Justo, 2006, p. 124), por outro, o policiamento social do “respeito” às diferenças, expressado através do discurso politicamente correto, impede, muitas vezes, a catarse e a possível reflexão de temas que tangem a estas questões.

Nesse sentido, embora o humor represente uma perspectiva singular na apreensão do mundo e na reflexão sobre as interações cotidianas e as dinâmicas sociais, é importante reconhecer que também tem sido empregado como meio de disseminação de estereótipos.

Assim, de acordo com Possenti (2010), um dos critérios para o humor é se basear em representações estereotipadas como identidade e cultura.

Para que o objetivo deste trabalho seja alcançado, é preciso entender alguns pressupostos do humor. Veatch (1998) pressupõe que o humor precisa de uma incongruência, ou seja, situações opostas; de algo verdadeiro, que, segundo o autor, torna-se uma experiência de vida; de superioridade, uma situação em que alguém se torna superior ao outro; do exagero; do desvio social e do *timing*, ou seja, a hora certa de se contar uma piada.

Possenti (2018, p. 29) destaca que

o humor tem suas regras, seu universo, suas funções. Haverá certamente alguma relação com a realidade, mas construída segundo as regras do humor, análogas às da ficção. Não retrata, pois não tem pretensões sociológicas, nem prega diretrizes, pois não tem função educativa ou moralizante. Contudo, não deixa de ter algum papel, ao retratar à sua maneira, os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturando-os, ridicularizando-os).

Ao ponderar sobre a afirmação do autor, torna-se compreensível que o humor, manifestado em qualquer gênero, reflete a visão do autor e permite que o leitor a interprete conforme sua perspectiva, uma vez que não está orientado por pretensões pragmáticas, ou seja, o humor não tem a intenção intrínseca de servir a propósitos práticos ou utilitários, como a resolução de problemas ou a consecução de metas específicas.

Conforme Nascimento (2018), os efeitos humorísticos são frequentemente produzidos a partir de condições específicas de criação, especialmente quando há uma preparação cuidadosa para o cômico e a elaboração de jogos de sentido inesperados ou surpreendentes. Assim, os processos de enunciação ganham efeitos de sentido que são indissociáveis tanto do texto - a unidade linguística de análise - quanto do contexto social. No caso dos discursos de humor, o contexto social contribui para a construção da cenografia, que é fundamental como pano de fundo para que o efeito da piada gere comicidade e risos.

Sobre o conceito de enunciação, Maingueneau (2006) propõe a seguinte classificação:

- A noção de cena, que se refere ao tipo de discurso, como o discurso religioso, político, literário e humorístico, entre outros;
- A noção de cena genérica, que está relacionada aos gêneros de discurso, representando a finalidade e as circunstâncias, além das características que

distinguem um gênero de outro, como piadas, chistes, anedotas, causos caipiras, charges e tirinhas de humor;

- A noção de cenografia, que se refere ao cenário em que a enunciação é construída e processada, por exemplo, a partir de uma sequência narrativa ou diálogos pelos quais uma piada é articulada.

No caso das piadas sobre caipiras, Nascimento (2018) ainda discorre que a encenação da enunciação é caracterizada pela sua cena englobante (o discurso humorístico), pela sua cena genérica (a piada como gênero discursivo, devido ao seu caráter surpreendente, brevidade, jogo verbal etc.) e pela cenografia (como funcionamento discursivo estruturado através da narrativa e dos diálogos presentes nessas piadas).

Frequentemente, em piadas regionais que retratam o estereótipo do caipira, a cenografia se apoia em diálogos e nas chamadas prosas caipiras, utilizando elementos que representam a oralidade e o dialeto regional, além de outros aspectos, como o modo simples de vestir do caipira e sua relação com a terra, a natureza e o campo (ou a "cidade grande"). Esses elementos geralmente transmitem imagens e significados historicamente construídos, como as representações cômicas e engraçadas dos personagens interpretados por Mazzaropi, no cinema, e as interações com a natureza e o ambiente rural vividas pelo menino Chico Bento.

Conforme Nascimento (2016), certos traços nas piadas regionalistas são necessariamente exclusivos do caipira, pois são exagerados em sua caracterização. Isso é feito através de simulacros – ou seja, utilizando construções pré-existentes derivadas de relações polêmicas – para provocar efeitos de comicidade, humor e riso. Em alguns casos, isso acaba promovendo ou refletindo determinadas visões preconceituosas em relação à imagem construída do outro.

A partir disso, percebe-se como os mecanismos que geram humor nas piadas caipiras estão ligados aos estereótipos de um indivíduo do campo, que pode ser visto como astuto, ingênuo ou simplório, entre outros, ao mesmo tempo em que estão relacionados ao estilo de comunicação próprio do caipira. Esses elementos contribuem para a construção de jogos de sentido humorístico, utilizando uma linguagem criativa, irreverente e popular, como frequentemente encontramos na narração de histórias, nas piadas e nos tradicionais causos do campo.

Para entender como o dialeto caipira e os elementos semióticos relacionados à imagem estereotipada do caipira, como a prosódia, a corporalidade comunicativa, o jeito

de andar, as vestimentas se relacionam com uma certa tendência para o humor, Nascimento (2018) se vale da competência em humor, formulada por Raskin (1985), que diz respeito à habilidade de uma pessoa para entender e apreciar o humor. De acordo com Raskin, essa competência envolve a habilidade de identificar incongruências e ambiguidades nas mensagens humorísticas e de perceber os elementos que produzem o efeito cômico. Esta competência não é apenas de natureza linguística, mas também cognitiva e social, permitindo que a pessoa interprete corretamente o contexto, o propósito e as nuances das piadas e outros tipos de humor.

Raskin argumenta que, para ser competente em humor, é necessário conhecer certos esquemas que são comuns em uma cultura específica. Esses scripts ajudam a reconhecer as expectativas normais e a perceber as violações ou desvios que criam o humor. Assim, a competência em humor inclui familiaridade com os padrões culturais e sociais que determinam o que é considerado engraçado em uma determinada comunidade.

Além de Raskin (1985), Nascimento (2018) também se baseia nas reflexões de Possenti (2018) sobre o *ethos*. Essas reflexões são fundamentais para compreender como a imagem do humorista é formada e percebida, destacando a importância da linguagem e do contexto. Algumas reflexões sobre o *ethos* incluem:

- **Construção Linguística do Ethos:** Possenti discute como a escolha de palavras, o estilo de fala, a entonação e as estruturas discursivas contribuem para a construção do *ethos* de um orador. A imagem que o orador projeta é, em grande parte, determinada por esses elementos linguísticos.
- **Ethos e Contexto:** Possenti destaca que o *ethos* não é fixo e pode variar de acordo com o contexto e o público. A mesma pessoa pode adotar diferentes *ethos* em situações diferentes para se adequar às expectativas e normas sociais do público específico.
- **Percepção pelo Público:** Possenti sublinha que o *ethos* não é apenas a imagem que o orador tenta projetar, mas também a maneira como essa imagem é percebida pelo público. A recepção do público é crucial para o sucesso da construção do *ethos*.
- **Ethos e Credibilidade:** Ele também explora a relação entre *ethos* e credibilidade, argumentando que a eficácia do discurso depende muito da credibilidade do orador aos olhos do público. Um *ethos* bem construído pode aumentar a persuasão e a confiança no orador.

- **Ethos e Identidade:** Possenti analisa como o *ethos* está ligado à identidade do orador. A imagem projetada no discurso reflete aspectos da identidade do orador, incluindo valores, crenças e atitudes.
- **Dinâmica do Ethos:** Ele argumenta que o *ethos* é dinâmico e pode mudar ao longo do discurso. À medida que o orador interage com o público e responde a diferentes situações, a imagem projetada pode ser ajustada e reconfigurada.

Considerando as reflexões acima, destaca-se que os humoristas, cujos casos são analisados neste trabalho, constroem o *ethos* de maneira distinta. Desse modo, Geraldinho constrói seu *ethos* discursivo enfatizando características tradicionais e rurais que evocam a autenticidade e a simplicidade do homem do campo. Concomitantemente, os usos linguísticos de Geraldinho incluem expressões regionais, sotaque marcado e uma entonação que reflete a vida rural, alinhando-se à análise de Possenti sobre como a linguagem e a entonação moldam a imagem projetada pelo orador.

Ademais, a percepção do público, conforme destacado por Possenti, é crucial na construção do *ethos*. Acerca disso, Geraldinho é percebido como uma figura genuína e autêntica, cujas histórias e o modo de falar ressoam com a experiência e a memória cultural do público. Outro fator é que a credibilidade de Geraldinho está fortemente associada à sua capacidade de representar fielmente a cultura caipira, criando uma conexão emocional com o público. Ribeiro (2023), em sua tese de doutorado, constatou que o risível, em se tratando de Geraldinho, estava presente tanto no narrador quanto no enredo narrativo. No entanto, não havia, necessariamente, a necessidade de ouvir os casos para se divertir com Geraldinho. Esse “jeitinho”, capaz de fazer as pessoas sorrirem talvez encontre explicação no modo de se vestir, no dialeto caipira, no modo tranquilo com que se deslocava pela região, talvez estivesse na inimitável gargalhada, na fala pausada e forte quando parava para conversar sobre determinado assunto, entre outros fatores.

Por outro lado, os humoristas Nilton Pinto e Tom Carvalho constroem o *ethos* baseado na representação de uma figura caipira cuja linguagem é cheia de expressões regionais e coloquiais, facilitando a identificação do público com os personagens que representam. Essa escolha de palavras é cuidadosamente calibrada para refletir a fala cotidiana das pessoas comuns do interior do Brasil, o que contribui para a construção de um *ethos* de autenticidade e de proximidade. Isso não só enriquece o humor, mas também reforça a credibilidade dos humoristas, que são percebidos como conhecedores da cultura local.

Assim, quando Nilton Pinto e Tom Carvalho criam histórias que refletem experiências compartilhadas e situações reconhecíveis, eles conseguem produzir uma sensação de comunidade e de pertencimento, reforçando ainda mais seu *ethos*. Ademais, eles projetam uma imagem de figuras amigáveis e acessíveis, cujas piadas e histórias são vistas como representações autênticas da vida rural brasileira. Essa percepção é essencial para o sucesso de seu humor, pois um *ethos* bem construído aumenta a confiança e a aceitação do público. A credibilidade dos humoristas está intrinsecamente ligada à sua capacidade de representar de forma precisa e respeitosa a cultura do interior do Brasil.

Nesse sentido, a construção de um *ethos* eficaz é essencial para a persuasão e a conexão emocional no discurso humorístico que se vale também da cenografia, articulada por meio dos diálogos, a partir dos quais os estereótipos do caipira emergem, contribuindo para provocar o efeito de comicidade.

2.6 O uso de variantes linguísticas para a construção do humor

No ato da fala, o indivíduo desempenha um papel fundamental na comunicação, e é por meio das suas escolhas linguísticas que ele molda sua identidade e estilo. Essas escolhas são influenciadas por uma variedade de fatores, como o contexto social, o nível de educação e o momento histórico. Por meio de pesquisas em Sociolinguística, é possível entender que o uso de variações linguísticas que não se alinham com o padrão formal do português pode ser considerado legítimo, desde que se leve em consideração o contexto sociocultural do falante e a situação específica de comunicação.

É relevante considerar a realidade de indivíduos que não tiveram acesso à educação formal ao analisar as variações linguísticas. Essa falta de exposição à norma-padrão da língua pode influenciar a maneira como eles se expressam. Isso evidencia a diversidade linguística presente em nossa língua, que é moldada por diversos contextos. Portanto, a adequação ou inadequação de uma expressão linguística depende do contexto específico em que é empregada, levando em conta as influências culturais, sociais e educacionais dos falantes.

No contexto do humor, as variações linguísticas podem ser utilizadas de forma estratégica para gerar efeitos cômicos, pois o humor, muitas vezes, baseia-se em desvios ou subversões das normas linguísticas convencionais. Assim, ao compreender que a língua apresenta diferentes variações que dependem de diversos fatores, incluindo o

contexto sociocultural e a situação de comunicação, podemos entender como certas expressões linguísticas são usadas para criar humor em determinados contextos.

Em uma pesquisa conduzida por Batista e Domingos (2021, p.38) acerca do uso da variação linguística para gerar humor, constataram que,

refletindo sobre a produção de humor à luz da Sociolinguística, podemos compreender que os dialetos e contextos sociais utilizados pelos humoristas em suas piadas são partes fundamentais para a construção do riso em suas falas, pois o humorista precisa criar uma relação entre o que foi dito por ele e o banco de dados comum ao seu público, por exemplo, abordando temas que sejam de conhecimento de ambos.

Diante disso, é fato que as variedades linguísticas possuem papel fundamental na criação e na compreensão do humor. Isso pode ser evidenciado através das piadas com uso de sotaques, dialetos, variações sociais e culturais e com a língua estrangeira que são muito comuns no meio humorístico.

Para Facin e Spessatto (2007), as piadas são acionadas a partir de níveis linguísticos diferentes. São eles: fonológico, morfológico, lexical e sintático. Para esses níveis, as autoras apresentam os seguintes exemplos, respectivamente:

- a) A moça se preparou para ir a um baile da Gaviões da Fiel. Chegando lá, um dos mano suarento e banguela pede pra dançar com ela. Para não arrumar confusão, ela aceita. Mas o mano suave tanto que ela já não estava suportando mais! A moça foi se afastando, e disse: '**Você sua, hein!**' Ele puxou-a, lascou um beijo e respondeu: '**Também vô sê seu, minha princesa!**' (O Xato, 2007, p. 5).
- b) Numa coluna publicada após um final de ano chuvoso, comentava a mistura de peru, farofa e chuva. E resumia os festejos de Natal e Ano Novo da seguinte forma: 'Peru, farofa e **uma chuvinha** por cima'. E, em seguida, [...] '**E o macho vinha** por cima'. Ora, como se pode ver, esta é uma outra versão da sequência 'e uma chuvinha por cima' [...] (Possenti, 2001, p. 30).
- c) "Na viagem, a mãe ajuda a filha, que está enjoada. O cavalheiro ao lado pergunta: – **Foi comida?** – Foi, mas vai casar, responde a mãe." (Ilari, 2002, p. 106).
- d) A professora passou a lição de casa: fazer uma redação com o tema: 'Mãe só tem uma'. No dia seguinte, cada aluno leu a sua redação. Todas mais ou menos dizendo as mesmas coisas: a mãe nos amamenta, é carinhosa conosco, é a rosa mais linda no nosso jardim etc. etc., portanto, mãe só tem uma [...] Aí chegou a vez de Joãozinho ler a sua redação: Domingo foi visita lá em casa. As visitas ficaram na sala. Elas ficaram com sede e minha mãe pediu para mim (SIC) buscar Coca-cola na cozinha. Eu abri a geladeira e só tinha uma Coca-cola. Aí, eu gritei pra minha mãe: '**Mãe, só tem uma!**' (Orapoís, 2008, p.252).

No primeiro exemplo, a ocorrência no nível fonológico se manifesta na interpretação da palavra "sua" como pronome possessivo, apesar de a personagem utilizar

o verbo "suar". No segundo exemplo, a análise morfológica se evidencia na estrutura "e uma chuvinha", que é interpretada como "e um macho vinha". A terceira piada ilustra o nível lexical, no qual a palavra "comida" possui uma ambiguidade de significado. No último exemplo, é apresentada uma construção sintática na qual a presença de uma vírgula resulta em uma nova interpretação, gerando humor.

Ainda conforme as autoras, considera-se que alguns fenômenos de variação como o rotacismo, a eliminação das marcas de plural redundantes, a vocalização do lh em i, a monotongação e a simplificação das conjugações verbais estão presentes no texto de humor. Assim, é possível perceber que alguns fenômenos citados são característicos da fala caipira e inclusive serão analisados neste trabalho.

As pesquisas conduzidas por Possenti (2001) destacam o potencial do humor como uma ferramenta significativa para a análise linguística. O humor, ao se manifestar como um *corpus* linguístico, proporciona uma expressão clara do funcionamento da língua em relação ao contexto. Para ele,

as piadas também podem servir de suporte empírico para uma teoria mais aprofundada e sofisticada de como funciona uma língua, especialmente porque se trata de um corpus que, além de expor traços do que nela é sistemático (gramatical) e, paradoxalmente, desarrumado contribui para deixar muito claro que uma língua funciona sempre em relação a um contexto culturalmente relevante e que cada texto requer uma relação com outros textos. Cada vez há mais linguistas analisando piadas, mas ainda são poucos, considerada a relevância dos dados e sua enorme capacidade de revelar aspectos inesperados do funcionamento da linguagem. (2001, p.72).

Por fim, as piadas refletem aspectos culturais e regionais, como evidenciado pela presença de fenômenos linguísticos característicos da fala caipira. Essa análise ressalta a importância de considerar as variações linguística e cultural na compreensão do humor e destaca o potencial das piadas como fonte de dados para estudos linguísticos mais amplos. Entretanto, considerando que a variação linguística é uma manifestação intrínseca à cultura de um povo e, frequentemente, é suscetível à estereotipação, torna-se relevante observar como o humor, ao empregar tais fenômenos de variação como matéria-prima para suas piadas, pode contribuir para a perpetuação dos estereótipos presentes em uma sociedade.

2.7 O papel da mídia na propagação da cultura regional

A mídia desempenha uma função essencial na disseminação e na promoção da cultura, servindo como um canal pelo qual os costumes, os valores, as tradições e as variações linguísticas, muitas vezes características de comunidades isoladas, são expostos e compartilhados em escala global. É por meio dos diversos meios de comunicação, como televisão, rádio, jornais, revistas e plataformas *online*, que esses aspectos culturais são amplamente difundidos, permitindo que sejam conhecidos e compreendidos por audiências em todo o mundo.

No entanto, é importante reconhecer que, assim como a mídia pode contribuir para a disseminação de elementos culturais autênticos, também pode, inadvertidamente, promover estereótipos e simplificações culturais. Assim, o uso de representações simplificadas e generalizadas de determinados grupos étnicos, culturais ou sociais pode resultar na perpetuação de preconceitos e na distorção da verdadeira diversidade e da complexidade das culturas representadas.

Conforme Nascimento (2016), nas piadas regionalistas, observamos que certos traços, que não são necessariamente exclusivos do caipira, são exagerados em sua caracterização. Isso é feito através de simulacros – ou seja, utilizando construções pré-existentes derivadas de relações polêmicas – para provocar efeitos de comicidade, humor e riso. Em alguns casos, isso acaba promovendo ou refletindo determinadas visões preconceituosas em relação à imagem construída do outro.

Em 1977, Adorno delineou importantes considerações acerca da mídia, inicialmente destacando a característica da previsibilidade. O autor enfatizou que os conteúdos televisivos são notavelmente previsíveis, apresentando uma programação que retrata a vida cotidiana com situações triviais, enquanto presumem um elemento de excitação. Nesse sentido, a visão de Adorno vai ao encontro da afirmação de Hall (2006) de que as narrativas veiculadas pela mídia oferecem uma representação das experiências humanas, atuando como uma forma de construção cultural que atribui identidades às pessoas de uma maneira que elas frequentemente não se reconhecem.

Adorno (1977) também conduziu uma análise acerca da formação de estereótipos na televisão. Em sua concepção, o meio televisivo tem a tendência de distorcer a percepção do mundo ao promover dicotomias simplistas entre o bem e o mal, o branco e o preto, o bom e o ruim. Essa abordagem reducionista, conforme Adorno, contribui para

a deterioração da capacidade das pessoas de compreenderem a realidade de forma abrangente e formarem opiniões fundamentadas.

Chomsky (2002) também oferece contribuições substanciais sobre o papel da mídia em seu trabalho "*Understanding Power*", no qual sustenta que a mídia frequentemente promove perspectivas alinhadas aos interesses dos proprietários dos veículos de comunicação. No entanto, o autor também reconhece a existência de fontes de informação independentes que proporcionam voz aos grupos marginalizados pela sociedade.

Em síntese, a mídia desempenha um papel essencial ao disseminar e enaltecer a cultura de várias comunidades ao redor do mundo, servindo como um veículo para compartilhar elementos culturais, linguísticos e sociais em escala global. Contudo, é imperativo reconhecer que, ao mesmo tempo em que promove a diversidade cultural, a mídia também pode, inadvertidamente, perpetuar estereótipos e simplificações culturais.

A mídia, desde a criação do personagem Jeca Tatu por Monteiro Lobato, se vale da representação do caipira. Por exemplo, o Chico Bento, personagem dos quadrinhos de Maurício de Souza, terá sua estreia no cinema ainda em 2024 com o filme "Chico Bento e a goiabeira maraviósa", protagonizado por Isaac Amendoim, um ator mirim de 10 anos de idade. No próprio título do filme, percebe-se a vocalização do lh em i como um fenômeno que é característico do dialeto caipira, conforme já evidenciado. No *teaser* do filme, é possível identificar outros fenômenos, como o retroflexo, concordância nominal não padrão e a queda da oclusiva /d/ em gerúndio. A seguir, é apresentada a captura da tela do *teaser* que está disponível no *Youtube*:

Figura 14 – *Teaser* do filme “Chico Bento e a goiabeira maraviósa.”



Chico Bento | Teaser

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kzI7sdFyG2Y>

Em relação aos estereótipos, Chico Bento é frequentemente visto com vestimentas simples, como chapéu de palha, calças remendadas e sandálias de couro, que são associadas à imagem tradicional do caipira. Ele vive em uma área rural, em contato direto com a natureza, cuida dos animais, planta e colhe e participa de atividades típicas da vida no campo. O personagem ainda é retratado como ingênuo e simples, muitas vezes contrastando com personagens que representam a vida urbana. Essa ingenuidade é um dos principais traços que reforçam o estereótipo do caipira. Apesar de sua ingenuidade, Chico Bento é frequentemente mostrado como portador de uma sabedoria prática, baseada em sua experiência com a natureza e a vida no campo. Desse modo, a representação de Chico Bento pode ser vista tanto como uma forma de valorizar a cultura caipira quanto de reforçar estereótipos.

Além do personagem citado acima, pode-se identificar Valdirene em "Amor à Vida", novela exibida pela Rede Globo em 2013-2014. Interpretada por Tatá Werneck, a personagem tinha fortes características caipiras, sendo uma jovem ingênua do interior que sonhava em ser famosa. Também pode-se identificar as personagens Bibiana e Eulália, em "Avenida Brasil", novela exibida pela Rede Globo em 2012, em que as personagens citadas apresentavam características que remetem à vida rural, com traços de uma cultura caipira.

Sherre (2005) tem preocupações importantes em relação à propagação de preconceitos e estereótipos através da mídia. De acordo com a autora,

Em nome da “boa língua” pratica-se a injustiça social, muitas vezes, humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. (Scherre, 2005, p. 43).

Desse modo, ela destaca a forma como grupos minoritários são representados na mídia. Muitas vezes, esses grupos são retratados de maneira estereotipada, o que reforça preconceitos e perpetua imagens negativas. Scherre (2005) cita exemplos do Correio Braziliense, no qual ocorrem situações de preconceitos, evidenciando esse problema. Em um dos exemplos, ela reproduz um trecho em que a autora da seção intitulada de “A última do português” diz: “Falar em nível aceitável de linguagem é exigência de civilidade. Como não jogar papel na rua, não cuspir em público, não arrotar à mesa.” Esse comentário associa implicitamente a linguagem não padrão à falta de civilidade, perpetuando estereótipos negativos sobre certos grupos sociais. Ao evidenciar essas representações enviesadas, Scherre contribui para a discussão sobre a necessidade de uma mídia mais inclusiva e justa.

2.8 O gênero causa e seus efeitos de sentido

Os gêneros textuais desempenham um papel fundamental na comunicação humana e nas práticas sociais que a envolvem. São elementos inseparáveis da língua, cultura e sociedade, pois são utilizados pelo meio social para alcançar diversos objetivos comunicativos, como entrevistas de emprego, apresentações orais, palestras, aulas, cartas, entre outros. Eles desempenham um papel crucial na organização das atividades cotidianas e refletem as normas e valores culturais de uma comunidade, uma vez que se adaptam à comunicação humana e influenciam a criação, a transformação e a adaptação de novos gêneros, permitindo a descrição e a interpretação mais precisa da sociedade.

Para Silva (2009), o contexto de produção de um gênero está intrinsecamente ligado aos fatores que influenciam sua estruturação. Esses fatores podem ser categorizados em dois domínios: o mundo físico e o mundo social e subjetivo. O mundo físico engloba elementos como o local e o momento da produção (tempo), o emissor

(quem produz ou fala) e o receptor (aqueles que podem perceber ou receber efetivamente o gênero). Já o mundo social abarca normas, valores e regras culturais, enquanto o mundo subjetivo refere-se à imagem que o agente tem de si mesmo ao agir. Considerando a vasta diversidade de gêneros textuais, o presente estudo se concentrará na análise do gênero causo, devido à sua significância para os propósitos da pesquisa em questão.

A etimologia da palavra “causo” provém da junção entre caso e causa. Conforme o dicionário Houaiss (2005), ela é definida como: o que aconteceu; acontecido; caso ocorrido; narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de acontecimento real; caso; conto. Em sua pesquisa de campo em São Paulo, Oliveira (2006) destacou que o causo se articula com inúmeras manifestações que vêm sendo resgatadas, como celebração de festas, receitas culinárias, trabalhos artesanais, danças, artes.

A tradição oral, da qual o causo é uma parte integral, é um meio pelo qual comunidades rurais mantêm viva a sua herança cultural. Segundo Câmara Cascudo (1984) em "Literatura Oral no Brasil", a tradição oral é a perpetuação, pela palavra falada, dos valores, crenças, histórias e experiências de um povo, sem a intervenção do registro escrito. Nesse contexto, os causos funcionam não apenas como entretenimento, mas também como uma forma de educar, preservar e fortalecer os laços comunitários.

Esse gênero textual remete ao aparecimento da cultura caipira que pode ser compreendida, conforme Oliveira (2006), como a fusão dos costumes portugueses com os costumes indígenas. Segundo Ribeiro (1997), relacionadas às origens étnicas e raciais, emergiram cinco identidades culturais divergentes: crioulo, no Nordeste; caboclo, na região amazônica; sertanejo, no Centro-Oeste; sulino, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul; caipira, no Paraná, São Paulo, parte de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. Entretanto, essa organização pode ter se transformado, haja vista o efeito migratório da população e os meios de comunicação em massa.

Amadeu Amaral (1920) afirmou que a palavra “caipira” é indígena e abria possibilidades para a imaginação dos etimologistas. Segundo ele (1920, p. 97), “uns derivam-na de "currupira", sem se dar o trabalho de explicar a transformação; outros, de "caapora". Couto de Magalhães entendia que era ligeira alteração de "caa-pira", mondador de mato.” Para Queiroz (1973), os traços distintivos da cultura caipira revelam as formas mais antigas de civilização e cultura da classe rural brasileira, remontando aos primórdios da colonização. Esses traços incluem tradições, costumes e práticas agrícolas que foram preservados ao longo dos séculos, refletindo a adaptação dos primeiros colonos ao ambiente e sua interação com as influências indígenas e africanas.

Outrossim, o causo tem suas raízes na tradição oral brasileira, especialmente nas regiões rurais e interioranas do país. Sua origem remonta à época da colonização, quando os colonizadores portugueses, africanos escravizados e povos indígenas interagiam e compartilhavam suas experiências, histórias e lendas. Com o passar do tempo, essas narrativas foram sendo transmitidas oralmente de geração em geração, sendo enriquecidas com elementos culturais e características locais específicas de cada região. Desse modo, o enfoque semiótico possibilita descrever alguns mecanismos de manifestação discursiva presentes nos textos, como a retórica, interpretá-los pragmaticamente e identificar os procedimentos argumentativos específicos utilizados pelos contadores de causos para alcançarem seus objetivos e os recursos empregados na construção dos significados.

Para Oliveira (2006), o fator básico que garante a construção de sentido e a comunicação é o jogo entre o enunciado e as condições de produção. Essas relações se manifestam em um nível superficial e em um nível mais profundo: o nível narrativo revela como as estruturas são organizadas a partir da perspectiva de um sujeito enunciador específico, mostrando a sequência e a conexão dos estados e das transformações; o nível discursivo destaca as escolhas e as combinações feitas pelo sujeito para realizar o encadeamento das figuras, do espaço e do tempo, a fim de constituir a isotopia - termo usado na semiótica e na teoria da narrativa para se referir à recorrência de categorias semânticas que garantem a coerência e a continuidade de um texto - e configurar os atores.

Desse modo, a análise das estruturas semióticas dos causos revela que os textos possuem características enunciativas, desenvolvimento temático e procedimentos argumentativos específicos que os distinguem como um gênero único. Oliveira (2006) faz uma caracterização do gênero, considerando alguns elementos, como: estruturas enunciativas e desenvolvimento temático. Nas estruturas enunciativas estão:

- **Enunciador** - O narrador participa ativamente da história como personagem ou observador, detalhando nomes, reações, características das pessoas ou dos lugares e se preocupando em usar um vocabulário que dê veracidade ao causo, por mais fantástico, inusitado ou inacreditável que pareça. As histórias são narradas em primeira pessoa e caracterizadas pela linguagem oral e expressões típicas da região e, quando transcritas, pela estrutura e fonética próprias da oralidade. Nos causos analisados neste trabalho, os enunciadorees são os próprios humoristas - Nilton Pinto e Tom Carvalho e Geraldinho - que, na maioria das vezes, participam ativamente como personagens.

- **Enunciatório** – Oliveira (2006) explicita que o enunciatório é fundamental no processo da contação do causo. Ele é constantemente mencionado ou implícito na interlocução, sendo parte integral do grupo social que compartilha essas histórias. Ademais, não participa apenas pela troca de turnos na conversa, mas pelo interesse demonstrado através de expressões faciais, movimentos corporais, olhar e, especialmente, pelo riso. Em suma, o enunciatório é um componente essencial que valida e dá vida à narrativa, evidenciando a interação e a recepção do causo.
- **Ator** - O caipira é sempre o personagem principal; contudo, ele não é imediatamente apresentado como herói, mas sim construído posteriormente, frequentemente como uma figura individual que muitas vezes se desdobra em sua função narrativa, sendo criado para desempenhar um papel temático específico. Entre esses papéis, destacam-se aqueles que se apresentam como antíteses, como o interiorano e o citadino, o poderoso e o fraco, o dominador e o dominado. No entanto, nesse contraste, são mais evidenciados os defeitos do mais forte, a fim de realçar as virtudes do mais fraco. Esses papéis estão sempre ligados ao cotidiano e aos problemas da vida simples ou aos principais fenômenos humanos. Considerando isso, vale destacar que, nos causos de Geraldinho, ele nem sempre foi o herói, por exemplo, no “Causo do osso”, em que ele sai envergonhado e vai para casa depois de o cachorro agarrar o osso que estava em seu dedo e a moça rir da situação; no “Causo da bicicleta”, o humor é projetado na humilhação do personagem ao não saber “pilotar” uma bicicleta; Fato contrário acontece nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho em que o ator principal sempre é destacado como forte e esperto. Isso ocorre, por exemplo, no causo da “Dor de barriga no ônibus” em que o protagonista, em princípio humilhado, é dado como esperto ao encontrar o dinheiro no vaso e ter criado uma solução para retirá-lo de lá; no “Causo da espingarda”, apesar de a criança – protagonizada pela figura de Nilton – ser apresentada com inocência ao pensar que irá morrer, o desfecho evidencia a situação favorável a ela.
- **Tempo e espaço enunciativos** -O autor afirma que os causos sempre iniciam com uma espécie de chamamento: “Eu alembrei, rapaiz, do tempo que eu fui candieiro do meu avô.”; “Pois é, sô”; “Cê tá lembrado daquele catirero?”; “Eu tô lembrano aqui quando era minino.”. Essas construções mostram o tempo nos causos que normalmente ocorre no presente ou no passado. O espaço e o tempo são

evidenciados a partir da subjetividade do ator que descreve esses elementos a partir das suas emoções e atribuições.

Em relação ao desenvolvimento temático, Oliveira (2006) destaca os seguintes elementos:

- **Objeto-valor** - O principal valor do caipira é a capacidade de afirmar sua identidade e validar sua existência, focando em si mesmo e no valor de seu trabalho. Ele constantemente busca uma sabedoria natural ou simples que lhe permita suavizar as manifestações do mal, compensando suas deficiências com qualidades positivas, não apenas através de suas palavras, mas também por meio de sua visão de mundo. Os valores pessoais destacados incluem esperteza, astúcia, coragem, ironia, convicção em suas crenças e adaptação a novos contextos. Esses valores estão relacionados à essência da pessoa e não a posses materiais, ajudando-o a ganhar autoestima e a suavizar suas deficiências.
- **Simulacro** - Os eventos podem ter um fundamento real, ser inventados ou recontados, mas são sempre representações de conflitos que podem ser revertidos: a capacidade do adversário é neutralizada ou reavaliada pelo caipira, que é sempre exaltado de maneira positiva. Aqui, os aspectos do cotidiano e da vida comum são enfatizados: família, casal, religião, morte, valores morais e a interação entre fatos e eventos fantásticos ou peculiares. Em todos esses casos, a luta entre o bem e o mal se destaca.
- **Manipulação** – Os princípios éticos que guiam o contador, na esfera semiótica, são delineados pelo encontro entre a natureza e a cultura e se revelam como: falecimento, chegada à vida, punição, autoridade e emoções (ciúme, ressentimento, astúcia, sagacidade, anseio por reconhecimento, fervor religioso, afeto).
- **Cenário** – Delimita-se ao espaço particular do contador, como a casa, a fazenda, a vila, a cidade, ao campo e às atividades agropecuárias. No “Causo do osso”, a narrativa se passa na casa do contador e depois durante uma atividade agrícola.
- **Estereótipo** – Como é apresentado pelo autor, mas também como foi apresentado neste trabalho, os estereótipos são constantes e representam funções, estados e temperamentos.
- **Expressividade** – A linguagem possui elementos próprios da oralidade, marcadores típicos, perguntas do interlocutor, vocabulário simples, redundância,

frases curtas e interrompidas por emoções que afetam o contador em meio à narrativa.

Essas características podem ser identificadas tanto nos causos de Geraldinho quanto nos causos da dupla de humoristas. Alguns trechos foram destacados abaixo:

- (13) “Eu cheguei lá e ela falô: “Não, porque cê vai ficá cumigu aqui trinta dia porque nós temo muita coisa pra cunversá. Saudade d’ocê demais da conta””. Falei: “Tia, eu num posso. Eu trabalho na prefeitura lá da minha cidade, se eu ficá trinta dia aqui, o prefeito vai mandá eu imbora”” (Dor de barriga no ônibus - Nilton Pinto e Tom Carvalho).
- (14) “...é a noite grande, rapaiz, o... acordava, oiava, escuro e trem num manhece, aí uma hora a quando o vi a barra do dia quis alevantá. Eu pulei de um catinho véi lá no chão, rapaiz, fui lá na aguada e passei uma água na venta pra aqui, pra ali. Passei lá dento, bebi uma soquinha de café de onti memo e mão na foice e aqui no caminho. Eu, uma hora eu tonteava, outra hora eu... um passo laigo pra chegá ligero... e, rapaiz, e deu certim, du jeito, du jeito que eu tinha feito a ideia” (Causo do osso - Geraldinho).

Essas narrativas, embora possam ter suas raízes em eventos verídicos, frequentemente se valem de elementos ficcionais, sendo compartilhadas com o intuito de proporcionar entretenimento ao público. É possível observar esse fato através dos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho, uma vez que escrevem um roteiro baseado na figura do caipira goiano com a finalidade de entreter, gerar humor e dar visibilidade ao perfil do estereótipo caipira relacionado ao goiano.

Silva (2009) ressalta que o propósito do gênero causo é despertar o humor, uma vez que se configura como uma interação informal na qual o narrador, influenciado por seu mundo subjetivo, evoca conhecimentos culturais de forma a cativar a atenção de seus interlocutores e provocar o riso. Desse modo, o causo se configura como uma forma narrativa que se distingue pela apresentação oral, geralmente de curta duração, e transmitida de maneira humorística com o propósito de suscitar o riso na audiência.

Conforme observado por Oliveira (2006, p. 120), "Este discurso, individual e subjetivo, marca um enunciador que pode estabelecer condições de veracidade capazes de instaurar interações entre ele e seu público." É importante ressaltar que os causos desempenham um papel significativo na transmissão de valores culturais, no fortalecimento da identidade regional e na preservação das tradições folclóricas brasileiras. Esse é um traço fortemente observado nos causos de Geraldinho, que desempenhou um papel significativo dentro da comunidade em que estava inserido, sendo visto como porta-voz da cultura e dos costumes de Bela Vista de Goiás, de forma mais específica, e do estado Goiás, de modo geral.

Outro fator acerca do gênero causo é que o assunto normalmente está vinculado ao ofício, evidenciando que não há separação entre vida pessoal e profissional. Isso acontece no causo analisado neste trabalho, o “Causo do carro de boi”, em que o “contador” está em uma atividade laboral. Além disso, vale destacar que a figura principal do gênero é sempre um caipira. Para Oliveira (2006, p. 103),

O caipira é sempre o ator principal; no entanto, não é construído de imediato em sua condição de herói, mas a posteriori, quase sempre como ator individual, muitas vezes, desdobrado, em termos de sua função actancial, pois são criados para marcar determinado papel temático.

O caipira, geralmente retratado de forma proeminente nos causos, é caracterizado como uma figura típica do interior, frequentemente representando um contraponto ao outro personagem por meio de antíteses, como o fraco e o forte, o habitante do campo e o urbano, o dominador e o dominado. Nesse contexto, os defeitos do personagem mais forte são frequentemente destacados para enaltecer as virtudes do caipira, contribuindo para a construção de uma narrativa que valoriza as características e valores associados à vida rural e à cultura interiorana.

É interessante ressaltar que esse ponto constitui uma diferença singular entre os causos de Geraldinho e de Nilton Pinto e Tom Carvalho, visto que o primeiro, apesar de se apresentar como personagem principal, em seus causos, normalmente é aquele que sempre parece sofrer mais do que os outros. No “Causo da bicicleta”, por exemplo, Geraldinho narra uma série de percalços ao comprar uma bicicleta e não conseguir utilizá-la corretamente; no “Causo do osso”, o narrador descreve de modo humorístico um momento que foi extremamente desconfortante, como mostra o trecho a seguir:

(15)E aí ela demorô [...], ah, eu vô escondê esse trem mió se não ela inda descobre. Fui levá no prato, tampano aquele osso assim, rapaiz, e oian'ela... quando eu bambiei o braço pa trás, assim, rapaiz, tinha um marvado de um cachorrão [...] atrás de mim, quando eu bambiei, eu senti só aquele supapo que o (eu) virei de costa. Minino, e o marvado pegô e num largava de jeito nenhum e dano safanão e rosnano e eu gritano 'sai cachorro, sai cachorro' e ele foi me rastando e dando supapo. Quando chegô na porta da sala, que ele ia me levá lá pa saroba, eu levei essa mão no portale, aí o (eu) ranquei pa trás, ele foi... saiu com o osso na boca, mas o coro do dedo foi junto. É... Oiei nele, rapaiz, ficô pareceno uma cenoura quando ocê dispen'ela. Oiei na porta, menino, mas essa molequinha tava com o pescoço dessa grussura, segurano pra não ri de dó de mim (Causo do osso – Geraldinho).

Ribeiro (2023) afirma que, em relação aos causos de Geraldinho, é interessante observar que dificilmente o personagem consegue relativamente contornar algumas das situações delicadas e que o enredo, em quase todos os momentos, é caracterizado por muita tensão. O autor também afirma que (2023, p. 329) “o contorno da situação não se constitui diretamente pela ação efetiva do personagem, mas a solução parte de outrem.” Ao longo da história, homens, mulheres e crianças desse amplo contexto sociocultural enfrentaram diversas dificuldades. Eles estavam sujeitos a uma estrutura agrária dominada principalmente pelo poder econômico dos grandes proprietários de terras, que exerceram uma opressão significativa sobre os sem-terra.

Essa condição de opressão, aliada à luta pela sobrevivência e à constante precariedade, tornou-se uma realidade para esses indivíduos, incluindo Geraldinho. Assim, não é surpreendente que os personagens, baseados nas vivências e experiências cotidianas moldadas pela realidade social, tenham enfrentado muitos desafios ao tentarem resolver seus problemas. Nesse sentido, ainda conforme o autor, a arte "refletia" a vida.

Nilton Pinto e Tom Carvalho, entretanto, já apresentam um caipira esperto que se destaca pela perspicácia e pela astúcia, confirmando a afirmação de Oliveira (2006). O trecho a seguir exemplifica esse fato:

(16) Falei: “O sinhô me adianta quinhentos?” “adianto, tá aqui os quinhentos”; eu falei: “Depois dele preso, o sinhô me paga o resto”, eu pensei: “vô pegá esses quinhentos, o (eu) dô um jeito aqui...o (eu) vô imbora”, já fazia uns vinte dia q’o (eu) tava lá...passano até fome. Aí o homi falô: “vai peão...vai buscá a tropa.” Truxeram uns quarenta cavalo...não...uns oito só...cavalo demais aí também. Cumpade, cada cavalão. Falei: “Gente, ma eu num dô cont’ de muntá num treim desse... tá em tempo de... vai me dirrubá, uai”. Peguei um pau, usei uma técnica q’o (eu) cutucava, o bicho pulava, falava: “num vale nada”. Um cavalo vei lá mudo, durmino, eu falei: “Esse pioiento num me derruba não.” Fui na [anca] dele aqui [...] falei: “esse cavalo aqui é bão”; o homi cutucô na muiê dele e falô: “O homi entende do assunto. É o mió cavalo de lida que nós têm aqui na fazenda”. Aí, eu já subi no toco, fiz de conta q’o (eu) sabia mermo. Falei: “Encosta...ruma o cavalo...cela o cavalo pra mim...”, falei pro cabra: “cela o cavalo”. Aí, eu criei autoridade. Aí jogô o arreo. Falei: [...] o arreo virado pra trás, num sabia...muito custo eu muntei nesse cavalo. Falei: “tá pronto”, saí intusiasmado. Juntô uns noventa pião de lá pra cá...uns nove...cada cachorrão...cada cachorrão dess’ tamanho. Uns trinta ca...uns seis mais o meno.. juntô todo mundo “vam’bora” e eu segurei aqui e travei aqui pra num caí. Chegô naquele matão, o homi falô: “O boi fica aqui dento, alongado aí...num tem quem tira... vamo entrá lá?” Falei: “Eu entrá lá? Cê tá loco, rapaiz?”. Aí, ele cumeçô “Por quê?”, “rapaiz, eu vô ficá aqui fora, pegá esse boi é na unha seca, rapaiz”. Pensei: “Se eu entrá lá, o (eu) vô morrê lá dento desse

mato”. [...] quebra tudo no pau...rapaiz...eu pego é na unha seca, nos braços...Pensei: “A hora que’es entrá pra lá eu solto esse cavalo aqui e vô imbora”. (Causo do boi bravo – Nilton Pinto e Tom Carvalho).

De acordo com Silva (2009), o causo emerge como um gênero distinto, caracterizado por sua leveza e inofensividade, uma vez que não aborda temas como injustiça social, inversão de valores, política ou abuso de poder. Nele, o humor surge da simplicidade do homem rural, retratada pelo narrador através de suas ações desajeitadas e uso de uma linguagem peculiar, que resgata os dialetos regionais e a rica cultura brasileira.

Os causos possuem características estáveis em relação ao gênero, como a linguagem, o protagonista caipira, o tempo e o espaço, entretanto, os contextos e os valores se articulam de modo diferente. Com o propósito de categorizar as modalidades tipológicas, foi utilizado o esquema abaixo como uma abordagem semiótica que busca compreender a estrutura profunda do significado em textos linguísticos e não linguísticos.

Os parâmetros para esta categorização foram:

Temáticas: os causos apresentam temas como a morte, o medo e as dificuldades da vida, sempre com um tom lúdico que permite a reflexão sem desespero;

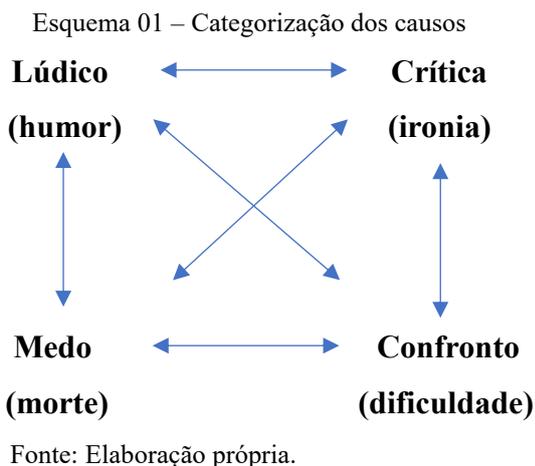
Personagens: as figuras dos personagens são caricaturas que representam tipos sociais, reforçando estereótipos que podem ser tanto engraçados quanto críticos;

Contexto Cultural: a linguagem, as expressões e as situações retratadas nos causos refletem a cultura local, permitindo uma identificação do público com as histórias contadas;

Conflitos: os causos apresentam conflitos que, embora possam gerar medo ou insegurança (como a morte ou um boi bravo), são resolvidos de forma a levar ao riso, evidenciando a resiliência do povo;

Conexão com o Público: A forma como os causos se relacionam com o cotidiano do ouvinte estabelece uma conexão imediata, tornando-os relevantes e impactantes.

Assim, os causos deste trabalho foram categorizados da seguinte forma: Lúdico em contraste com a crítica e medo que contraria o confronto:



Analisando-os separadamente, tem-se:

- **Lúdico: Causo da dor de barriga no ônibus e Causo da bicicleta.**

No primeiro, o lúdico se manifesta de várias maneiras, criando um contraste interessante com o medo e o enfrentamento que se dão pelos seguintes elementos: a estilização exagerada, típica dos causos humorísticos, conferindo um tom cômico à narrativa desde o início. Esse exagero dos detalhes, como a descrição da visita à tia e da experiência gastronômica, aumenta o aspecto lúdico da história; outro fator é o humor extraído das situações cotidianas e até mesmo desconfortáveis, como a dor de barriga durante a viagem de ônibus. Essa abordagem transforma eventos ordinários em fonte de entretenimento, proporcionando uma forma de enfrentar o desconforto através do riso; a reviravolta final, com a descoberta da nota de 10 reais no vaso sanitário, adiciona um elemento de surpresa e humor à história. Ao desviar a atenção do protagonista da sua dor de barriga para o achado monetário inesperado, a narrativa subverte as expectativas do leitor e contribui para o tom humorístico.

Em contraste com o medo e o enfrentamento, o lúdico neste caso oferece uma abordagem leve e descontraída para lidar com situações potencialmente desconfortáveis, transformando o humor em uma ferramenta de enfrentamento. Ao encontrar humor em situações adversas e ao superar as expectativas do leitor, a narrativa cria um ambiente de divertimento que ajuda a aliviar a tensão e proporciona uma perspectiva mais positiva sobre os desafios da vida cotidiana.

No "Causo da Bicicleta", de Geraldinho Feliciano Nogueira, o lúdico é evidente na variação linguística e léxico rural, no desafio de aprender a andar de bicicleta e na estrutura narrativa. Esses elementos se contrastam com a ideia de medo e enfrentamento,

transformando uma situação potencialmente desafiadora em entretenimento. Diante disso, o humor surge de forma peculiar na maneira como Geraldinho narra sua experiência com a bicicleta, utilizando variações linguísticas e um léxico rural específico.

Dessa forma, ao descrever suas peripécias, criando suas próprias palavras e expressões, Geraldinho adiciona um elemento de diversão e de autenticidade à história. Ademais, o enfrentamento do protagonista diante do desafio de aprender a andar de bicicleta poderia ser fonte de medo ou ansiedade, no entanto, a narrativa transforma essa situação em algo lúdico e divertido, destacando os momentos engraçados e as tentativas malsucedidas de Geraldinho enquanto ele tenta "pilotar" a bicicleta, juntamente com sua linguagem descontraída e expressiva, criando um ambiente de descontração e humor.

- **Medo: Causo do carro de boi e Causo da espingarda.**

No primeiro caso, o medo está presente como um elemento subjacente que contrasta com o tom lúdico e o humorístico da narrativa, criando uma tensão cômica que amplifica o efeito do riso. Desde o início, o cenário é estabelecido como desafiador, com referências às dificuldades das estradas de Goiás e a descrição de um personagem, Bastião Miguez, como "mau como o diabo, bruto".

Essas características do ambiente sugerem um clima de perigo e potencial confronto, adicionando uma camada de tensão. O conflito entre Geraldinho e Bastião, destacado pela insistência deste último em realizar uma tarefa perigosa imediatamente, cria uma situação de tensão que alimenta o humor da história.

O medo de Geraldinho de desagradar Bastião e as consequências de suas ações contribuem para o aumento da tensão dramática. Esse medo é amplificado de maneira exagerada, com ele expressando preocupação com a possibilidade de ser morto por Bastião, que sempre anda armado. O desfecho inesperado, no qual Bastião reconhece sua culpa e absolve Geraldinho de qualquer responsabilidade, proporciona um alívio humorístico e uma reviravolta surpreendente na história. Em suma, o medo presente no caso atua como um contraponto ao tom lúdico e humorístico da história, aumentando a tensão dramática. Esse contraste entre o medo e o humor permite que a narrativa explore temas mais profundos, como as relações de poder e a resolução de conflitos, enquanto mantém o público envolvido e entretido.

No segundo caso, o medo está presente de forma sutil, atuando como contraponto ao humor e à inocência. Logo, o medo se manifesta no desafio da proibição paterna: desde

o início, há uma tensão implícita na história devido à proibição do pai de Nilton em relação ao manuseio da espingarda. Essa proibição cria um senso de medo e desafio para o protagonista, que deseja praticar tiro apesar das consequências potencialmente severas. O medo também se manifesta na inocência da criança: Nilton se despede da família com sentimento de medo e tristeza quando sai com seu pai para matar um “catitu” – “...já saí dispidino da casa que sabia que num ia vortá mais, ‘a bença, mãe’, [...] meus irmãos...”. Essa tensão culmina no momento em que o pai se prepara para atirar, sem perceber que a espingarda já estava carregada de pólvora.

A reviravolta final, na qual a situação de perigo se converte em uma cena de comédia, ressalta a natureza cômica da história. O fato de o menino cair da árvore, o pai ficar coberto de carvão e os caítitus serem descritos como carne moída transforma o momento de tensão em um momento de riso, proporcionando um alívio humorístico. Em resumo, o medo presente no caso atua como um contraponto ao humor e à inocência, adicionando uma dimensão de suspense e tensão à narrativa.

- **Crítica: Causo do marimbondo e Causo do boi comunitário.**

No “Causo do Marimbondo”, o humor e o lúdico estão intrinsecamente ligados à crítica e à ironia, criando uma narrativa que satiriza comportamentos abusivos e arrogantes. Esses elementos se manifestam pela caracterização do antagonista que é descrito como “um sujeito muito abusante” e “bichão fêi”, criando uma imagem clara de alguém arrogante e cruel. Essa caracterização é essencial para justificar a lição que ele recebe, preparando o terreno para a narrativa cômica. A crítica está implícita na descrição desse personagem, que representa uma figura de poder que abusa dos outros. Além disso, a ironia atinge o ápice quando o protagonista, que planeja uma viagem para ver as “moças” na cidade, é atacado por um marimbondo nas partes íntimas enquanto tenta defecar. Essa situação constrangedora e embaraçosa é contrastada com a arrogância e o abuso do antagonista, criando um efeito irônico que subverte as expectativas do público.

Outro ponto é que o humor é intensificado pelo exagero das situações e pelas descrições detalhadas dos acontecimentos, como o “dilurimento” nos bofes do protagonista e o inchaço da “poupa” devido à picada do marimbondo. Esses elementos contribuem para criar uma atmosfera de comédia exagerada e absurda, aumentando o impacto do contraste entre o lúdico e a crítica. A ironia final da história reside no fato de

que o antagonista, uma pessoa má e abusiva, é submetido a uma situação embaraçosa e dolorosa como consequência de suas ações.

Em suma, o "Causo do Marimbondo" de Geraldinho Feliciano Nogueira combina humor, crítica e ironia de maneira habilidosa, criando uma narrativa que satiriza comportamentos abusivos e arrogantes enquanto proporciona entretenimento e risadas ao público.

No "Causo do boi comunitário", o humor é utilizado como veículo para uma crítica social, particularmente em relação à ineficiência percebida dos funcionários públicos. Desse modo, o lúdico, a crítica e a ironia se entrelaçam na narrativa a partir do contexto de revolta da população contra a prefeitura, criando uma tensão que prepara o terreno para a crítica. A proposta de fazer um churrasco com o boi reflete o descontentamento e o desejo por uma solução radical, estabelecendo um tom cômico e exagerado.

Outro fator é a intervenção do prefeito que, tentando acalmar os ânimos, promete uma solução ao conversar com o antigo dono do boi. Este ponto da narrativa introduz uma expectativa de resolução. A ideia de o dono conversar com o boi já é em si uma situação cômica e absurda. No entanto, o ponto alto do humor e da crítica ocorre quando o boi revela que seu comportamento é devido ao fato de ser um "funcionário público". Essa revelação é uma metáfora irônica que critica a ineficiência e a indolência associadas aos funcionários públicos. A ironia é evidente na personificação do boi como um funcionário público, que satiriza a burocracia e a falta de produtividade. Esta crítica sutil utiliza o humor para refletir sobre um problema social.

O uso de humor na narrativa serve para suavizar a crítica, tornando-a mais acessível e menos confrontadora. A descrição do encontro com o boi e sua resposta humanizada criam uma cena visualmente engraçada, enquanto transmitem uma mensagem crítica sobre a ineficiência administrativa.

- **Confronto: Causo do osso e Causo do boi bravo.**

No primeiro caso, o enfrentamento de uma dificuldade é central para a narrativa e está intimamente ligado ao humor. Desde o início, Geraldinho enfrenta um desafio significativo: conquistar uma menina "arisca" cujo pai é extremamente protetor. Este cenário estabelece uma situação de conflito que precisa ser superada, criando uma tensão inicial. Em um segundo momento, Geraldinho identifica uma oportunidade de se

aproximar da menina durante um mutirão. Este momento é importante porque representa a tentativa do protagonista de superar a barreira imposta pelo pai da menina.

O ponto central do humor e da dificuldade enfrentada por Geraldinho ocorre quando ele prende uma "suã" no dedo. A palavra "suã", corte de carne suína que se encontra entre a costela e o lombo, é um regionalismo que enriquece a narrativa com elementos da cultura local. Este incidente cria uma situação embaraçosa, agravada pela presença do cachorro da família que morde o dedo de Geraldinho na tentativa de pegar o osso. A situação culmina com Geraldinho finalmente soltando o osso e percebendo que a menina está rindo dele. Este momento é crucial porque expõe a vulnerabilidade e o fracasso de Geraldinho, transformando uma tentativa de impressionar em um motivo de riso. A reação da menina adiciona uma camada de ironia, mostrando como o plano de Geraldinho se volta contra ele.

"O Causo do osso" combina enfrentamento de dificuldades com humor de maneira eficaz, uma vez que Geraldinho tenta superar o desafio de conquistar a menina em um ambiente restritivo, mas acaba em uma situação cômica e embaraçosa.

No segundo caso, a narrativa de Nilton aborda a busca desesperada por emprego e como ele enfrenta as dificuldades impostas por sua situação financeira. Esses elementos se contrastam com o humor que surge a partir do cenário de dificuldade evidenciado pela busca de emprego no Pará, destacando as circunstâncias financeiras extremas que levam o ator a procurar trabalho em fazendas, mesmo sem ter experiência na área. Este cenário inicial estabelece uma tensão e uma necessidade urgente, preparando o terreno para o enfrentamento de desafios. A busca encerra quando o protagonista encontra um fazendeiro com um problema específico: a remoção de um boi em uma área de mata. Apesar de sua inexperiência, Nilton se oferece para resolver o problema, demonstrando sua necessidade e astúcia.

Neste caso, Nilton é descrito como um "espertalhão", alguém que busca constantemente tirar proveito das situações. Essa característica é fundamental para criar um ambiente cômico, pois ele se lança em uma tarefa sem ter a menor ideia de como realizá-la, confiando apenas em sua esperteza e necessidade de ganhar dinheiro.

A narrativa se desenrola com Nilton tentando capturar o boi, utilizando sua astúcia para improvisar uma solução. A falta de experiência do protagonista e sua postura autoconfiante criam situações cômicas e reviravoltas inesperadas, típicas dos causos. O humor é intensificado pela sua tentativa de se beneficiar das circunstâncias, apesar da clara falta de conhecimento sobre a atividade agrícola. Dessa maneira, ele transforma um

possível fracasso em uma observação engraçada, reforçando a ideia de que, apesar de sua inexperiência, ele mantém uma atitude positiva e esperta. Além disso, este caso utiliza a astúcia e a inexperiência do protagonista para criar humor e destacar o enfrentamento de dificuldades.

Portanto, essa categorização mostra as características mais específicas dos casos aqui elencados, evidenciando que é preciso entender as diferenças em relação ao ponto de vista, à temporalidade, aos atores, ao temperamento, às visões de mundo. De forma sequencial, o próximo capítulo evidencia os procedimentos metodológicos para a análise dos casos categorizados.

CAPÍTULO 03 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem qualitativa foi escolhida para este estudo, uma vez que permitirá investigar e compreender os fenômenos citados no capítulo anterior. Desse modo, a seção a seguir apresenta aspectos da netnografia, seu fluxo de pesquisa e a abordagem netnográfica com o gênero causo, bem como as divergências em relação à etnografia. Além disso, serão apresentados *o corpus*, composto por causos dos humoristas Nilton Pinto e Tom Carvalho e Geraldinho; a transcrição desses e o programa PRAAT, utilizado como ferramenta para analisar os fenômenos de variação.

3.1 Etnografia

Para compreender a netnografia, é necessário primeiro entender o conceito de etnografia. Esta é uma abordagem de pesquisa que envolve a imersão em uma comunidade ou ambiente cultural específico, onde os pesquisadores participam ativamente das atividades cotidianas e interagem com os membros do grupo estudado para capturar a essência de sua cultura, valores e práticas.

Rifiotis (2016) argumenta que na área da cibercultura no Brasil, a prática da etnografia é caracterizada por um vaivém entre desconfiança e revelação. Há desconfiança quanto à viabilidade de conduzir uma etnografia no ciberespaço, dúvidas sobre a especificidade e a validade da observação de campo *online*, impasses sobre como conceber a relação mediada e dificuldades para incorporar adequadamente a mediação técnica na reflexão etnográfica. Ainda conforme o autor, a criação de uma etnográfica virtual é uma maneira de dar crédito às ações realizadas na internet.

Diante disso, surge a netnografia como uma extensão da etnografia aplicada ao ambiente *online*, onde os pesquisadores observam e participam de comunidades virtuais, fóruns de discussão, redes sociais e outros espaços da internet para entenderem os comportamentos, interações e dinâmicas sociais que ocorrem nesses ambientes digitais. Em essência, a netnografia utiliza os princípios da etnografia tradicional, adaptando-os ao contexto *online* para analisar a cultura e o comportamento humano na era digital. Conforme Kozinets (2014), esta é uma forma especializada de etnografia, adaptada às particularidades dos mundos sociais contemporâneos mediados pela tecnologia virtual.

Diante desse contexto, vale elencar os pontos que se referem às vantagens e às limitações em relação à etnografia e à netnografia:

Quadro 2 - Comparativo de vantagens e desvantagens da Etnografia e da Netnografia

Netnografia x Etnografia	
Etnografia	Netnografia
Vantagens	Vantagens
Permite uma compreensão profunda e holística das culturas e práticas sociais.	Acesso fácil e rápido a grandes volumes de dados <i>online</i> .
Observação direta e interações face a face enriquecem a qualidade dos dados.	Menos intrusiva, permitindo observação natural das interações <i>online</i> .
Facilita a construção de relações de confiança com os participantes.	Possibilidade de estudar comunidades globalmente dispersas.
Limitações	Limitações
Logística complexa e custos elevados de tempo e recursos.	Falta de pistas pode limitar a interpretação dos dados.
Presença do pesquisador pode influenciar o comportamento dos participantes.	Dificuldade em verificar a autenticidade das identidades dos participantes.
Limitações geográficas restringem a diversidade dos dados.	Questões éticas complexas relacionadas à privacidade e consentimento.

Fonte: Elaboração própria.

A partir do quadro acima, pode-se afirmar que a etnografia e a netnografia são metodologias complementares que oferecem perspectivas valiosas sobre as culturas e interações humanas em diferentes contextos e ambas possuem vantagens e limitações. Desse modo, a escolha entre uma ou outra metodologia depende dos objetivos de pesquisa, do contexto de estudo e dos recursos disponíveis. Enquanto a etnografia proporciona uma compreensão rica e contextualizada das práticas sociais em ambientes físicos, a netnografia oferece insights sobre as dinâmicas culturais emergentes no ambiente digital, refletindo as mudanças tecnológicas e sociais da era contemporânea.

Noveli (2013) destaca que, para compreender melhor o método netnográfico, foi realizada uma comparação entre etnografia e netnografia, visando identificar possíveis diferenças nos procedimentos adotados. Desse modo, foram analisados dois exemplares: o livro de Whyte (1993), "Street Corner Society: the social structure of a Italian slum", uma etnografia de um bairro pobre de imigrantes italianos em Boston, e o livro de Schaap (2002), "The Words That Took Us There: ethnography in a virtual reality", que trata de gênero em um mundo virtual.

A comparação considerou as etapas de *entr e* (processo inicial de inser o do pesquisador no campo de estudo), coleta de dados, análise e interpreta o,  tica de pesquisa e valida o com os membros pesquisados. Na fase de *entr e*, Whyte relata as dificuldades de intera o com a comunidade italiana, fixando residência por três anos no local de estudo. Em contraste, Schaap utilizou pesquisa encoberta, ingressando na comunidade *online* e observando suas atividades por dois anos, aproveitando a flexibilidade espacial do ambiente virtual.

Na etapa de coleta de dados, Whyte usou principalmente a observa o participante e entrevistas não estruturadas, enquanto Schaap analisou um MUD (multi-user domain), utilizando *logs*, questionários e entrevistas *online*. Em termos de análise e interpreta o, Whyte focou na descri o da comunidade utilizando a teoria de redes sociais, sem grandes avanços teóricos, enquanto Schaap adotou uma abordagem pós-modernista, questionando a validade do campo *online* e sua própria existência.

Na análise e interpreta o dos dados, o autor destacou que ambos os pesquisadores, Whyte (1993) e Schaap (2002), não descreveram técnicas específicas de análise de dados. Whyte focou em descrever uma comunidade italiana pobre em Boston, usando a teoria de redes sociais para ilustrar suas observa es, enquanto Schaap adotou uma abordagem pós-modernista em um estudo de gênero em um mundo virtual. Em termos  ticos, Whyte usou pseud nimos e revelou sua pesquisa aos participantes, enquanto Schaap realizou pesquisas encobertas para não interferir nas atividades do grupo. Quanto   valida o pelos entrevistados, Whyte envolveu seu principal informante no desenvolvimento do trabalho, enquanto Schaap utilizou *logs* para sua análise.

Essa análise comparativa evidencia as diferenças e semelhanças nos procedimentos entre etnografia e netnografia, destacando as adapta es necessárias para cada contexto de pesquisa.

3.2 Netnografia

A pesquisa netnográfica (*nethnograph* = *net* + *ethnography*)   uma metodologia de pesquisa que observa as intera es no ambiente virtual, sejam fóruns, redes sociais, vídeos, *blogs*, entre outros. Esse método se popularizou mediante a necessidade de os pesquisadores se adentrarem no mundo *online*, bem como da dificuldade de fazer pesquisas de campo, haja vista a ocorrência de eventos infortúnios como a Covid-19. Noveli (2010, p. 110) afirma que

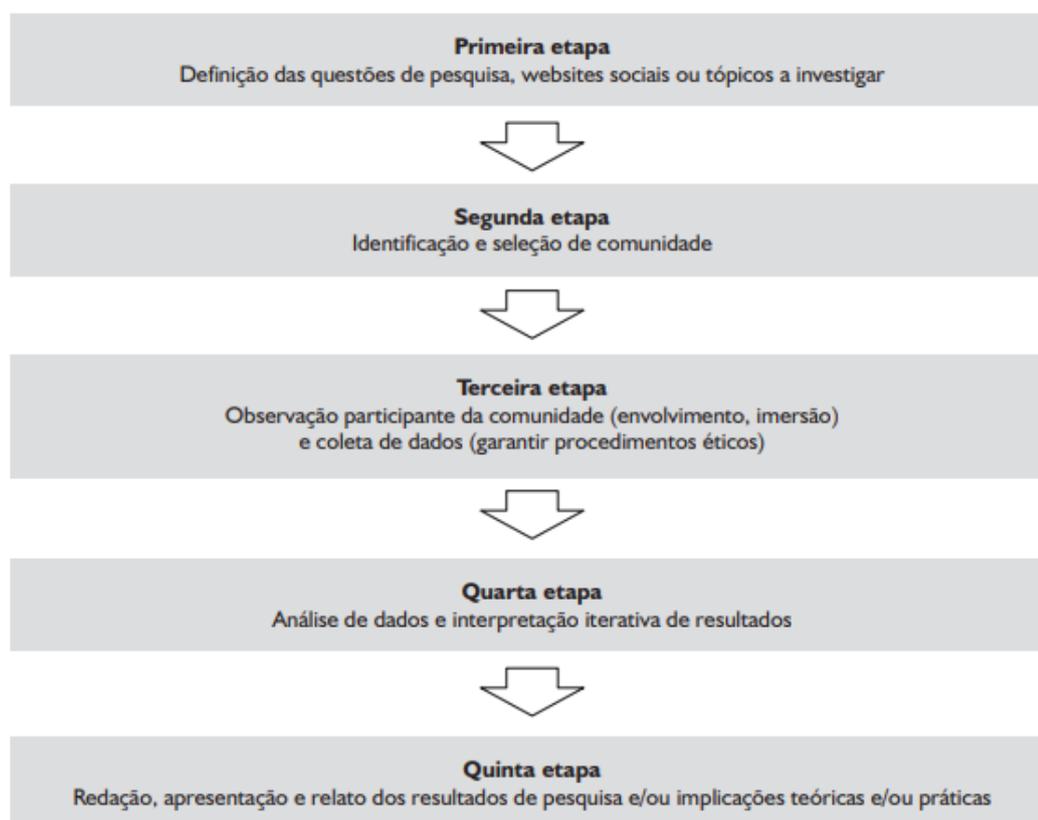
Trata-se sim de considerar que o contexto social tem mudado em muitas dimensões ao longo dos anos, e que uma dessas dimensões é a tecnológica. Dadas tais mudanças, considera-se necessário revisitar alguns conceitos, métodos, técnicas, de forma a entender como estes também podem ser aplicados no contexto atual.

Desse modo, como discorre Ferraz (2019), as mudanças psicossociais ocasionadas pela internet requerem dos cientistas a criação de outras maneiras de estudo de seus fenômenos, daí o surgimento de um método de pesquisa que acompanha a realidade. Howard (2002) também segue a mesma linha de raciocínio ao afirmar que, à medida que surgem novas formas de organização social e comunidades, é essencial que os pesquisadores adaptem seus métodos para capturarem evidências mais precisas.

A netnografia é frequentemente empregada em áreas como estudos de mídia, sociologia, antropologia, marketing e estudos culturais, permitindo aos pesquisadores explorar as culturas e os comportamentos emergentes na internet. Além disso, ela oferece uma maneira de investigar como as pessoas se comportam, se relacionam e constroem identidades em ambientes virtuais, proporcionando insights sobre as dinâmicas sociais contemporâneas.

Kozinets (2014) afirma que a netnografia segue alguns passos da etnografia. São eles: planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa. O quadro abaixo, esquematizado pelo autor, evidencia melhor o fluxo de pesquisa:

Figura 15 – Fluxograma da netnografia



Fonte: Kozinets (2014).

Na primeira fase do processo, ocorre a delimitação dos problemas de pesquisa e a identificação dos objetos de estudo. Na segunda fase, procede-se à identificação e seleção da comunidade alvo. Posteriormente, na terceira etapa, realiza-se o envolvimento ativo, a observação sistemática e a imersão na comunidade em questão. Na quarta etapa, os dados coletados são analisados em profundidade. Por fim, na quinta fase, os resultados obtidos são apresentados de forma clara e organizada.

Embora o autor defenda a complementaridade entre etnografia e netnografia, ele também ressalta algumas distinções e ajustes necessários ao ambiente *online*. Entre esses ajustes, destacam-se a alteração, o anonimato, a acessibilidade e o arquivamento. Kozinets (2014) destaca que a primeira se refere a questões técnicas como ferramentas que vão garantir o acesso à comunidade escolhida; já sobre o anonimato, ele evidencia que algumas expressões podem ser mais reveladoras das intenções e das identidades, uma vez que aquilo que é “socialmente inaceitável” pode ser revelado sob o anonimato.

Sobre o anonimato, Ferraz (2019) afirma que a netnografia apresenta três diferentes abordagens que um pesquisador pode adotar ao observar um ambiente *online*, indo desde a observação aberta (na qual a identidade do pesquisador é revelada), passando pela observação parcialmente aberta (ou pseudônima) até a observação oculta (na qual o pesquisador permanece anônimo). A terceira diferença se refere à acessibilidade sobre a qual o autor afirma que (2014, p. 72)

A interação social virtual é um híbrido público-privado sem igual que oferece aos participantes a sedução de ser o centro das atenções perante uma “audiência” sem deixar os limites seguros de seu próprio lar. As oportunidades são abundantes não apenas para divulgar suas próprias informações privadas, mas também para participar publicamente nas informações privadas dos outros. Esse novo nível de voyeurismo e exibicionismo é significativamente diferente de qualquer coisa que um etnógrafo face a face encontraria. A acessibilidade é, portanto, outra diferença fundamental com a qual a abordagem netnográfica deve estar sintonizada.

Por fim, sobre o arquivamento, o autor mostra que o armazenamento das interações sociais é instantâneo no meio virtual. Embora a netnografia compartilhe princípios com a etnografia tradicional, Kozinets também destaca as diferenças e os ajustes necessários para o contexto *online*. Essas distinções destacam a complexidade e a singularidade da pesquisa netnográfica, que requer uma abordagem sensível e adaptável para capturar a essência das interações humanas na era digital.

Acerca das interações, Santos e Gomes (2013) ressaltam que há uma desconfiança em realizar netnografia pelos questionamentos envolvendo as relações face a face, pois há uma limitação na captação da comunicação que envolve gestos, entonação da voz etc. Entretanto, Sá (2005) defende que não há uma relação face a face autêntica tanto na etnografia tradicional quanto no ambiente *online*. Assim, é preciso aproveitar a potência de cada método e adaptá-lo, como destaca Kozinets (2014).

É preciso também refletir acerca de como a netnografia possibilitou a desterritorialização e a atemporalidade. Sobre isso, afirma Lévy (1996), quando discorre que as experiências virtuais perdem a limitação geográfica por serem acessadas de qualquer lugar em que haja conexão com a internet e a limitação temporal, uma vez que o conteúdo pode ser encontrado a qualquer momento. Além do mais, segundo Sánchez (2017), as novas tecnologias alteram as dinâmicas entre pesquisador e sujeito pesquisado, porque facilitam o estabelecimento de um contato mais contínuo e igualitário com os

participantes, questionando a hierarquia tradicional pesquisador-pesquisado, na qual o etnógrafo muitas vezes permanece distante, mantendo uma posição de autoridade.

Diante da complexidade e da riqueza das interações sociais no ambiente *online*, torna-se evidente a relevância e a necessidade de utilizar a metodologia netnográfica para investigar e compreender os fenômenos analisados neste trabalho. A abordagem delineada por Kozinets (2014) oferece um roteiro claro e sistemático para conduzir uma pesquisa netnográfica, desde a definição dos problemas de pesquisa até a apresentação dos resultados de forma organizada.

3.3 A pesquisa netnográfica com o gênero causo

Tradicionalmente transmitidos de forma oral e compartilhados de maneira interpessoal, os causos experimentaram uma ampla repercussão digital, uma vez que a internet tem proporcionado a propagação do causo a um vasto número de pessoas. Diante disso, a pesquisa netnográfica emerge em meio à crescente influência das mídias sociais na disseminação dessas narrativas folclóricas. Essa transição do contexto tradicional para o ambiente *online* não apenas alterou os meios de divulgação, mas também ampliou consideravelmente o alcance e a acessibilidade das histórias, desempenhando um papel significativo na preservação e na disseminação da cultura interiorana.

Através da pesquisa netnográfica, é possível examinar não apenas como os causos são compartilhados nas plataformas digitais, mas também como essa nova dinâmica influencia a percepção, a recepção e a evolução dessas narrativas, evidenciando as complexidades da interação entre a tradição oral e a cultura digital contemporânea. A netnografia, portanto, facilita a compreensão de como essas narrativas são transmitidas e recebidas no meio digital, proporcionando insights sobre a autenticidade e a transformação da cultura caipira na era moderna.

Dado o crescente interesse na cultura digital e na presença da cultura popular na internet, é plausível que pesquisas possam explorar a transmissão, recepção e transformação dos "causos" em plataformas digitais. Esses estudos podem investigar como os "causos" são compartilhados, comentados e reinterpretados em *blogs*, redes sociais, *podcasts* ou outras formas de mídia *online*. Os causos de Geraldinho, por exemplo, receberam uma versão digital que foi feita a partir dos vídeos originais do

contador. Esse trabalho teve repercussão positiva nos consumidores desse tipo de conteúdo, fazendo com que a figura do humorista se perpetue. A seguir, é apresentado o *print* da tela do canal Frutos da terra que produziu a versão animada do humorista:

Figura 16 – Captura de tela da animação dos Causos do Geraldinho.

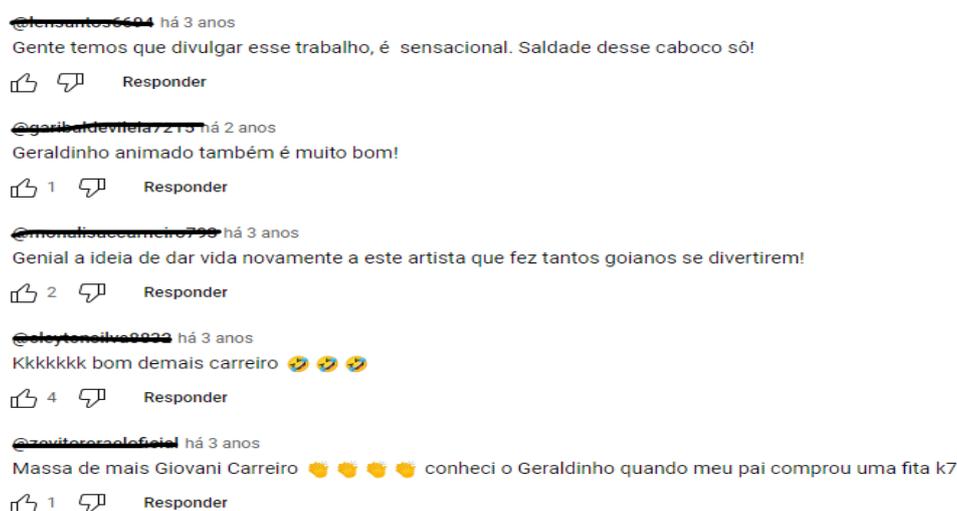


Causos do Geraldinho - Tobogã

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yNGCU54PnWc>

Os vídeos foram postados no canal em 2021, época em que eram lançados novos causos toda semana. Com relação à captura de tela especificamente, refere-se a um caso chamado “Tobogã” em que ele conta uma experiência. Isso, pois, o canal Frutos da terra utiliza a Inteligência Artificial para recriar a voz de Geraldinho e as variações e produzir novos causos. Essa inovação evidenciou uma resposta positiva dos telespectadores, conforme figura abaixo:

Figura 17 – Comentários postados nos vídeos da animação de Geraldinho.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yNGCU54PnWc>

Os comentários na imagem acima mostram a percepção e a recepção da nova versão dos causos apresentados. Desse modo, vale destacar que o meio digital também chegou nos causos dos humoristas Nilton Pinto e Tom Carvalho, uma vez que anunciaram, no início do ano de 2023, que fariam uma carreira *online*. Entretanto, ainda não foram identificadas novas postagens da dupla desde o show de despedida em 2023.

Dessa maneira, essa análise apenas é possível pela metodologia netnográfica que possibilita adentrar no universo digital e analisar as transformações da cultura caipira na era moderna, bem como ter acesso facilitado ao material de análise. Consoante a isso, é pertinente relacionar o método com os critérios de seleção dos causos nesta pesquisa. Primeiramente, o acesso aos causos foi um fator determinante, com preferência por causos disponíveis em gravações e mídias digitais. Além disso, o fato de o humorista Geraldinho já ter falecido também influenciou a escolha, pois seu legado humorístico é consolidado e amplamente reconhecido no meio digital, proporcionando uma base rica para análise. Outro critério é a diversidade de causos disponíveis nas plataformas *online* e a possibilidade de coletar e analisar dados de interações em plataformas *online* onde os causos são compartilhados e discutidos, permitindo uma compreensão aprofundada das percepções e recepções dos causos pelo público contemporâneo.

Por ser um método pouco conhecido, uma revisão das pesquisas revelou que o uso da netnografia para analisar o gênero causo é inédito, o que confere originalidade e a inovação em relação à abordagem na presente pesquisa.

3.4 O corpus

A pesquisa qualitativa analisa dados, evidências e bases de informações. Isso implica que as informações são extraídas de textos e discursos para obter uma compreensão aprofundada de um determinado fenômeno. Portanto, seus resultados são derivados de dados empíricos coletados de forma sistemática, na forma de palavras, frases, imagens, vídeos e áudios. Consequentemente, são necessárias técnicas específicas de coleta e análise de dados.

Neste trabalho, os dados do *corpus* foram extraídos dos causos de Geraldinho e de Nilton Pinto e Tom Carvalho selecionados na plataforma de vídeos do *Youtube*, nos canais Frutos da Terra e Nilton Pinto e Tom Carvalho Oficial, conforme as tabelas abaixo:

Tabela 1- Causos de Geraldinho

Causos analisados	
Geraldinho	Duração
O caso do osso	9:55
O caso da bicicleta	6:31
O caso do carro de boi	3:37
O caso do marimbondo	6:49

Fonte: Elaboração própria.

Os causos de Geraldinho são mais longos do que os causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho e isso pode ocorrer com base em alguns fatores, como o estilo narrativo de Geraldinho que é mais detalhado e descritivo e ao fato de o humorista estar enraizado em uma tradição oral mais antiga, quando as histórias eram contadas de forma mais lenta e as pessoas também tinham mais paciência para ouvirem grandes narrativas. Em relação a Nilton Pinto e Tom Carvalho, o fator da brevidade dos causos se dá pelo fato de a dupla estar inserida em um contexto de mídia e de tecnologia, no qual a paciência e a capacidade de atenção são mais limitadas. A duração dos causos da dupla pode ser vista logo abaixo:

Tabela 2: Nilton Pinto e Tom Carvalho

Causos analisados	
Nilton Pinto e Tom Carvalho	Duração
O caso da dor de barriga no ônibus	5:55
O caso da espingarda	4:04
O caso do boi bravo	4:37
O caso do boi comunitário	4:02

Fonte: Elaboração própria.

Os vídeos são fontes essenciais da pesquisa, uma vez que permitiram o estudo das variáveis fonético-fonológicas, bem como a análise comparativa da fala dos humoristas. A seguir, são apresentados os *prints* dos vídeos, bem como a descrição detalhada do *corpus*.

1. **Causo do osso** – O caso apresenta uma duração de 9 minutos e 15 segundos. Postado no canal Frutos da Terra Oficial, no dia 03 de novembro de 2008. Esse

vídeo foi gravado durante o show Trova, prosa e viola que foi criado para que Geraldinho pudesse apresentar a cultura do interior no teatro.

O “Causo do osso” é uma narrativa humorística em que Geraldinho, o personagem principal, está interessado por uma menina descrita como “arisca”, sugerindo que ela é difícil de conquistar. O pai da menina é caracterizado como "defeituoso", indicando que ele é muito protetor e não permite que suas filhas se relacionem com outras pessoas. Esse contexto já estabelece um cenário de conflito e desafio para Geraldinho. Entretanto, ele identifica uma oportunidade de se aproximar da menina durante um mutirão organizado pelo pai dela para limpar o lote da fazenda. Este cenário rural é típico dos causos e reforça a ambientação e os costumes da vida no campo.

Após um período de trabalho árduo, no horário de almoço, Geraldinho prende uma “suã” no dedo. Essa palavra é um regionalismo e se refere a um pedaço de osso de porco com carne, comum nas cozinhas caipiras. A utilização deste termo não só autentica o discurso de Geraldinho, mas também enriquece a narrativa com elementos da cultura local.

Um ponto relevante é a presença do cachorro da família que introduz um elemento cômico à narrativa. O cachorro, ao identificar o osso preso no dedo de Geraldinho, morde seu dedo na tentativa de pegar o osso. Este ato impulsivo do cachorro gera uma situação de embaraço para Geraldinho, que tenta desesperadamente se livrar do osso. A cena culmina quando Geraldinho finalmente solta o osso e percebe que a menina, por quem ele estava interessado, observou toda a situação e está rindo dele. Esse momento é crucial para a narrativa, pois expõe a vulnerabilidade e o fracasso de Geraldinho em impressionar a menina, transformando a situação em um motivo de riso. O uso do humor é um elemento central no "causo", servindo para aliviar a tensão e humanizar a personagem.

Figura 18 – Captura da apresentação do “Causo do osso” no programa Frutos da Terra.



Geraldinho - Causo do Osso (OFICIAL)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=D0LuOYolmCw>

2. **Causo da bicicleta** - O causo apresenta uma duração de 6 minutos e 30 segundos. Postado no canal Frutos da Terra Oficial, no dia 02 de fevereiro de 2017. Esse vídeo foi gravado na cidade de Bela Vista de Goiás quando Hamilton, apresentador do programa, conheceu Geraldinho. Esse é o causo mais famoso de Geraldinho.

Neste causo, Geraldinho narra que sua esposa estava doente, o que o obrigou a trabalhar no comércio local. Nessas idas diárias para trabalhar, um companheiro de trabalho ofereceu-lhe uma bicicleta. Mesmo sem saber como usá-la, Geraldinho decide comprá-la. Determinado a aprender, ele vai para o campo de aviação para tentar "pilotar" a bicicleta. A personagem desenvolve sua narrativa explorando a variação linguística e o léxico rural, relatando as peripécias de sua decisão de utilizar a bicicleta; o humor emerge precisamente desses elementos, sendo particularmente engraçado o modo como ele se vale das variações linguísticas e cria suas próprias palavras. A seguir, há um trecho que evidencia como ocorreu o fato na narrativa e como a variação linguística contribui para o humor:

(17)“... quondo eu punha o pé no.... qu’eu levava a perna passava pra lá, eu grudava no chifre dela tornava a muntá, ela negava o pesçoço, eu ia p’ota banda, eu tornava firma memo tarracava e quando eu levava a bunda no arreim ela negava p’ota banda e aí foi ino assim, rapaiz, essa massaroca até qu’o disacossuei e lá ia com ela de banda assim infezado demais...breiado de puera. Quando chego lá dento da rua aquela giriza tinha esgotado um poco... Ah, eu vô dá mai uma tentada. Firmei bem no chifre dela, puis o pé no estibo, quando eu sentei no arreim qu’eu passei essa perna po oto lado...ela já embalô e eu saí dua hora dua banda ota hora dota e envô aquele trem até quando ela rompeu a distância... qu’eu pistiei a firma ali inriba”.

O "Causo da bicicleta", de Geraldinho Feliciano Nogueira, é uma rica combinação de elementos humorísticos, culturais e linguísticos. Através do uso de regionalismos, estrutura narrativa clara, elementos cômicos e técnicas de narração oral, Geraldinho cria uma história envolvente que reflete as peculiaridades da vida no interior.

Figura 19 – Captura da apresentação do “Causo da bicicleta”



Geraldinho - Causo da Bicicleta (OFICIAL)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=y3iYdTAz6IA&t=2s>

3. **Causo do carro de boi** - O causo apresenta uma duração de 3 minutos e 36 segundos. Postado no canal Frutos da Terra Oficial, no dia 12 de maio de 2020.

Neste causo, Geraldinho começa descrevendo suas dificuldades nas estradas de Goiás, usando um dialeto regional característico: “Eu alembrei, rapaiz, do tempo que eu fui candiero do meu avô. Já sufri demais aqui nessas istradas di Goiás, mininu, buscanu

sale, arami num tal de roncadô que tem pra culá. Discia pra qui afora e ia pra Goiás véi. Já sufri demais, mininu”. A utilização de palavras como "buscanu", "sale", "arami" e "roncadô" exemplifica a variação linguística e o léxico rural, conferindo autenticidade e localidade à narrativa.

A história se desenrola quando Geraldinho conta sobre seu trabalho para um "tal de Bastião Miguier véi", descrito como “mau como o diabo, bruto”. Essa linguagem informal e os apelidos regionais ("Bastião", "véi") contribuem para a caracterização dos personagens e reforçam a ambientação rural.

Geraldinho narra uma tarefa específica daquele dia: “tirar a lenha da roça do cumpade Badé”. O uso de palavras como "cumpade" e "roça" situam a narrativa no contexto agrário, típico do interior do Brasil. Além disso, a parceria forçada entre Geraldinho e o "véi" Bastião, que decide ajudar com a lenha, cria a base para as situações cômicas que se seguem.

Durante o trabalho, Geraldinho encontra uma lenha particularmente pesada. Quando sugere deixar essa lenha para depois, o "véi" insiste que ela seja retirada imediatamente. A tensão cômica aumenta quando Geraldinho se prepara para jogar a lenha a Bastião, que grita "vá", mas não está realmente preparado. Isso resulta em Bastião sendo empurrado pela lenha para o meio do cerrado.

O humor se intensifica quando Geraldinho expressa seu medo de morrer, ressaltando que Bastião sempre andava armado. A cena cômica culmina com Geraldinho temendo ser morto por Bastião e tentando "morrer" antes que ele o faça, uma hipérbole que exagera a situação para efeito humorístico.

No desfecho, Bastião reconhece sua culpa no incidente e exime Geraldinho de qualquer responsabilidade, deixando-o aliviado. Este é um dos raros casos em que Geraldinho, como protagonista, não termina em uma situação negativa.

Figura 20 - Captura da apresentação do causo do “Carro de boi”



Geraldinho - Causo do Carro de Boi (OFICIAL)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0uKJxlzz52E>

- 4. Causo do marimbondo** – O causo apresenta uma duração de 6 minutos e 48 segundos. Postado no canal Raiz caipira, no dia 24 de junho de 2020. Esse causo especificamente não foi postado no canal Frutos da terra, como os outros e, além disso, não foram encontrados registros da apresentação em vídeo, apenas o formato áudio.

Diferentemente dos causos anteriores, o "Causo do marimbondo" não tem Geraldinho como protagonista. Em vez disso, ele narra uma lição dada a uma pessoa má, como ilustrada no trecho:

(18)"Rapaiz, marimbondo é um treim danado memo, mas... num seno na gente he, tem dia que é té engraçado, ha ha há. Quando pega na nuca de um companhero assim perto, é ... eu já vi contecê uma massaroba cu'esse negócio de marimbondo, mininu, esse foi duro memo, mas esse num foi comigo naum... foi cum outro companheiro, eh... Um sujeito muito abusante que nós tinha lá, ele era aquele bichaum fêi, o pai dele era o tale. Então, tudo dele era mió memo que eu vi, e ele judiava com nós, rapaiz, e nós era mais fraco."

O antagonista é descrito como "um sujeito muito abusante" e "bichaum fêi", o que ajuda a criar uma imagem clara e imediata na mente do público. Essa caracterização é essencial para justificar a lição que ele recebe, preparando o terreno para a narrativa cômica. A narrativa se desenrola com o protagonista convidando um amigo para ir à cidade ver as "moças". Com os cavalos prontos, os dois seguem rumo ao destino quando o protagonista sente uma dor, que Geraldinho descreve como um "dilurimento":

- (19) "diu um dilurimento nos bofe dele, ha ha há, eu acho que foi um... um circuiti que deu na tripa dele.. ha há há, e aquele dilurimento sô a massa dele tá muito seca, ressecada."

O humor se intensifica quando Geraldinho detalha o árduo momento em que o protagonista tenta defecar e um marimbondo o ferroa nas partes íntimas. No desfecho, o narrador comenta sobre a dificuldade do personagem em fechar o botão da calça devido ao inchaço da "poupa". Além disso, ele surge de várias fontes, incluindo a escolha de palavras, o exagero das situações e as descrições detalhadas dos acontecimentos. Geraldinho usa termos como "dilurimento" e "circuiti na tripa" para descrever a dor do protagonista, exagerando a situação para criar um efeito cômico. Por fim, a ironia de uma pessoa má recebendo uma lição através de um incidente embaraçoso intensifica o humor da história.

Figura 21 - Captura da apresentação do “Causo do marimbondo”



Geraldinho - O Causo do Marimbondo

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=S70Liu4JcMQ&t=339s>

Ribeiro (2023), em sua pesquisa acerca do riso e do risível em Geraldinho, evidenciou que a maioria das situações, tanto a trama quanto os personagens, foram elaborados com base em experiências que Geraldinho viveu ou observou pessoalmente. Entretanto, na história do marimbondo, ele se inspirou em um relato de outro ator social da região, que fez com que o ocorrido chegasse ao conhecimento de Geraldinho.

Os próximos causos descritos são da dupla de humoristas Nilton Pinto e Tom Carvalho:

1. Causo **“Dor de barriga no ônibus”** - O causo apresenta uma duração de 5 minutos e 55 segundos. Postado no canal da dupla, no dia 21 de agosto de 2018.

A narrativa tem início quando os comediantes Tom e Nilton se reúnem para uma conversa informal, típica de um ambiente de prosa. Tom assume o papel de narrador e relata uma visita à sua tia, caracterizada como uma figura extremamente prestativa. O ponto culminante da história ocorre durante o retorno da viagem, quando o protagonista descreve minuciosamente sua experiência gastronômica desde o momento em que deixou a casa da tia até ingressar no ônibus. Essa narrativa é marcada por uma estilização exagerada que confere um tom cômico ao relato, típico dos causos.

Durante a jornada de ônibus, o humorista descreve detalhadamente o tempo que passou a bordo, as sensações físicas que experimentou, como a dor de barriga, e eventos inusitados, como a confusão entre a flatulência e a urgência de ir ao banheiro. O desfecho do causo revela uma reviravolta surpreendente, quando o ônibus para e o protagonista, ao se dirigir ao banheiro, depara-se com uma nota de 10 reais no vaso sanitário, desviando sua atenção da dor de barriga para o inesperado achado monetário.

Assim, a história é construída de maneira a enfatizar os elementos humorísticos, como a descrição detalhada das experiências do protagonista e a reviravolta final, que quebra as expectativas do leitor ou ouvinte. Essa estrutura narrativa, aliada à linguagem coloquial e à caracterização dos personagens, contribui para criar um ambiente de descontração e divertimento típico dos causos.

Figura 22 - Captura da apresentação do causo “Dor de barriga no ônibus”



DOR DE BARRIGA NO ÔNIBUS

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=t5IYwNNM1Ak>

2. Causo **do boi bravo** - O causo apresenta uma duração de 4 minutos e 36 segundos. Postado no canal da dupla, no dia 5 de junho de 2017.

A narrativa tem início com Nilton aproximando-se de seu amigo para um encontro rotineiro de conversas informais. Posteriormente, Nilton introduz a história de sua busca por emprego no estado do Pará. O protagonista relata as circunstâncias difíceis que o levaram a buscar oportunidades de trabalho em fazendas, mesmo sem possuir habilidades prévias relacionadas à atividade rural, devido à sua situação de necessidade financeira extrema.

Durante sua busca por emprego, o protagonista depara-se com um fazendeiro que enfrenta um desafio específico: a remoção de um boi que se encontra em uma área de mata, uma tarefa que nenhum outro indivíduo havia conseguido realizar até então. Motivado pela urgência de obter recursos financeiros, o protagonista, apesar de sua falta de experiência no campo, prontamente se oferece para resolver o problema, exibindo uma astúcia inerente à sua personalidade. Em sua abordagem, o personagem demonstra uma tendência a se beneficiar das circunstâncias, com o intuito de obter vantagens financeiras e, possivelmente, escapar da situação, apesar de sua falta de conhecimento prévio sobre atividades agrícolas.

Desse modo, a descrição do protagonista como um "espertalhão", constantemente buscando oportunidades de benefício próprio, contribui para a construção de um ambiente de humor e entretenimento, comum aos causos, onde as reviravoltas inesperadas e as características peculiares dos personagens são frequentemente exploradas para efeitos cômicos. A frase de efeito final proferida pelo protagonista adiciona um toque de humor à história, reforçando a ideia de que ele não sabia exatamente o que estava fazendo, mas mantinha sua postura confiante e autoconfiante em todas as circunstâncias - “uai, parece que a cela do arrei, o arrei parece que tá sujo de merda”...falei: “rapaiz, é pur isso que cêis num pega boi, cêis para pá cagá, uai”.



CAUSO DO BOI BRAVO

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=tokW4EbjyFY&t=198s>

3. **Causo da espingarda** - O causo apresenta uma duração de 4 minutos e 04 segundos. Postado no canal da dupla, no dia 04 de maio de 2017.

O causo tem início com os compadres reunidos para uma conversa informal. Nilton, então, relata uma memória de sua infância, quando seu pai adquiriu uma espingarda, despertando nele o desejo de praticar tiro, apesar da proibição paterna. Em uma ocasião em que o pai estava ausente, Nilton aproveitou para manusear a arma, demonstrando habilidades excepcionais para um menino de sua idade, exageradamente habilidoso. A habilidade exagerada do menino para atirar, retratada de forma humorística, adiciona um elemento de excentricidade à história.

O clímax da narrativa ocorre quando o pai decide levar Nilton para uma caçada, sem perceber que a espingarda está carregada de pólvora. Desse modo, a narrativa explora o humor na inocência da criança, que, temerosa da possibilidade de um acidente fatal, despede-se da mãe e dos irmãos antes de seguir com o pai. Ao chegarem ao local da caçada, o pai prepara-se para atirar, causando um estrondo repentino. O desfecho revela um momento de comédia quando o menino, que estava na árvore, cai, o pai fica coberto de carvão e os caititus, de acordo com a narrativa, são descritos como carne moída.

Portanto, a descrição detalhada dos eventos, combinada com a habilidade do narrador em criar uma atmosfera de suspense e surpresa, contribui para o efeito humorístico da história. A inocência e a exagerada habilidade do protagonista para atirar,

assim como a reviravolta final, em que a situação de perigo se converte em uma cena de comédia, são elementos essenciais para a construção do humor característico dos causos.

Figura 24 - Captura da apresentação do “Causo da espingarda”.



O CAUSO DA ESPINGARDA

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MPpDEYz5Bfo>

- 4. Causo do boi comunitário** - O causo apresenta uma duração de 4 minutos e 01 segundo. Postado no canal da dupla, no dia 24 de junho de 2020. Não foram encontrados registros da apresentação em vídeo, apenas o formato áudio.

O causo do "boi comunitário" tem início com Tom relatando a história de um conhecido de Minas Gerais que enfrentou graves dificuldades financeiras, resultando na perda de todos os seus bens. Durante uma visita à família deste conhecido, eles relataram como decidiram ajudá-lo, presenteando-o com um boi de excelente qualidade. Este boi, grande e imponente, rapidamente chamou a atenção dos fazendeiros locais. Alguns deles começaram a levar suas vacas para cruzar com o boi, pagando uma taxa pelo serviço.

Com o passar do tempo, surgiu a ideia de solicitar ao prefeito que adquirisse o boi para a comunidade. O prefeito aceitou a proposta e organizou uma grande festa, convidando todos os cidadãos a levarem suas vacas para cruzar com o boi. Contudo, conforme descrito detalhadamente pelo narrador, apesar das elevadas expectativas, o boi não demonstrava interesse em realizar o cruzamento.

Essa situação provocou a revolta da população contra a prefeitura, com alguns sugerindo até a realização de um churrasco com o boi. O prefeito, na tentativa de acalmar

os ânimos, prometeu conversar com o antigo dono do boi. Este resolveu conversar com o boi e verificar o que estava acontecendo. Na narrativa, o encontro é descrito de maneira humorística, pois, segundo Tom, o boi revelou durante a conversa que se comportava dessa maneira porque era um "funcionário público", conferindo uma crítica sutil à ineficiência dos funcionários públicos.

Figura 25 - Captura da apresentação do “Causo do boi comunitário.”



CAUSO DO BOI COMUNITÁRIO

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hnxTQgVO5WQ>

Por fim, a apresentação detalhada dos causos selecionados evidencia a riqueza da tradição oral e da cultura popular. Ademais, a explicação de cada causo em profundidade permite uma análise coerente das variações linguísticas, dos elementos de humor e dos estereótipos presentes em cada narrativa. Assim, a compreensão desses aspectos é essencial para apreciar a complexidade e a importância cultural dos causos, bem como para reconhecer a maneira como perpetuam e transformam os valores e tradições das comunidades que os contam.

3.5 A transcrição

Para transcrever os vídeos, foi utilizada a chave de transcrição de Lucchesi (2010), referente ao Projeto Veredas, que apresenta como critério principal o registro dos fenômenos linguísticos observados na fala do informante que representam características específicas do seu dialeto, tanto em termos de sons quanto de estruturas gramaticais (como concordância não padrão, ausência de conectores gramaticais - preposições,

conjunções etc. -, uso de pronomes nulos, interrupções na estrutura sintática das frases, entre outros).

A seguir serão evidenciados alguns dos principais critérios utilizados para as transcrições deste trabalho:

I. Consoantes implosivas – (C)VC

a) /S/

* A variante zero deve ser registrada: os menino.

- As variantes velar/glotal não devem ser registradas: mesmo para [‘mehmo].

b) /l/

- A variante zero deve ser registrada: papé, animá, horrive etc.

- As variantes constrictivas, [x] e [h], devem ser registradas com o grafema < r > vorta, arcançou etc.

c) /x/

- A variante zero deve ser registrada: brincá, corrê, dormi, parti.

Exceção: A forma do verbo “ir” deve ser sempre transcrita como ir.

- A variante [w] deve ser registrada: felvendo, nelvoso.

d) /N/

- Deve-se registrar a redução dos ditongos nasais em final de palavra: viage, bença, correro.

e) A inserção de uma vogal, criando uma nova sílaba (CVC > CVCV): dificuldade; tale, capinho.

f) Semivogais

- Redução de ditongos, tanto em posição final, quanto em posição medial, utilizando o acento circunflexo na sílaba tônica. Ex.: matô; côro; cantê; dêxa.

Exceção: a conjunção ou deve ser sempre transcrita por ou e não ô.

II. Padrão silábico CCV

- a) redução do grupo (CCV > CV): cumpade, ôto, péda.
- b) CCV > CVC: percurar.
- c) CVC > CCV: preguntô; drumença.
- d) CCV > CVCV: fulô.

III. Vogais

a) Abaixamento das vogais altas em distribuição não acentuada. Ex.: deferente por diferente.

b) Redução específica de certos ditongos como em truxe [trusi] por trouxe, em que ocorre também a elevação da vogal.

c) Nasalização.

Ex.: ingual por igual; ingnorância por ignorância; inzame por exame (neste caso, colocar em itálico).

d) Usa-se o acento de timbre para indicar uma realização distinta da normal.

Ex.: interésse por interesse.

e) Troca de e ou en por a ou an, e vice-versa.

Ex.: antão por então.

f) Troca de vogal posterior pela anterior, em distribuição átona final.

Ex.: quande por quando; deveide por devido; tem por tenho.

g) Ditongação.

Ex.: saudia por sadia.

IV. Consoantes

a) o "ieísmo".

Ex.: muié por mulher; véizim por velhozinho; trabaio por trabalho.

b) o rotacismo.

Ex.: pranta por planta; prantação por plantação.

V. Inserção e supressão de segmentos fônicos

a) inserção de segmento no início do vocábulo.

Ex.: ieu por eu; amontá por montar; evém por vem.

b) supressão de segmento no início do vocábulo, com apóstrofo.

Ex.: 'bservano por observando; 'djutóro por adjutório; 'cabô por acabou; 'fraquiceno por enfraquecendo; 'ocê por você. Exceções: cê, tá, tão, tamos.

c) supressão de segmento no final do vocábulo, com a utilização do apóstrofo quando ocorrer junção com vocábulo posterior.

Ex.: quan' nada; den' de; des' tamanho; pó' dêxá.

d) a elisão entre palavras diferentes.

Ex.: dêx'eu; pr'aculá; s'istrompô; mand'ele.

Exceção: a elisão com o que não deve ser registrada; que eu e não qu'eu; que é e não qu'é.

e) redução de terminações verbais.

Ex.: cantaro ou cantarum por cantaram; brincano por brincando.

f) redução do morfema de diminutivo.

Ex.: véim por velhinho; urim por ourinho.

g) redução do ditongo /ãw/.

Ex.: Som Paulo por São Paulo.

h) redução de proparoxítonas, bem como das falsas proparoxítonas, com a manutenção do acento para facilitar o entendimento da forma, quando necessário.

Ex.: épa por época; lâmpa por lâmpada; abróba por abóbora; estâumbo por estômago; remédo por remédio; criatóro por criatório; muléstra por moléstia.

i) A combinação de fatos acima mencionados, com a utilização do acento de timbre para evitar ambiguidade, quando for o caso.

Ex.: quês por aqueles; véi por velhos (para distinguir véi de vei – forma reduzida de veio); fi por filho; ói por olhe.

j) aglutinação.

Ex.: nestante; vumbora; vou m'embora.

l) as interjeições são sempre grifadas com h.

Ex.: eh... e não é...; ah...; ham...; ham-ham; hum-hum; hum...; oh; ôh; hei.

Os critérios de transcrição apresentados anteriormente foram empregados na transcrição do *corpus* deste trabalho. Ao seguir esses critérios, foi possível garantir a fidedignidade e a representatividade das características linguísticas presentes na fala dos humoristas. Além do mais, a adoção desses padrões permitiu uma análise precisa e detalhada das peculiaridades do dialeto estudado, tanto em termos fonéticos quanto morfossintáticos.

3.6 O programa PRAAT

O *software* PRAAT é uma ferramenta de código aberto amplamente empregada na análise e geração de fala. Criado em 1991, por Paul Boersma e David Weenink, linguistas do Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã, o programa é especialmente projetado para examinar aspectos sonoros, tais como frequência, comprimento de onda e decibéis etc.

De acordo com o *site* fonologia.org⁴, com o PRAAT é possível realizar:

- **Análise da fala:** análise espectrográfica, de alturas, formantes, intensidade etc.;
- **Síntese da fala:** síntese articulatória; síntese a partir de alturas, formantes e intensidade;
- **Experimentos auditivos:** testes de identificação e discriminação;
- **Manipulação da fala:** mudança do contorno das alturas e durações; filtragem;
- **Gráficos:** criação de gráficos de alta qualidade (uso de símbolos fonéticos e matemáticos integrados);
- **Estatísticas:** produção de escalas multidimensionais, produção de análises do componente principal e de discriminantes;

⁴

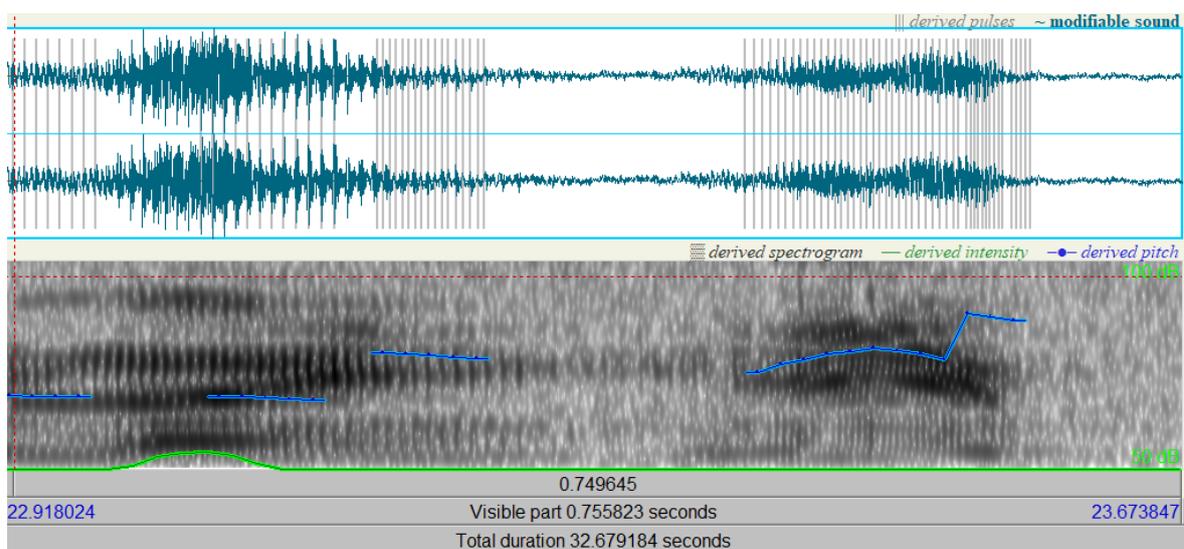
Disponível em: https://fonologia.org/wp-content/uploads/2021/05/Praat_instructions_TC_28jul21_MF.pdf. Acesso em 03 de fevereiro de 2025.

- **Portabilidade:** leitura e escrita de diversos tipos de arquivos de som e outros arquivos.

O *software* será utilizado para a análise da prosódia dos humoristas, logo, irá focar no estudo de intensidade, de tremor, de queda, de brilho, de frequência e de articulação; elementos essenciais para identificar traços característicos da prosódia goiana.

A imagem abaixo ilustra o uso dessa ferramenta como suporte em análises linguísticas:

Figura 26 - Espectrograma da expressão “Lá inriba” na voz de Geraldinho.



Fonte: Elaboração própria com o *software* PRAAT.

Desse modo, por meio dessa ferramenta, é possível alcançar o propósito delineado neste estudo, uma vez que proporciona dados precisos sobre a prosódia goiana mediante a análise dos discursos dos humoristas narradores dos causos.

Com base na fundamentação teórica e nos procedimentos metodológicos, o capítulo seguinte apresentará a análise dos fenômenos fonético-fonológicos, bem como a análise comparativa da fala dos humoristas baseada no estudo das variáveis.

CAPÍTULO 04 – ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a ocorrência e a análise dos fenômenos de despalatização, concordância nominal e queda da oclusiva em gerúndio. Vale destacar que os causos de Geraldinho são mais extensos do que os de Nilton Pinto e Tom Carvalho, e isso pode ser atribuído a vários fatores já citados no capítulo 3, como: o estilo narrativo de Geraldinho, a inserção em uma tradição oral mais antiga, na qual as histórias eram contadas de maneira mais lenta, e o fato de o público demonstrar maior paciência para ouvir narrativas longas. Por outro lado, a brevidade dos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho pode ser explicada pelo contexto de mídia e tecnologia em que atuam, no qual a atenção e a paciência do público são mais limitadas.

Embora haja uma discrepância evidente no tempo de reprodução dos vídeos de Geraldinho em comparação aos de Nilton Pinto e Tom Carvalho, não se pode afirmar que os fenômenos ocorram de maneira proporcional ao tempo. Assim, apesar dos tempos totais serem de 26'52" para os causos de Geraldinho e de 18'38" para a dupla, as ocorrências dos fenômenos de variação não aumentam de forma linear ou proporcional.

Isso se deve ao fato de que o tempo maior de Geraldinho não necessariamente implica um aumento proporcional nas diferentes categorias ou elementos analisados, como a complexidade das narrativas ou a variedade de temas abordados. Portanto, a mera comparação do tempo total pode ser enganosa, pois as frequências e a natureza dos fenômenos apresentados nas histórias podem variar significativamente, refletindo estilos narrativos distintos e o contexto em que cada artista se insere.

4.1 Variáveis fonético-fonológicas e morfossintática

Considerando que uma variável é um fenômeno analisado dentro de uma variedade linguística e que esse fenômeno não ocorre de forma aleatória, mas é influenciado por diversos fatores sociais ou estruturais, tanto internos quanto externos à língua, esta seção apresenta a análise da despalatização, da queda da oclusiva em gerúndio e da concordância nominal, a fim de demonstrar como elas são indexadas e como contribuem para a formação de um estilo distintivo que caracteriza o caipira.

4.1.1 Despalatização

Na gramática normativa, a despalatização é um fenômeno fonético em que as consoantes palatais como [ʎ] e [ɲ] são articuladas como [l] e [n], respectivamente. Este fenômeno é bastante frequente na modalidade falada do português brasileiro, especialmente em dialetos regionais, como o caipira.

Como característica marcante desses falares, ela reflete influências culturais e regionais. Segundo Amaral (1920, p.10), é uma variante típica da fala caipira:

lh - Vocaliza-se em i: espaiado, maio, muié, fiio = espalhado, malho, mulher, filho.

Cp. o que se dá com o l molhado em Cuba, na Argentina (caje = calle, cabajo = caballo) e na França, onde desde o século XVIII começou a acentuar-se a tendência para a vocalização deste fonema (batáie, Chantii = bataille, Chantilly).

Desse modo, a partir da análise do uso da despalatização, é possível identificar a relação estabelecida com o estilo dos humoristas, a tipologia dos causos, o humor, a mídia e a cultura.

4.1.1.1 A despalatização nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho

Em princípio, consideram-se os causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho. Considerando que esse fenômeno se dá pela vocalização da lateral alveopalatal /ʎ/, foram encontradas as seguintes ocorrências: Causo dor de barriga no ônibus – 12 ocorrências; Causo do boi bravo – 6 ocorrências; Causo da espingarda – 4 ocorrências; Causo do boi comunitário – 2 ocorrências. Segue a tabela:

Tabela 3 – Ocorrências da despalatização nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho

Nilton Pinto e Tom Carvalho		
Causos	Ocorrências	%
Dor de barriga no ônibus	12	50%
Causo do boi bravo	6	25%
Causo da espingarda	4	16,60%
Causo do boi comunitário	2	8,30%
Total	24	100%

Fonte: Elaboração própria.

Em relação às ocorrências da despalatização nos causos dos humoristas, é pertinente observar que no caso 1 – “Dor de barriga no ônibus” - houve registros em

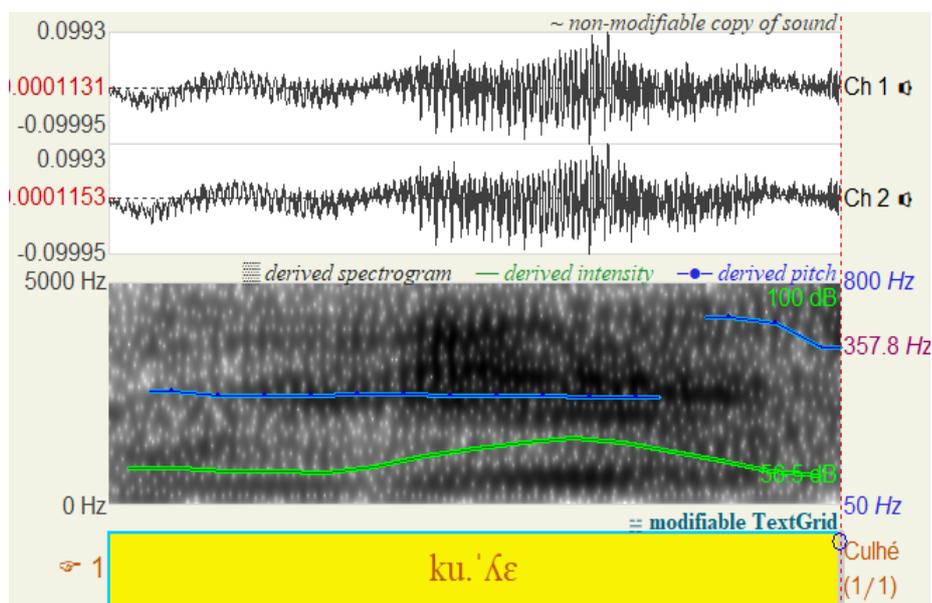
que a mesma palavra ora era pronunciada com o fenômeno ora pronunciada sem a despalatização, conforme evidencia o excerto a seguir:

(20) “põe açúcar?” eu falei: “quato **culhé** só porque eu num sô acostumado c’esse treim” (Causo da dor de barriga no ônibus)

(21) “Ele falô: “cê qué um um chocolate?” Aí eu falei: “treis **cuié** dá” porque, né” (Causo da dor de barriga no ônibus)

Essa variação nos fonemas da palavra “colher” pode ser comprovada pelas imagens abaixo. A primeira apresenta o espectrograma da variação “culhé” e evidencia que esta foi dita pelo humorista pela primeira vez sem a despalatização:

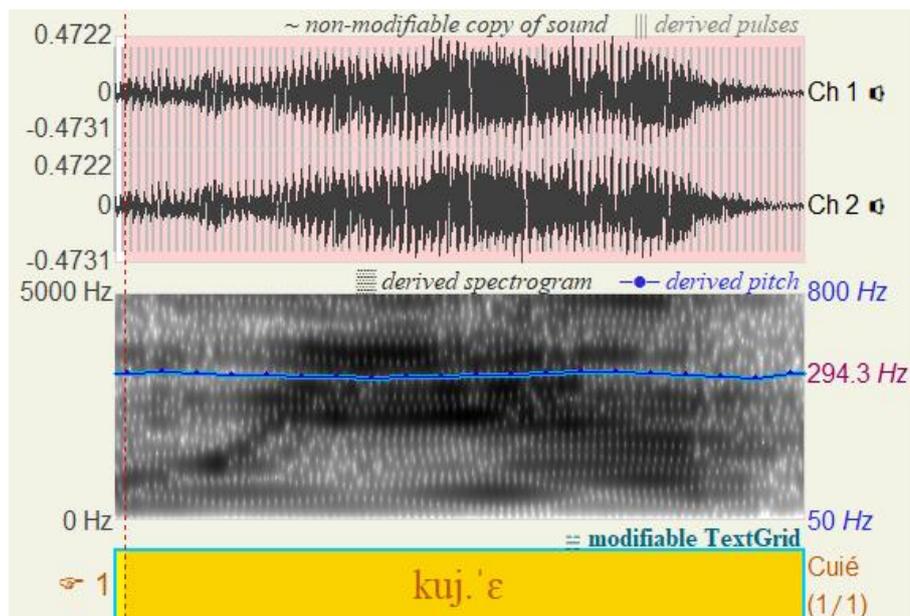
Figura 27 – Espectrograma da palavra “culhé” pronunciada por Tom Carvalho.



Fonte: Dados da autora, gerados com o PRAAT.

Ainda no mesmo causo, mais precisamente na frase seguinte, a mesma palavra foi pronunciada com a despalatização. O espectrograma da palavra “cuié” a seguir apresenta essa evidência:

Figura 28 – Espectrograma da palavra “cuié” pronunciada por Tom Carvalho.



Fonte: Dados da autora, gerados com o PRAAT.

Pode-se afirmar que tal ocorrência está intrinsecamente relacionada à construção do *ethos* discursivo dos humoristas, uma vez que Nilton Pinto e Tom Carvalho fundamentam seu *ethos* na representação de uma figura caipira cuja linguagem é repleta de expressões regionais e coloquiais, facilitando a identificação do público com os personagens que representam. A escolha lexical é meticulosamente realizada para refletir a fala cotidiana dos habitantes do interior do Brasil, contribuindo assim para a construção de um *ethos* de autenticidade e proximidade. Em função disso, observa-se uma preocupação por parte dos humoristas em representar fidedignamente esse papel, ainda que possam ocorrer falhas ao longo do processo. Essas falhas evidenciam que há uma adaptação para criar o humor, uma vez que o dialeto caipira não é natural da dupla.

O mesmo caso ainda acontece com as palavras *olhei/oiava* e *muié/mulhé*. Seguem os exemplos:

- (22) “Dispidi, fui pa rodoviária, cheguei lá, rapais..o o um buteco, o cara acabano de abri um buteco assim eu **olhei** ali ferveno um leite, eu **olhei** e falei: “gente, mas leite tá bunito demais, uai.” Falei: “moço, cê prepara um leite aí pra mim?”” (Causo da dor de barriga no ônibus)
- (23) “Ilusão. Fez foi inchê mais. Eu vim aqui dento cuchilano aqui...vez em quando eu **oiava** vê se tinha uma poltrona vazia e nada...num sei se que a estrada num tava muito boa o que que foi..cumeçô a tremê aqui dentro e cumeçô a fazê um barui estranho sabe...” (Causo da dor de barriga no ônibus)
- (24) “... teve uma hora que deu um truvão tão grande aqui q’uma **muiê** agachô dent’du ônibus, oiô pra fora e falô “gente, será que vai chuvê?”

mininu, e aquele baruio num contentô queto não...” (Causo da dor de barriga no ônibus)

(25) “...isso...eu num podia mexê...eu fiquei aqui assim... regalei o oio, comecei suá, uma **mulhé** oiô pra mim e falô...o senhor vai ajueiá?” (Causo da dor de barriga no ônibus)

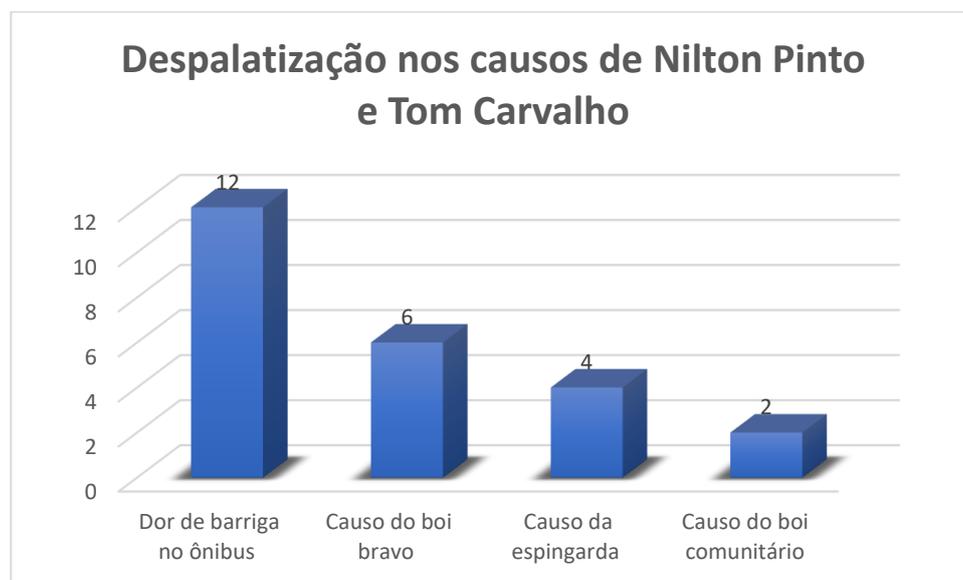
De acordo com os excertos acima, pode-se observar que os vocábulos “olhei” e “mulher” são pronunciados por duas vezes com a lateral alveopalatal /ʎ/, entretanto, no mesmo caso, são pronunciados novamente com vocalização da lateral em /i/. Portanto, tem-se:

“mulher”: /mu.'ʎer/ ~ /mu.'ʎɛ/ ~ /muj.'ɛ/

“olhei”: /o.'ʎɛj/ ~ /oj.'ɛj/

O gráfico abaixo destaca a variabilidade da despalatalização nas diferentes histórias, oferecendo uma perspectiva que evidencia uma diminuição gradual sobre a aplicação desse fenômeno linguístico nas narrativas dos autores:

Gráfico 1 – Ocorrências da despalatalização nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho



Fonte: Elaboração própria.

O fenômeno também pode ser analisado à luz da teoria do estilo e do cluster proposta pela terceira onda da sociolinguística, uma vez que os falantes utilizam variantes estilísticas de maneira estratégica para construir identidades sociais e pessoais. Assim, o uso do fenômeno de variação pode ter ocorrido para reforçar a identidade caipira, evidenciando-se uma ferramenta consciente na construção do estilo dos humoristas.

Desse modo, através da alternância do uso da variável é possível afirmar que a despalatização não é um traço natural dos humoristas, ou seja, há um certo esforço em utilizar essa variante. Vale destacar que o traço em questão foi avaliado como extremamente estigmatizado por Labov (1972), o que pode explicar certa rejeição. Além disso, Bortoni-Ricardo (2011, p. 195) já havia mencionado que “Falantes da língua padrão só empregam a regra da despalatização quando querem arremedar a fala de moradores da área rural ou com um propósito metafórico”. A autora ainda afirma que o uso desse fenômeno é muito comum em programas humorísticos. Diante disso, é importante considerar que essa representação está fortemente ancorada em estereótipos, uma vez que os humoristas exploram elementos estereotipados da figura caipira para criar um senso de familiaridade e humor.

4.1.1.2 A despalatização nos causos de Geraldinho

As ocorrências da despalatização evidenciadas nos causos de Geraldinho estão listadas na tabela abaixo. No Causo do osso e no Causo do carro de boi foram registradas 21 ocorrências, no Causo do marimbondo, 6 ocorrências e no Causo da bicicleta foram registrados apenas 3 casos do fenômeno analisado:

Tabela 4 – Ocorrências da despalatização nos causos de Geraldinho

Geraldinho		
Causos	Ocorrências	%
Causo do osso	21	41%
Causo da bicicleta	3	6%
Causo do carro de boi	21	41%
Causo do marimbondo	6	12%
Total	51	100

Fonte: Elaboração própria.

A tabela evidencia que as maiores ocorrências da despalatização foram encontradas no Causo do osso e no Causo do carro de boi. Entretanto, esse fato apenas reflete que nesses causos houve uma utilização mais acentuada de palavras passíveis da despalatização, uma vez que não há o uso, em momento algum, da lateral alveopalatal /ʎ/ nos causos analisados. Conforme evidenciado na fundamentação teórica desta pesquisa, a despalatização é um traço característico do dialeto caipira, por isso, ela está diretamente relacionada à construção do *ethos* discursivo que, nesse contexto, refere-se à credibilidade

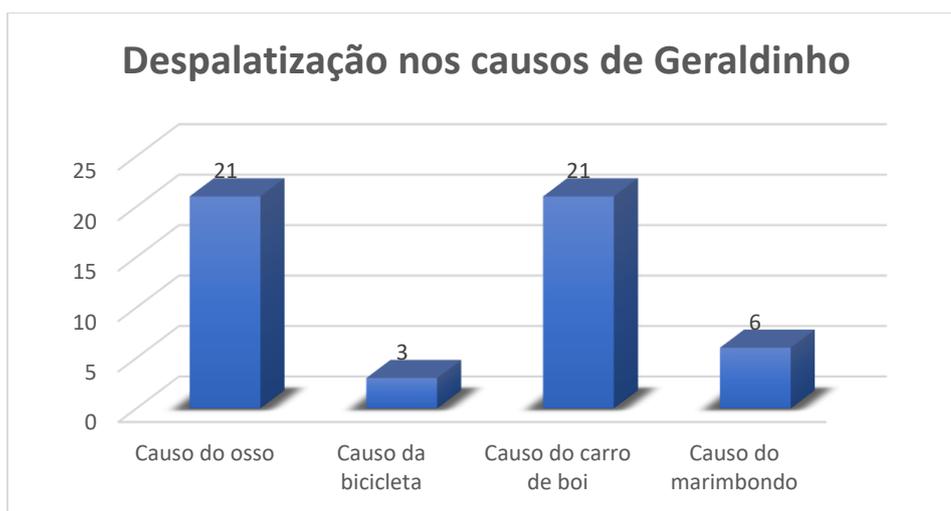
e à identidade que Geraldinho projeta através de sua fala. Portanto, ao utilizar a despalatização, Geraldinho reforça sua identidade como um caipira autêntico.

A seguir, são apresentados alguns excertos dos causos em que há ocorrência da despalatização:

- (26) “...um sujeito muito abusante que nós tinha lá, ele era aquele bichão fêi, o pai dele era o tale. Então tudo dele era **mió** memo que eu vi, e ele judiava com nós rapaiz, e nós era mais fraco.” (Causo do marimbondo – Geraldinho)
- (27) “Eu incostei num coxo lá, ispian’ele, quando ele intistia debaxo de uma vaquinha, eu tirava uma **oiada** no rotero das **muié** navegá...” (Causo do osso – Geraldinho)
- (28) “...eu **faiei** uns tempo. Aí passadu, eu já tava um capiau já mais forte. Eu fui **trabaiá** pum **vêi** lá no Mata fêi, um tal de Bastião Miguier **vêi**. Ele era... um **vêi** riplado tamém, mal como o diabo, bruto, mais ele já tava **vêi** demais e essa mola do **juei** dele, acho que tinha secado aquela graxa, ele andava c’a perna meia dura.” (Causo do carro de boi – Geraldinho)
- (29) “Uma ocasião **muiê** arrumô uma perrenguce que envai aquela coisa e num **miora**, envai zângano. Eu risoivi amudá pu cumerço pa caçá um ricuso e aí e eu fiquei **trabaiano** lá pas fazenda e envai aquela coisa ...custoso...” (Causo da bicicleta – Geraldinho)

Essas ocorrências exemplificam uma regra naturalmente utilizada por Geraldinho, haja vista a ausência da lateral alveopalatal. Para Bortoni-Ricardo (2011), essa regra está provavelmente generalizada em todas as regiões do país. O gráfico abaixo fornece uma perspectiva diferente da discrepância entre as ocorrências da variante nos causos:

Gráfico 2 – Ocorrências da despalatização nos causos de Geraldinho



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à tipologia dos causos, observa-se que tanto o Causo do osso quanto o Causo do carro de boi- causos em que houve maior incidência da despalatização - ,

analisados sob um viés discursivo, referem-se respectivamente ao enfrentamento de um desafio em que uma situação de conflito precisa ser superada e a uma situação de medo em que o cenário é estabelecido como desafiador. Em contraste a isso, nos casos de menor incidência – Causo da bicicleta e Causo do marimbondo - observa-se, no primeiro, a presença do lúdico refletido no modo como Geraldinho cria um léxico rural específico que caracteriza o desafio de aprender a andar de bicicleta e, no segundo, o humor e o lúdico que estão intrinsecamente ligados à crítica e à ironia, criando uma narrativa que satiriza comportamentos abusivos e arrogantes.

Considerando essa tipologia, levanta-se a hipótese de que a maior frequência de despalatização pode estar associada à tentativa de reforçar a autenticidade e o realismo do conflito narrado. A linguagem regionalizada pode intensificar a percepção de seriedade e envolvimento na narrativa. Ademais, a presença da despalatização pode contribuir para criar um ambiente mais vívido e verossímil, onde o medo e o desafio são palpáveis para o ouvinte ou leitor.

Por outro lado, a menor frequência de despalatização pode refletir a natureza mais leve e lúdica dos casos. Em consonância a isso, o humorista pode estar empregando um léxico que destaca a novidade e a diversão do desafio, sem a necessidade de uma linguagem fortemente marcada pela despalatização. Além disso, a menor incidência do fenômeno também pode ser uma estratégia para focar na crítica e na ironia da narrativa.

Em relação à mídia, sabe-se que ela desempenha um papel fundamental na propagação da cultura caipira. Por meio das apresentações de Geraldinho, a figura do genuíno caipira tornou-se amplamente popular, permitindo que o humorista preservasse sua essência mesmo ao se apresentar em programas de televisão. No caso de Geraldinho, o humor não era evidenciado apenas através do léxico e das variáveis linguísticas, mas também pela sua habilidade inata de contar histórias e pelo seu modo simples de se vestir, pelos gestos. Ao divulgar esses casos, a mídia amplifica essas características linguísticas e estilísticas, reforçando o *ethos* do narrador como uma figura autêntica e representativa da cultura regional. A popularização das apresentações de Geraldinho através da televisão e outros meios de comunicação contribui para perpetuar e disseminar o dialeto caipira, solidificando a identidade cultural caipira.

4.1.1.3 Análise comparativa

A tabela abaixo corresponde a uma análise comparativa entre as ocorrências da despalatização nos causos analisados. O Causo do osso, o Causo da bicicleta, do carro de boi e do marimbondo são de Geraldinho e os quatro seguintes são de Nilton Pinto e Tom Carvalho:

Tabela 5 – Ocorrências da despalatização nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho e de Geraldinho

Geraldinho			Nilton Pinto e Tom Carvalho		
Causos	Ocor.	%	Causos	Ocor.	%
Causo do osso	21	41%	Dor de barriga no ônibus	12	50%
Causo da bicicleta	3	6%	Causo do boi bravo	6	25%
Causo do carro de boi	21	41%	Causo da espingarda	4	17%
Causo do marimbondo	6	12%	Causo do boi comunitário	2	8%
Total	51	100	Total	24	100

Fonte: Elaboração própria.

Ao atestar que as ocorrências da despalatização nos causos de Geraldinho são maiores do que as de Nilton Pinto e Tom Carvalho, questiona-se a duração dos vídeos, uma vez que os de Geraldinho possuem maior duração. Entretanto, vale destacar que nas narrativas da dupla há ocorrências de uso da lateral alveopalatal /ʎ/ enquanto, nos causos do primeiro, não há nenhum uso, levando à afirmação de que o fenômeno analisado é um traço típico do dialeto caipira e, por ser alvo de estereótipos, tem apresentado certa mudança entre os falantes que saem do interior para viver nos grandes centros urbanos, como é o caso da dupla de humoristas.

Através do uso da variação, identificam-se três pontos relevantes: a criação de uma identidade e estilo, a autenticidade e o humor. Desse modo, observa-se que:

- O “Causo do osso” e o “Causo do carro de boi” têm o maior número de ocorrências (40,3% cada). Isso sugere que Geraldinho utiliza a despalatização para enfatizar a identidade de personagens rurais ou caipiras, ou seja, a sua própria identidade, usando a variação linguística como um marcador de autenticidade e regionalidade.
- “Dor de barriga no ônibus” é o causo com maior número de ocorrências entre os causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho (50%). Eles evidenciam que a despalatização pode ser usada para destacar a identidade regional dos

personagens, reforçando características específicas de sua fala que são reconhecíveis e engraçadas para o público.

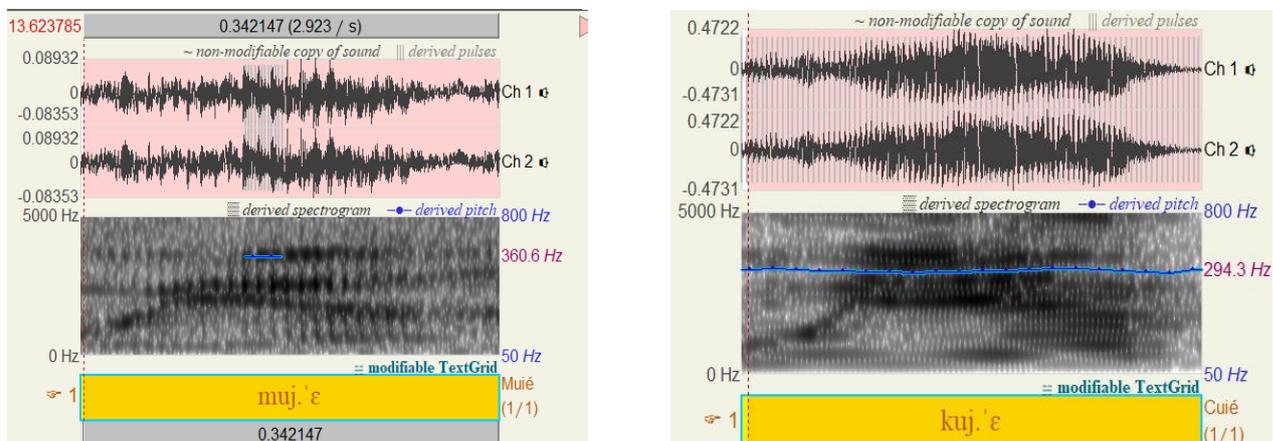
- Nos casos da dupla de humoristas, o uso dessa variação reforça o contexto local e social, tornando as histórias mais autênticas e identificáveis para o público que reconhece essas variações em regiões interioranas.
- Outro fator importante é que, apesar de ser um traço característico do dialeto caipira e de Nilton Pinto e Tom Carvalho afirmarem-se caipiras para propagar a cultura desse povo, a ocorrência foi relativamente baixa, considerando a quantidade de casos.

A despalatização nos casos dos humoristas Nilton Pinto e Tom Carvalho pode ser vista como um recurso estratégico para a construção de identidades, a contextualização social e a criação de estilos de fala específicos. Sendo, portanto, esses elementos centrais para a 3ª onda da sociolinguística, que enfatiza a agência dos falantes e o significado social das variações linguísticas.

Em relação ao Geraldinho, pode-se dizer que a narração é considerada uma estratégia, mas as escolhas linguísticas parecem refletir uma expressão natural de sua identidade. Ademais, a prática de contar casos, em seu contexto, desenvolveu-se após a aquisição de notoriedade, uma vez que essa atividade já era comum entre indivíduos de seu círculo social no ambiente rural.

Uma comparação entre os espectrogramas da palavra “muié” e “cuié” também oferece informações relevantes acerca da relação da despalatização, da mídia, do estilo e do humor. A seguir são apresentadas as capturas de tela do PRAAT:

Figura 29 – Espectrograma das palavras “muié” (Geraldinho) e “cuié” (Tom Carvalho)



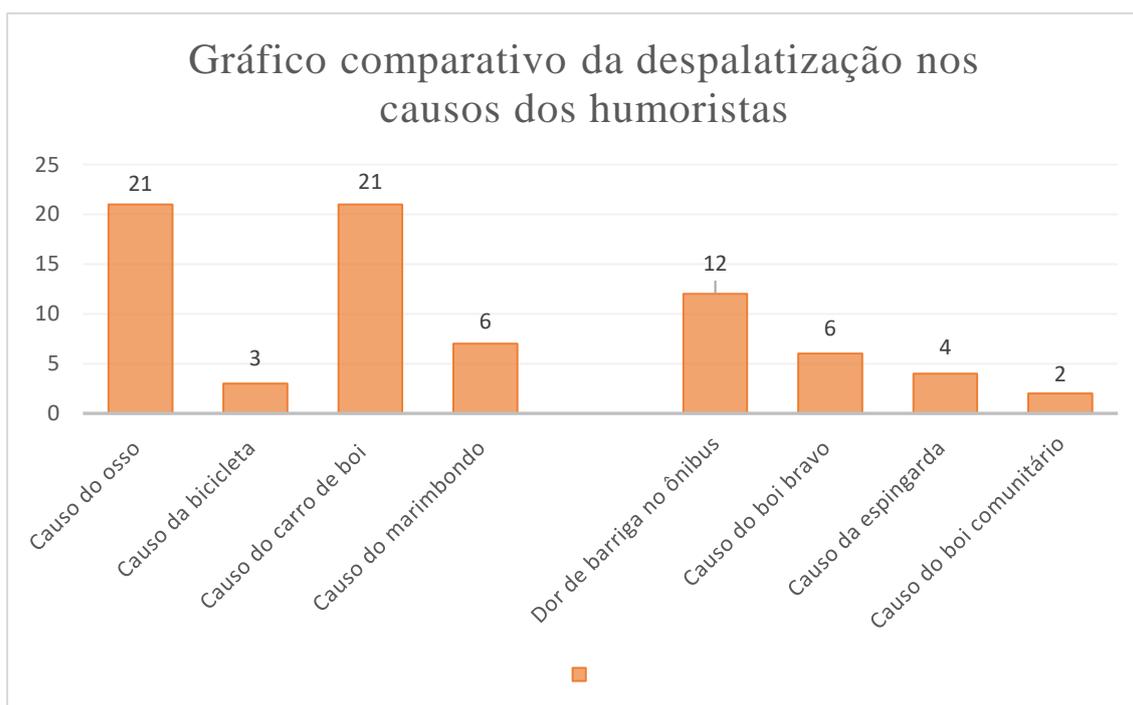
Fonte: Dados da autora, gerados com o PRAAT.

A partir do espectrograma, alguns pontos podem ser observados:

- Ambas as palavras mostram formas de onda e espectrogramas que indicam uma fala fluida e modulada. Desse modo, as diferenças na intensidade podem ser atribuídas a variações individuais na pronúncia e ao estilo de fala dos humoristas.
- As variações no *pitch* entre as duas palavras refletem diferentes entonações e ênfases usadas por cada humorista. Geraldinho mostra uma variação de *pitch* mais suave, enquanto Nilton Pinto e Tom Carvalho apresentam uma entonação ligeiramente diferente, possivelmente refletindo o humor ou a dramatização na fala.

O gráfico abaixo possibilita uma perspectiva diferente acerca da variante nos causos, evidenciando a discrepância de modo geral:

Gráfico 3 – Ocorrências de despalatização nos causos de Geraldinho e de Nilton Pinto e Tom Carvalho



Fonte: Elaboração própria.

Portanto, a despalatização é um fenômeno linguístico presente em ambas as pronúncias, refletindo uma característica fonética regional comum. Entre os causos analisados, ela prevalece nas narrativas que abordam desafios ou situações de conflito e de medo, como observado no "Causo do osso" e "Causo do carro de boi." O uso desse fenômeno fonético intensifica a autenticidade e o realismo das histórias.

Em relação ao papel da mídia, conclui-se que ela tem um papel essencial na propagação da cultura caipira, uma vez que as apresentações de Geraldinho e da dupla Nilton Pinto e Tom Carvalho nos programas de televisão popularizam a figura do caipira genuíno, preservando sua essência cultural. Ademais, a mídia amplifica essas variações linguísticas e estilísticas, reforçando o *ethos* dos narradores como representantes autênticos da cultura regional. Essa exposição midiática perpetua as características linguísticas, incluindo a despalatização, solidificando a identidade cultural dos humoristas e de seus causos.

Por fim, o humor nas narrativas de Geraldinho, Nilton Pinto e Tom Carvalho é enriquecido pela autenticidade de sua linguagem e a despalatização contribui para isso. Ademais, a variação na duração, *pitch* e entonação das palavras reflete a habilidade dos humoristas em adaptar sua fala para maximizar o impacto humorístico, seja através da dramatização, da ironia ou da sátira. Esta capacidade de manipular características fonéticas e estilísticas é crucial para a eficácia do humor.

4.1.2 Queda da oclusiva em gerúndio

O gerúndio é uma forma verbal em andamento que pode desempenhar papéis tanto de advérbio quanto de adjetivo. Andrade (2009) acrescenta que o gerúndio, identificado no português pelo morfema {-ndo}, é uma forma nominal do verbo que assume funções adjetivais e adverbiais. Conforme apresentado na fundamentação teórica, o fenômeno conhecido como "apagamento", descrito por Cagliari (2002), refere-se à eliminação de um segmento da forma básica de um morfema.

Assim, quando, em causos, se utiliza um verbo no gerúndio e a consoante dental /d/ é suprimida, como em "dançano" em vez de "dançando", ocorre a queda da oclusiva em gerúndio. Esse processo pode ser analisado em relação à tipologia dos causos, ao estilo dos narradores, ao humor e à mídia, considerando como a variação linguística contribui para a construção de uma identidade cultural e cômica autêntica, especialmente na fala caipira, representada por humoristas como Geraldinho, Nilton Pinto e Tom Carvalho.

4.1.2.1 Queda de oclusiva nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho

As ocorrências da queda da oclusiva nos causos da dupla ocorreu da seguinte forma: Causo da dor de barriga no ônibus – 13 ocorrências; Causo do boi bravo – 7 ocorrências; Causo da espingarda – 10 ocorrências; Causo do boi comunitário – 9 ocorrências. A partir dessa análise da queda da oclusiva, será possível identificar a relação estabelecida com o estilo dos humoristas, a tipologia dos causos, o humor e a mídia:

Tabela 6 – Queda de oclusiva nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho

Nilton Pinto e Tom Carvalho		
Causos	Ocorrências	%
Dor de barriga no ônibus	13	33%
Causo do boi bravo	7	18%
Causo da espingarda	10	26%
Causo do boi comunitário	9	23%
Total	39	100%

Fonte: Elaboração própria.

Nos excertos abaixo, são apresentados alguns casos da queda de oclusiva evidenciados nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho:

(30) Tava lá na cozinha, **mexeno** nuas panela. Falei: “uai, tia, senhora já tá **fazeno** almoço essa hora?” “Não, tô **preparano** só a merendinha p’cê cumê, eu vi que cê vai imhora”. (Causo da dor de barriga no ônibus)

(31) Dispidi, fui pa rodoviária, cheguei lá, rapais..o o um buteco, o cara **acabano** de abri um buteco assim eu olhei ali **ferveno** um leite, eu olhei e falei: “gente, mas leite tá bunito demais, uai.” Falei: “moço, cê prepara um leite aí pra mim?” (Causo da dor de barriga no ônibus)

(32) “Eu sabia laçá? Cumpade, quando eu tô **planejano** de saí, os cachorro já vei cu’ esse boi de lá pra cá **marcano** duzentos.” (Causo do boi bravo)

(33) “Falei: “num vai dá”. Falei: “ô pai, eu tô nua dô de cabeça que’u tô **arrebantano**”, “não, vai lá pegá espingarda, xô carregá ela”, falei: “vixi...ispingarda já po mei de chumbo...”; “vai lá, paraiz, pega a espingarda”, pai brabo demais, fui lá até **tremeno...**” (Causo da espingarda)

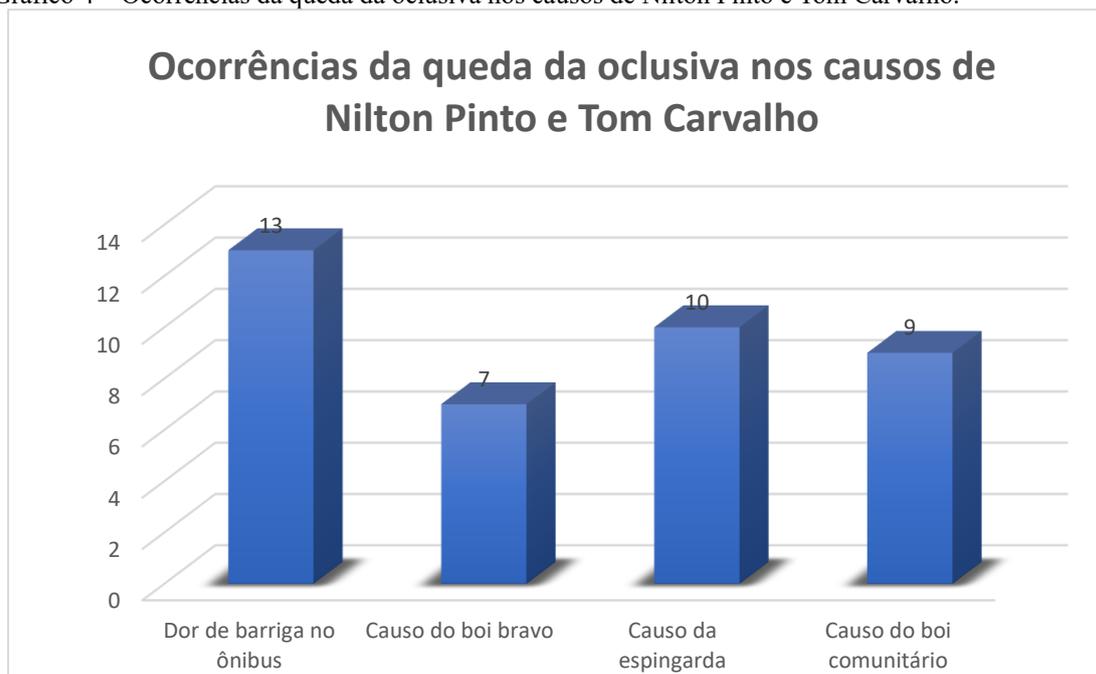
(34)... levantô, foi lá, cumpade, rudiô a vaca, cherô a vaca ecrau... não nada, cumpade, largô a vaca. Quondo largô o povo fico tudo assim e falô: “uai, mais o que que tá **aconteceno...**” (Causo do boi comunitário)

Todas as construções que usam o gerúndio como forma verbal em andamento apresentam o fenômeno da queda da oclusiva. Esse fenômeno é característico de determinados dialetos e registros informais do português brasileiro. No contexto dos causos, essa variação linguística ajuda a situar os personagens e as narrativas dentro de um contexto cultural específico, refletindo a fala regional e popular.

Observa-se que cada caso possui uma temática distinta que influencia a frequência da queda da oclusiva em gerúndio. No "Dor de barriga no ônibus", a alta ocorrência (13) pode ser atribuída ao contexto de urgência e desconforto, no qual a fala rápida e espontânea do personagem em uma situação constrangedora reforça o uso coloquial da linguagem. Já no "Causo da espingarda" (10 ocorrências), a tensão e o medo associados à proibição do pai e ao manuseio da arma contribuem para a fala mais acelerada e menos formal, facilitando a elisão do som. No "Causo do boi comunitário" (9 ocorrências), a crítica social implícita e a interação com figuras de autoridade introduzem um tom de ironia e sarcasmo, no qual a queda da oclusiva é usada para aumentar o efeito cômico e reforçar a autenticidade do dialeto caipira.

O gráfico a seguir oferece uma visualização diferente das ocorrências nos causos da dupla. A partir dele é possível observar a diferença entre os causos de maior e menor ocorrência:

Gráfico 4 – Ocorrências da queda da oclusiva nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho.



Fonte: Elaboração própria.

4.1.2.2 Queda de oclusiva nos causos de Geraldinho

Nos causos de Geraldinho, os fenômenos ocorreram da seguinte forma: Causo do osso – 27 ocorrências; Causo da bicicleta – 14 ocorrências; Causo do carro de boi – 18 casos; Causo do marimbondo – 17 casos. A partir das informações, será possível identificar a relação entre o fenômeno e a tipologia dos causos, bem como o estilo e o humor. A tabela a seguir apresenta as ocorrências informadas:

Tabela 7 – Ocorrências da queda da oclusiva nos causos de Geraldinho

Geraldinho		
Causos	Ocorrências	%
Causo do osso	27	36%
Causo da bicicleta	14	19%
Causo do carro de boi	18	24%
Causo do marimbondo	17	21%
Total	76	100%

Fonte – Elaboração própria.

Os dados mostram que o causo que possui a maior ocorrência da variante é o Causo do osso. Entretanto, é preciso pontuar que a duração desse causo é maior que a das outras narrativas analisadas. Por outro lado, o causo de menor duração – Causo do carro

de boi – obteve a segunda maior ocorrência. Logo, não se trata de duração do vídeo, mas de uma questão de estilo, de identidade e de *ethos* discursivo. A seguir, são apresentados alguns excertos em que a queda da oclusiva ocorre:

(23) “E fui **empurrano**, rapaz, e **mamano** d’ota banda e **sentino** c’o dedo já tava pertado, mai tava **rompeno**. Quando eu já tava pra lambê a cabeça do dedo, eu fui tirá ele, cadê?” (Causo do osso)

(24) “Minino, e o marvado pegou e num largava de jeito nenhum e **dano** safanão e **rosnano** e eu **gritano**: “sai cachorro, sai cachorro” e ele foi me **rastano** e **dano** supapo.” (Causo do osso)

(25) “E tamu **jugano** madeira, tamu **jugano**. Quando chegô nesse pau q’o quiria laigá, era um pau cumprido, pesado pa daná. Quando nós levô ele aqui pa jugá ele pu’riba dos fuero o fiquei esperan’ele, quando ele falou: “vá!”. Eu mandei.” (Causo do carro de boi)

(26) “e acossolô p’aquela descambada, rapaiz, e a toada foi **arquiano**, foi **arquiano** e foi **ino** de mal’a pió. E o vento vei **trazeno** o fogo do cigarro, eu memo num puxei a fumaça não rapá o vento...” (Causo da bicicleta)

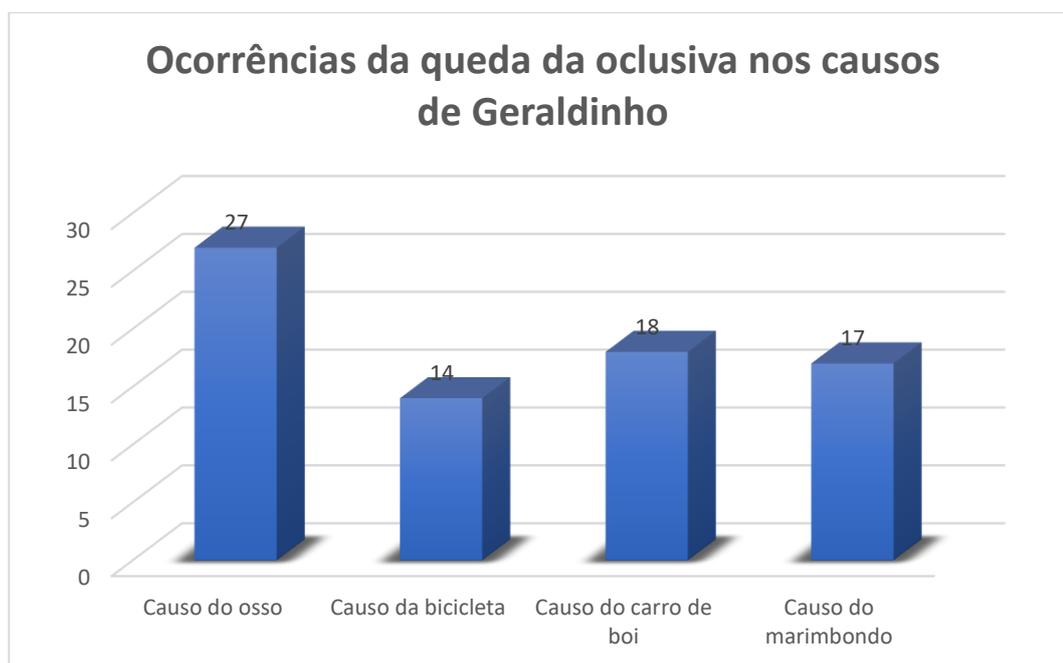
Os dados confirmam de maneira consistente a queda da oclusiva no gerúndio, característica recorrente na fala de Geraldinho. Essa variante linguística não apenas reforça a identidade de Geraldinho como um típico caipira, uma vez que essa é uma marca predominante desse dialeto, mas também contribui significativamente para a construção de seu *ethos* discursivo. A utilização desse traço linguístico específico cria uma imagem autêntica do personagem, destacando sua pertença cultural e social e facilitando a identificação do público com a figura do narrador caipira. Além disso, a presença dessa variante dialetal na fala de Geraldinho sublinha a importância dos elementos linguísticos na formação de identidades e na expressão de tradições regionais dentro do discurso narrativo.

Apesar de a ocorrência da variante ter sido alta, ela não é um traço característico apenas do falar rural. Para Vieira (2011), a ausência da consoante oclusiva dental /d/ não deve ser interpretada como um sinal de linguagem coloquial ou de um estilo de fala rural, mas sim como um indicador da variabilidade e da complexidade do sistema linguístico, influenciado por aspectos sociais. Diante disso, considera-se a pouca escolarização de Geraldinho como um aspecto social que conduziu a um maior número de ocorrências. Martins (2000), em seu estudo sobre a omissão do /d/ no gerúndio, como em "falando, escrevendo", argumenta que a forma padrão (sem o apagamento) é mais eficaz entre os

indivíduos mais instruídos, ao passo que a forma com apagamento é preferida entre os informantes menos escolarizados. Martins e Bueno (2011) estudaram a diminuição do uso do gerúndio em duas localidades do Mato Grosso do Sul: Dourados e Ponta Porã e, em termos de nível educacional, os indivíduos alfabetizados apresentaram uma taxa menor de redução no uso do gerúndio.

O gráfico abaixo proporciona uma visualização diferente dos dados, possibilitando atestar com maior clareza a discrepância da ocorrência da variante nos causos analisados:

Gráfico 5 – Ocorrências da queda da oclusiva nos causos de Geraldinho



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à tipologia, observa-se que a história de maior ocorrência da queda da oclusiva apresenta uma situação típica do interior. O enredo gira em torno de um mutirão na casa do pai da moça por quem o protagonista tem afeição. Este pai, rígido e protetor, não permite que suas filhas conheçam outras pessoas, um traço característico das tradições familiares rurais. Durante o evento, o momento do almoço se torna o ponto central para o desenvolvimento do humor. O prato servido é suã, uma iguaria tipicamente interiorana que já estabelece um vínculo cultural e culinário com o ambiente descrito.

O cluster narrativo, nesse caso, agrupa elementos que são inerentes ao estilo de vida rural: a dinâmica do mutirão, a figura do pai protetor e o prato tradicional. Esses elementos se interconectam para formar uma narrativa coesa que reflete a vida no campo, ressaltando tanto os desafios quanto as peculiaridades desse modo de vida. O estilo do

discurso de Geraldinho, marcado pela queda da oclusiva no gerúndio, não apenas autentica sua identidade caipira, mas também harmoniza com o cenário e os personagens do causo.

O humor emerge de maneira natural na situação descrita durante o almoço. A sua possui uma peculiaridade que caracteriza o interiorano: o fato de enfiar o dedo mínimo para retirar a gordura que fica localizada no meio do osso. Essa situação serve como o catalisador para o evento cômico: o protagonista prende o dedo no osso e, no meio da confusão, o cachorro tenta pegá-lo. Esse tipo de humor é característico das narrativas caipiras, nas quais o cômico muitas vezes surge de situações cotidianas e de pequenos infortúnios que ocorrem no dia a dia do interior. A simplicidade e a espontaneidade dessas situações cômicas criam uma conexão emocional com o público, que pode facilmente visualizar e rir das aventuras do protagonista.

4.1.2.3 Análise comparativa

A tabela a seguir apresenta as ocorrências da queda de oclusiva nos causos, conforme os seguintes dados:

- Geraldinho – Causo do osso (27); causo da bicicleta (14); causo do carro de boi (18); causo do marimbondo (17); em um total de 76 casos.
- Nilton Pinto e Tom Carvalho – Causo da dor de barriga no ônibus (13); causo do boi bravo (7); causo da espingarda (10); causo do boi comunitário (9); em um total de 39 casos.

Tabela 8 – Ocorrências da queda de oclusiva nos causos de Nilton Pinto e de Tom Carvalho e de Geraldinho

Geraldinho			Nilton Pinto e Tom Carvalho		
Causos	Ocor.	%	Causos	Ocor.	%
Causo do osso	27	36%	Dor de barriga no ônibus	13	33%
Causo da bicicleta	14	18%	Causo do boi bravo	7	18%
Causo do carro de boi	18	24%	Causo da espingarda	10	26%
Causo do marimbondo	17	22%	Causo do boi comunitário	9	23%
Total	76	100%		39	100%

Fonte: Elaboração própria.

A queda da oclusiva é mais frequentemente observada nos causos de Geraldinho. Esse padrão pode ser explicado pelo fato de que a que é a variante que mais fortemente caracteriza o típico caipira. A utilização recorrente dessa característica específica reforça a autenticidade do dialeto caipira e a identidade cultural como um traço distintivo mais pronunciado e reconhecível, destacando-se como um elemento central no *ethos* discursivo das narrativas de Geraldinho.

Esse fenômeno é mais comum na fala informal e em contextos regionais, o que se alinha com o estilo dos causos. Também pode estar associado a fatores sociolinguísticos, como o nível de formalidade, a região de origem dos narradores e o público-alvo dos causos, uma vez que, em regiões onde a fala coloquial é predominante e menos influenciada por normas formais da língua, a elisão do /d/ é mais frequente.

A performance dos causos em um ambiente descontraído e a intenção de criar uma atmosfera autêntica e envolvente podem também incentivar a elisão da consoante, tornando a narração mais fluida.

Alguns trechos foram retirados para análise:

- (35) “Tava lá na cozinha, **mexeno** nuas panela. Falei: “uai, tia, senhora já tá **fazeno** almoço essa hora?” “Não, tô **preparano** só a merendinha p’cê cumê, eu vi que cê vai imbora” (Causo Dor de barriga no ônibus - Nilton Pinto e Tom Carvalho)
- (36) “[...] escutei um pião **falano** po outro: “o homi é bom, o homi tá **rezano**, vai pegá”. Quando chegô na bera du curral, o boi era costumado chegá e ir pa trais, negava os pião” (Causo do boi bravo – Nilton Pinto e Tom Carvalho)
- (37) “...foi, e... e que a...o miolo da tripa dele tava muito seco, num dava descida e ele pegô na gaia e foi **espremeno**. Foi **ajuntano** força, foi **ajuntano**, foi **correno** água no zói e foi, tinha ora que a veia do pescoço dele quase rebentava de...e aquilo num abalava sô, é aquela dor e...” (Causo do marimbondo – Geraldinho)
- (38) “E fui **empurrano**, rapaz, e **mamano** d’ota banda e **sentino** c’o dedo já tava pertado, mai tava **rompeno**. Quando eu já tava pra lambê a cabeça do dedo, eu fui tirá ele, cadê?” (Causo do osso – Geraldinho)

Todos os trechos mostram que, em um mesmo período, houve a queda das oclusivas repetidas vezes. Esse traço é recorrente na fala caipira, uma vez que pode ocorrer por uma

questão de assimilação entre a oclusiva (d) e a alveopalatal (n) ou por economia articulatória, tonando a pronúncia mais rápida e menos trabalhosa. De fato, Bagno (2022) apresenta essa questão da aceleração no ritmo da fala, uma vez que a língua ficou mais rápida, mais dinâmica. Amaral (1920, p.46), embora não trate explicitamente da queda da oclusiva, apresenta vários excertos da fala caipira em que o fenômeno aparece: “Fulano anda *corrê-corrêno* p'ras ruas sem o quê fazê - A povre da nha Tuda véve só *chorá-chorano* despois que perdeu o marido”.

Outro fator importante é que o uso desse fenômeno pela dupla de humoristas também faz parte dos elementos que geram o humor, já que os narradores utilizam a queda da oclusiva /d/ para criar um estilo de fala que é simultaneamente autêntico e cômico, realçando o humor dos causos. Desse modo, o uso de formas linguísticas marcadas pela variação regional pode exagerar características estereotípicas dos personagens e situações, amplificando o humor.

Ademais, ao reproduzirem fielmente a fala regional, os narradores aumentam o efeito cômico, pois a variação linguística, incluindo a queda do /d/, compõe a construção de personagens dentro dos causos. Dessa forma, aqueles personagens que falam de maneira mais coloquial e com elisões são, frequentemente, percebidos como mais genuínos e engraçados, o que reforça o apelo da narrativa.

Outro ponto relevante acerca do humor é que a quebra de expectativas linguísticas normativas (por exemplo, a ausência do /d/ onde ele seria esperado) pode gerar surpresa e, conseqüentemente, humor. Os ouvintes percebem essa variante como uma característica engraçada da fala dos humoristas, principalmente porque vem associada a outros elementos que compõem o cluster do estilo, como tom de voz, roupas, cenário, dentre outros.

Por fim, a 3ª onda da sociolinguística enfatiza como os falantes utilizam variantes para construir e expressar suas identidades. Nos causos, a elisão do /d/ é um recurso estilístico que reforça a identidade regional dos narradores, celebrando e preservando a cultura caipira. Logo, os narradores de causos, como Nilton Pinto e Tom Carvalho, utilizam a variação linguística como parte de sua performance estilística. A escolha de usar ou não a oclusiva /d/ no gerúndio é deliberada, contribuindo para um estilo de narração que é distintivo e reconhecível. Esse estilo reforça sua marca pessoal e aumenta a eficácia da comunicação humorística.

4.1.3 Concordância nominal

Na gramática normativa, a marcação de plural é obrigatória em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal sempre que o núcleo estiver no plural. Entretanto, na modalidade falada do português brasileiro, a concordância nem sempre ocorre. Esse fenômeno é considerado um traço típico de diversos falares, entre eles, o dialeto caipira. A partir da análise do uso da falta de concordância nominal, será possível identificar a relação estabelecida com o estilo dos humoristas, a tipologia dos causos, o humor e a mídia.

4.1.3.1 Concordância nominal nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho

As ocorrências da falta de concordância nominal nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho são evidenciadas da seguinte forma: Causo da dor de barriga no ônibus - 9 ocorrências; Causo do boi bravo – 8 casos; Causo da espingarda – 3 casos; Causo do boi comunitário – 9 casos. É relevante atentar-se para o fato de que a narrativa do primeiro e do último caso foi feita por Tom Carvalho e a do segundo e terceiro, por Nilton Pinto, conforme a tabela abaixo:

Tabela 9 – Concordância nominal não padrão nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho

Nilton Pinto e Tom Carvalho		
Causo	Ocorrências	%
Dor de barriga no ônibus – Tom Carvalho	9	31%
Causo do boi bravo – Nilton Pinto	8	28%
Causo da espingarda – Nilton Pinto	3	9%
Causo do boi comunitário – Tom Carvalho	9	31%
Total	29	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os causos com maior incidência de falta de concordância nominal são "Dor de barriga no ônibus" e "Causo do boi comunitário," ambos narrados por Tom Carvalho. Esse fenômeno pode ser atribuído à representação do dialeto caipira, no qual essa característica é amplamente presente. Ademais, a falta de concordância nominal é uma variante que confere autenticidade às narrativas pelo princípio da economia linguística, reforçando a identidade cultural dos personagens e a verossimilhança do discurso. Bagno (2011, p. 147) explica que:

Economia linguística é um termo que recobre uma gama de processos que se caracterizam por representar mecanismos de mudança que tentam reagir positivamente a dois impulsos: (a) poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes; (b) preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa.

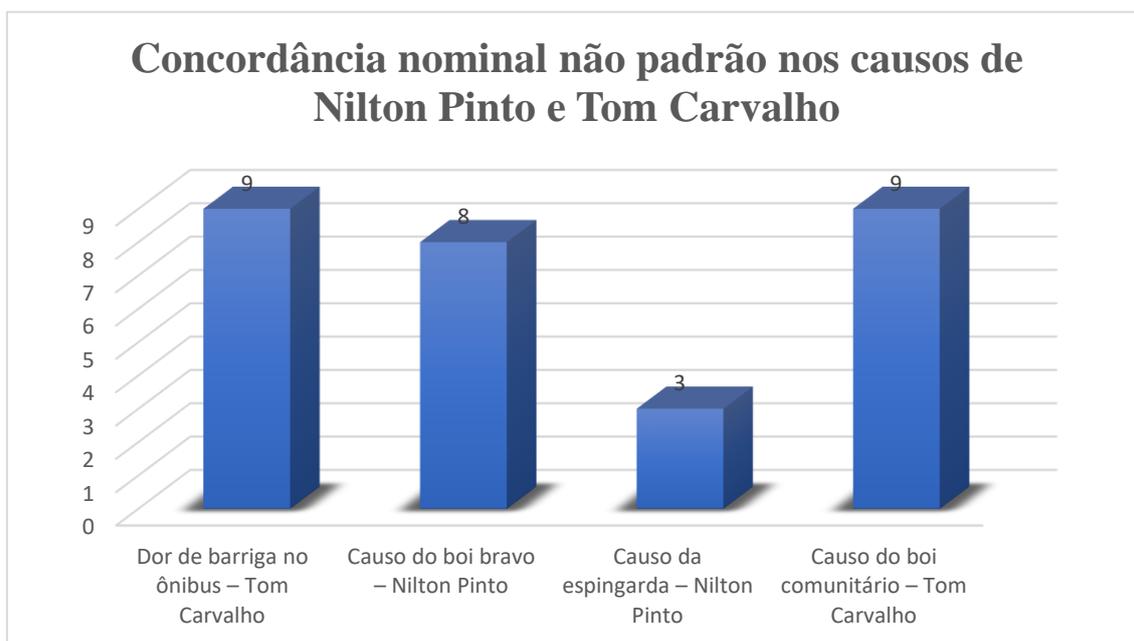
Nos casos mencionados, a utilização intencional da falta de concordância não apenas retrata a fala coloquial regional, mas também serve como recurso estilístico para a construção do humor e a criação de uma atmosfera familiar e de fácil identificação para o público. A seguir, são listados alguns exemplos de como este fenômeno ocorre nos casos narrados pela dupla, evidenciando a funcionalidade discursiva e estilística dessa variável:

- (39) “Não, porque cê vai ficá comigo aqui **trinta dia** porque nós temo muito que cunversá...” (Dor de barriga no ônibus – Nilton Pinto e Tom Carvalho).
- (40) “Não, fiquei **vinte sete dia.**” (Dor de barriga no ônibus – Nilton Pinto e Tom Carvalho).
- (41) “Só que quando eu virei aqui, cumpade, acabô de incostá **agues carro, aques carrin** de garapa que ...uma garapinha de cana.” (Dor de barriga no ônibus – Nilton Pinto e Tom Carvalho).
- (42) Fui lá visitá **uns parente** meu oto dia, cumpade, encontrei cu ele, fiquei sabeno que esse tempo...ele quebrô...perdeu tudo que tinha (Causo do Boi comunitário – Nilton Pinto e Tom Carvalho)
- (43) E aí, cumpade, só que **os fazendero** falô: “gente, o toizin só tem esse boi. Vamos fazê o seguinte, ao invés de ficá levando vaca e pagano aluguel, vamo comprá o boi do toizim (Causo do Boi comunitário – Nilton Pinto e Tom Carvalho).

Em todos os excertos, observa-se a ausência de concordância nominal plena entre o substantivo e seus determinantes. Especificamente o núcleo dos sintagmas aparece no singular, enquanto a marcação de plural ocorre em apenas um dos elementos. Essas construções linguísticas corroboram as explicações de Bagno (2022) e outros estudiosos, como Scherre (2005), que defendem a ideia de que a marcação de plural em todos os elementos de um sintagma é redundante.

O gráfico a seguir mostra os dados sob uma perspectiva divergente, permitindo identificar o quão próximas as ocorrências estão nos casos: Dor de barriga no ônibus, Causo do boi bravo e Causo do boi comunitário e como diminui consideravelmente no Causo da espingarda, narrado por Nilton Pinto.

Gráfico 6 – Ocorrências da concordância nominal não padrão nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho



Fonte: Elaboração própria.

Destaca-se que a falta de concordância nominal é uma característica marcante dessas narrativas, funcionando como um marcador de autenticidade regional e cultural. Esse uso da linguagem alinha-se com estereótipos de indivíduos do interior, que são frequentemente percebidos como menos educados formalmente, mas ricos em sabedoria popular e habilidades práticas. Nos causos analisados, esse fenômeno pode ser visto como uma estratégia estilística em relação à dupla de humoristas utilizada para construir identidades específicas para seus personagens.

Nos causos de maior ocorrência - "Dor de barriga no ônibus" e "Causo do boi comunitário,"- observa-se uma alta incidência de falta de concordância nominal. Logo, ao interpretar esse fenômeno com foco na tipologia dos causos, percebe-se que a estilização exagerada, o humor derivado de situações cotidianas e desconfortáveis e a reviravolta final desempenham papéis cruciais.

Nos causos humorísticos, a falta de concordância nominal é frequentemente utilizada como um recurso estilístico que reforça o caráter exagerado da fala caipira. Em "Dor de barriga no ônibus," a narrativa se enriquece com a estilização linguística, conferindo um tom cômico desde o início. A descrição detalhada e exagerada das situações, como a visita à tia e a experiência gastronômica, não só aumenta o aspecto lúdico da história, mas também torna o discurso mais autêntico e identificável para o

público, intensificando o humor através da identificação com os personagens e suas expressões típicas.

Desse modo, o fenômeno também se alinha com a tipologia que transforma eventos ordinários em entretenimento. Ainda nesse caso, a situação desconfortável da dor de barriga durante uma viagem de ônibus é narrada de forma cômica, na qual a ausência de concordância nominal acrescenta uma camada de naturalidade e verossimilhança à fala do personagem. Essa abordagem permite ao público rir de situações desconfortáveis, utilizando o humor como uma forma de enfrentar e superar o desconforto. No desfecho, a descoberta da nota de 10 reais no vaso sanitário desvia a atenção do protagonista da sua dor de barriga para o achado monetário inesperado, adicionando um elemento de surpresa e humor à história.

No caso do "Causo do boi comunitário," o humor é utilizado para veicular uma crítica social e a falta de concordância nominal contribui para a criação de uma atmosfera de autenticidade e proximidade. A narrativa aborda a revolta da população contra a prefeitura, utilizando o humor e a ironia para criticar a ineficiência dos funcionários públicos. Ademais, o humor derivado da ideia absurda de um boi se comportar como um "funcionário público" serve como uma metáfora para a crítica à ineficiência do servidor público. Aqui, a linguagem coloquial e a falta de concordância nominal reforçam a crítica social de forma acessível e menos confrontadora.

No segundo caso, a narrativa de Nilton aborda a busca desesperada por emprego e como ele enfrenta as dificuldades impostas por sua situação financeira. A falta de concordância nominal, presente na fala do protagonista, contribui para a construção de um personagem espertalhão e astuto, que tenta tirar proveito das situações apesar de sua inexperiência. A linguagem coloquial reforça a autenticidade do personagem e intensifica o humor derivado de suas tentativas de resolver problemas de maneiras inusitadas e improvisadas.

No caso "A espingarda," o medo está presente de forma sutil, atuando como contraponto ao humor e à inocência. A falta de concordância nominal é uma característica que contribui para a autenticidade da narrativa, acentuando a simplicidade e a naturalidade do discurso. O medo também se manifesta na inocência da criança que se despede da família com um sentimento de medo e tristeza ao sair com seu pai para matar um "caititu". A ausência de concordância nominal nesse caso reforça a inocência e a

espontaneidade do discurso infantil, intensificando a carga emocional da despedida. A tensão culmina no momento em que o pai se prepara para atirar, sem perceber que a espingarda já estava carregada de pólvora, criando uma situação de suspense e perigo iminente.

4.1.3.2 Concordância nominal nos causos de Geraldinho

Nos causos de Geraldinho, a falta de concordância nominal ocorre conforme os seguintes dados: Causo do osso - 4 ocorrências; Causo da bicicleta – 3 ocorrências; Causo do carro de boi – 6 casos; Causo do marimbondo – 5 casos. A partir dessas informações será possível identificar a relação entre o fenômeno e a tipologia dos causos, bem como o estilo e o humor:

Tabela 10 – Ocorrências da concordância nominal não padrão nos causos de Geraldinho

Geraldinho		
Causo	Ocorrências	%
Causo do osso	4	22%
Causo da bicicleta	3	17%
Causo do carro de boi	6	33%
Causo do marimbondo	5	28%
Total	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

A falta de concordância nominal nos causos de Geraldinho reforça a rusticidade e a autenticidade do discurso caipira. Nos causos "Causo do osso" e "Causo do carro de boi," nos quais há maior incidência desse fenômeno, a narrativa enfatiza desafios significativos e situações de conflito que precisam ser superadas. A linguagem vernácula e a ausência de concordância nominal aumentam a tensão e a urgência das situações descritas, tornando-as mais envolventes e realistas. A falta de concordância nominal serve como um recurso estilístico que autentica o dialeto caipira, essencial para o estilo narrativo e o *ethos* dos personagens.

A seguir são apresentados alguns excertos que mostram a falta de concordância nos causos do humorista:

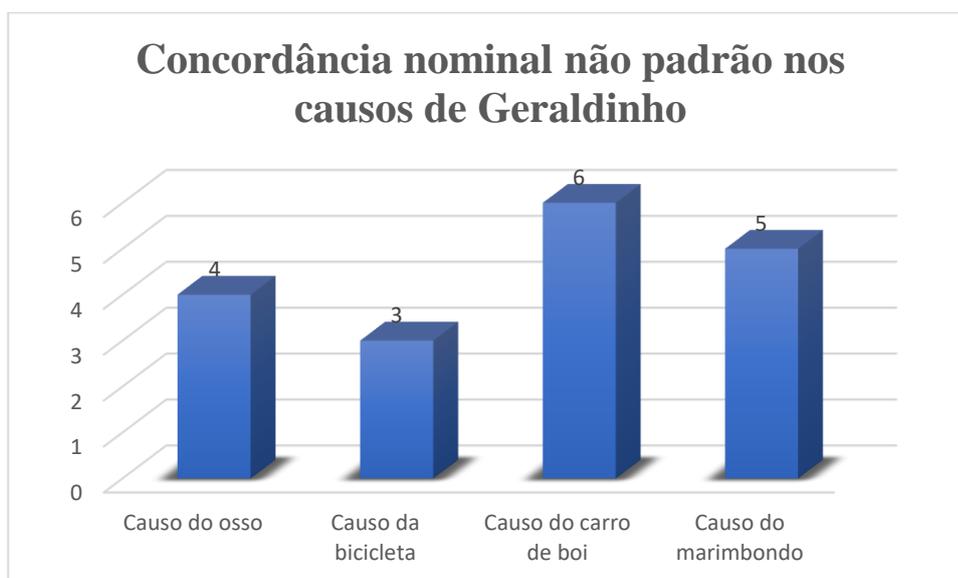
(44)“...era nas troca de dia e ele judiava c’a turma mais fraca.” (Causo do marimbondo)

- (45) Aí um dia o pai dele tinha um oto piãozin lá aparta vaca, tiradô de leiti, dia de domingo es cabô de tirá leite, ele falô pro rapaz: “ah, vamo dá um passei hoje, fulano, vê **umas moça**.” (Causo do marimbondo)
- (46) “Aí, cum isso lá **p’umas onze hora**, nóis já tava tudo ocado de fome, ele subiu no murão da cancela e gritô era pra nóis ir armoçá lá dentro”. (Causo do osso)
- (47) “Chegô, apiô da mula, amarrô ela num toco lá e vei **c’aquelas perna dura**, pezão inchado.” (Causo do boi bravo)
- (48) “...ah, esse treim num presta memo, vô acendeno uns dois aí no camim o chego lá eu dô es **pros minino** e lerei...tinh’um mata-burro lá inriba, quando eu cheguei lá eu apiei pa passá no mata-burro e rasguei aquele botin e tirei um cigarro, risquei a binga e preguei ele no beçu e muntei..” (Causo da bicicleta)

Em todos os excertos observa-se a falta de concordância entre o substantivo e os seus determinantes. Em todos os casos, a marcação de plural ocorre em apenas um dos elementos do sintagma, fato que corrobora a caracterização do dialeto caipira. Apesar dessa caracterização, sabe-se que a falta de concordância nominal não é um fenômeno presente apenas nesse dialeto e isso inclusive foi provado por Scherre (2005) ao evidenciar que alguns textos jornalísticos que supostamente deveriam seguir a regra categórica da variedade padrão possuíam falhas de concordância tanto verbal quanto nominal.

O gráfico abaixo permite visualizar melhor a discrepância entre as ocorrências. De modo geral, os dados evidenciam que o fenômeno ocorre com uma variação pequena entre os causos, tendo o caso de maior ocorrência – Causo do carro de boi – o dobro do caso de menor ocorrência – Causo da bicicleta:

Gráfico 7 – A concordância nominal não padrão nos causos de Geraldinho



Fonte – Elaboração própria.

Em relação à análise tipológica, o "Causo do osso" e o "Causo do carro de boi" estão tipicamente associados a situações desafiadoras e de conflito, nas quais o protagonista enfrenta adversidades que precisam ser superadas. Já o "Causo da bicicleta" e o "Causo do marimbondo," com 3 e 5 ocorrências, respectivamente, são mais orientados para o humor lúdico e a crítica social.

De modo geral, as ocorrências do fenômeno são relativamente baixas e isso não significa dizer que houve o uso da concordância em outros momentos. Desse modo, levanta-se a hipótese de que o baixo número de casos pode ter ocorrido para amplificar a tensão e a urgência das situações descritas, criando uma atmosfera mais envolvente e realista, como é o caso do "Causo da bicicleta".

No "Causo do marimbondo," a falta de concordância nominal pode ter sido empregada para satirizar comportamentos abusivos e arrogantes, utilizando a ironia e a crítica social como ferramentas humorísticas.

Outro fator relevante é que a falta de concordância nominal é uma característica estilística que reforça o *ethos* caipira dos personagens. No contexto da terceira onda da sociolinguística, este fenômeno pode ser analisado como parte de um cluster de traços linguísticos que constroem a identidade dos personagens e a autenticidade da narrativa. Dessa forma, o uso consistente de formas linguísticas não normativas cria um estilo reconhecível e distintivo.

Além disso, a mídia desempenha um papel crucial na propagação e popularização desses traços linguísticos, visto que as apresentações de Geraldinho contribuíram para a disseminação e a valorização da cultura caipira. Ademais, as plataformas digitais contribuem para a permanência dos causos do genuíno caipira. Portanto, a falta de concordância nominal, ao ser veiculada pela mídia, torna-se um elemento de identidade cultural e humorística. Esse recurso não apenas diverte, mas também educa o público sobre as particularidades da fala regional, preservando e celebrando a diversidade linguística do Brasil.

4.1.3.3 Análise comparativa

Aos serem analisados os causos, observou-se que a variação da concordância nominal ocorre com frequência tanto nos causos da dupla de humoristas quanto nos

causos de Geraldinho. A tabela abaixo possibilita visualizar os dados de forma comparativa:

Tabela 11 – Ocorrências da concordância nominal não padrão nos causos de Geraldinho e Nilton Pinto e Tom Carvalho

Geraldinho			Nilton Pinto e Tom Carvalho		
Causos	Ocor.	%	Causos	Ocor.	%
Causo do osso	4	22%	Dor de barriga no ônibus	9	31%
Causo da bicicleta	3	17%	Causo do boi bravo	8	28%
Causo do carro de boi	6	33%	Causo da espingarda	3	10%
Causo do marimbondo	5	28%	Causo do boi comunitário	9	31%
Total	18	100		29	100

Fonte: Elaboração própria.

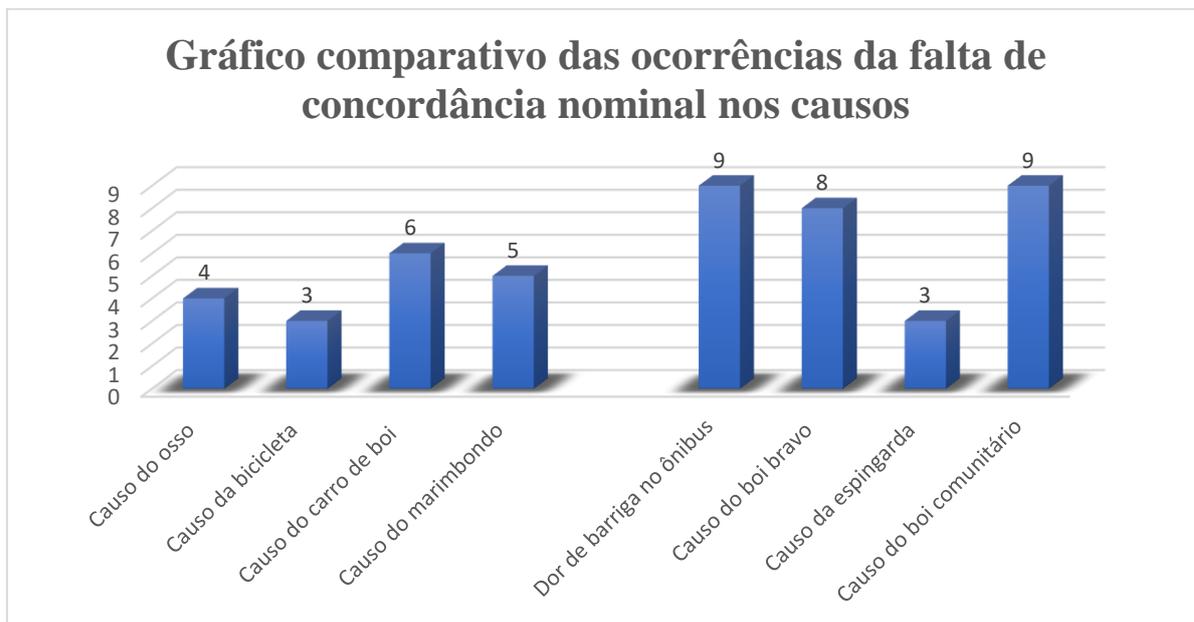
Em sua maioria, são observados casos de falta de concordância com o substantivo, como em:

- (49) “Não, porque cê vai ficá comigo aqui **trinta dia**, porque nós temo muita coisa pra cunversá” (O caso da dor de barriga no ônibus - Nilton Pinto e Tom Carvalho)
- (50) “Aí, quando eu saio lá, ele fez um girau lá no canto do quintal e levou **os tale** de cumê lá pro... pra longe” (Causo do osso - Geraldinho)
- (51) “Chegô, apiô da mula, amarrô ela num toco lá e vei **c’aqueles perna dura**, pezão inchado.” (Causo do carro de boi – Geraldinho)
- (52) “ ...meu fii, ma ali ó tem um pau caíno fruta na beira da istrada e **os catitu** tá cumeno e nós vamo pegá...agora eu vim cá pegá a espingarda e ocê pega a lanterna e nós vamo lá matá o bicho.” (Causo da espingarda - Nilton Pinto e Tom Carvalho)

O primeiro excerto mostra a falta de concordância entre o substantivo “dia” e o numeral “trinta”. No segundo, o artigo “os” evidencia a flexão de número, entretanto, o substantivo seguinte “tale” que se refere a talher segue no singular. No terceiro, o substantivo “perna” está no singular, bem como o adjetivo “dura” que caracteriza o substantivo, no entanto, o pronome demonstrativo está flexionado no plural. No quarto trecho, o artigo segue flexionado enquanto o substantivo está no singular. Percebe-se a variação mediante a regra proposta pela gramática normativa de que toda palavra variável que se associa ao substantivo concorda com ele em gênero e número.

O gráfico a seguir apresenta uma perspectiva diferente da comparação entre as ocorrências nos causos, possibilitando visualizar o quanto a variante ocorre de forma mais exagerada nos causos da dupla de humoristas:

Gráfico 8 – Ocorrências da falta de concordância nominal nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho e Geraldinho



Fonte: Elaboração própria.

Ainda que a variante ocorra de forma mais acentuada nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho, esse fato não sugere que Geraldinho tenha utilizado a variação conforme a gramática normativa propõe, mas apenas evidencia que foram usadas mais formas no singular do que no plural. Essa discrepância é menor em comparação com a despalatização, em que Geraldinho se destaca mais notavelmente. Desse modo, a diferença no uso da falta de concordância nominal pode ser atribuída a algumas razões estilísticas e contextuais:

- A narrativa de Geraldinho é fortemente associada à figura do caipira tradicional, uma vez que a despalatização é um marcador linguístico mais proeminente. Esse fenômeno reflete, de maneira mais acentuada, a rusticidade da fala caipira, contribuindo para a construção de um *ethos* de autenticidade;
- Já a dupla tende a utilizar a falta de concordância nominal como um recurso estilístico para criar humor e criticar situações cotidianas. Esse uso frequente pode indicar uma abordagem mais versátil e adaptável a diferentes contextos humorísticos, ampliando o alcance e a diversidade de suas narrativas. Além disso, o uso de tal variante pode ser um recurso deliberado para intensificar o aspecto cômico, uma vez que a falta de concordância é uma das variantes mais estereotipadas da fala caipira.

Assim, percebe-se que o fenômeno foi utilizado pela dupla de humoristas para refletir o modo de falar de certas regiões interioranas, adicionando autenticidade e tornando as histórias mais identificáveis e engraçadas. Essas variantes servem para criar quebras de expectativa, caracterizar personagens de maneira cômica, refletir o linguajar regional e permitir jogos de palavras, todos os elementos que contribuem para o efeito humorístico das histórias contadas.

Acerca dos pressupostos da 3ª onda, observa-se que há a construção de *personae* através do uso da variação de concordância nominal, uma autenticidade cultural e um estilo próprio tanto nos causos de Geraldinho quanto nos de Nilton Pinto e Tom Carvalho, como evidenciado a seguir:

- Geraldinho utiliza frequentemente variantes não padrão da concordância nominal, evidenciando a identidade de um personagem rural ou caipira. Esses personagens são vistos como ingênuos ou simpáticos e o uso dessa estrutura reforça essa identidade de maneira humorística.

No "Causo do osso", a utilização de variação de concordância pode ajudar a pintar uma imagem de um personagem que não teve acesso à educação formal, mas que possui sabedoria prática. De acordo com Ribeiro (2023), o período de 1920 a 1930 foi o mais favorável para a alfabetização de Geraldinho, mas, em termos educacionais, oferecia poucas oportunidades para a maioria das crianças do meio rural de Bela Vista. Nesse contexto, o acesso ao ensino formal era quase totalmente restrito a um grupo específico da sociedade: as crianças de famílias mais ricas.

- A dupla Nilton Pinto e Tom Carvalho usa variantes linguísticas para construir uma identidade regional específica, refletindo o modo de falar de pessoas do interior de Goiás.

Em "Dor de barriga no ônibus", a falta de concordância pode ser usada para mostrar um personagem simples, que fala de maneira coloquial, gerando empatia e riso.

Em relação à autenticidade cultural, a variação linguística nos causos é ancorada no contexto local e social dos humoristas. Eles capturam a essência da fala de suas comunidades, conferindo autenticidade às suas histórias. Isso não só gera humor, mas também valida as práticas culturais e sociais dos grupos retratados. No "Causo do carro de boi", Geraldinho usa a concordância não padrão e, assim, reforça a relação entre essa

variante, que se caracteriza como um traço descontínuo (Bortoni-Ricardo, 2004) e o contexto rural, tornando a narrativa mais verossímil e engraçada.

Ao se tratar de estilo, os humoristas utilizam a variante não padrão da concordância nominal como um elemento do cluster que compõe o estilo caipira. Esse estilo é reconhecível e valorizado pelo público, que espera esses padrões de fala como parte do humor. Nilton Pinto e Tom Carvalho, no "Causo do boi comunitário", utilizam a falta de concordância de maneira estilística para criar um efeito cômico específico, fazendo com que a audiência ria tanto do conteúdo quanto da performance.

4.2 Despalatização, concordância nominal, queda da oclusiva em gerúndio: qual é a graça?

A partir das análises, observa-se que a despalatização e a queda da oclusiva em gerúndio parecem apresentar um significado social mais forte em relação ao dialeto caipira do que a concordância nominal. Isso se deve ao maior uso dessas variantes por Geraldinho, um caipira típico, que reforça sua identidade regional e cultural através de tais traços linguísticos.

A graça dessas variantes linguísticas reside em seu poder de evocar uma identidade cultural específica. Dessa forma, a despalatização e a queda da oclusiva são mais do que simples particularidades fonéticas; elas são marcadores sociais que sinalizam o pertencimento a uma comunidade rural e tradicional. No entanto, é importante reconhecer que essas características, quando exageradas na performance de humoristas como Nilton Pinto e Tom Carvalho, contribuem para a criação de um simulacro do caipira, ou seja, uma representação que exagera ou distorce características culturais para fins cômicos e estereotipados. Por exemplo, a falta de concordância nominal não só caracteriza a fala caipira, mas também é usada de maneira performática para criar uma figura do caipira que é ao mesmo tempo familiar e caricatural. Esse exagero intencional reforça estereótipos e cria uma imagem que, embora reconhecível e divertida, pode não ser inteiramente fiel à realidade.

Em consonância a isso, Nascimento (2017, p. 852) afirma que, "Nas piadas regionalistas, os traços negativos da imagem do outro são exacerbados em sua caracterização, posto que, por meio de simulacros e estereótipos, o que se pretende é

produzir justamente uma representação negativa e rebaixante do outro.” Desse modo, o simulacro se dá não apenas pelas variantes, mas também pelos elementos do cluster, como a roupa, o chapéu, as botinas, o cenário e a prosódia dos humoristas, compondo um estilo caipira exagerado baseado principalmente na figura do Jeca Tatu, personagem descrito por Monteiro Lobato como o caipira e que traz uma representação negativa do típico interiorano.

Essa observação é fundamental porque, na literatura, especialmente no que diz respeito à vivacidade e inteligência demonstradas pelo comediante Mazzaropi, conforme Ayres e Lima (2009), o estereótipo do caipira é frequentemente vinculado a uma figura cômica e engraçada. No entanto, tanto nesse caso quanto no de Jeca Tatu, nota-se uma visão estereotipada que reforça a imagem do caboclo como um indivíduo pobre, rústico e despreparado, retratado como ignorante e "atrasado", à margem da sociedade, em contraste com a cultura "civilizada" e elitista predominante nas épocas em que esses estereótipos emergiram. Essas características revelam diferentes formas de representação do caipira no imaginário coletivo brasileiro.

Por outro lado, a figura de Geraldinho se destaca como essencial para os estudos que investigam a cultura popular, diferenciando-se de simulacros como Nilton Pinto e Tom Carvalho. Esse personagem genuinamente caipira de Goiás compartilhou narrativas autênticas, enraizadas em suas próprias experiências de vida, o que gerou um impacto significativo e positivo. Ribeiro (2023, p.308) afirma que “ é difícil apontar um mestre direto de Geraldinho na arte de contar causos, dificuldade que se manifesta justamente pela originalidade, autenticidade e capacidade criativa demonstrada.” Portanto, os causos do contador não apenas provocaram risos entre seus ouvintes, mas também valorizaram de forma genuína a cultura sertaneja.

Dessa maneira, o humor presente na linguagem caipira não só entretém, mas também funciona como um veículo para afirmar a identidade cultural e resistir às imposições externas sobre esse universo particular. Assim, o riso não apenas integra a rede discursiva, mas também consolida Geraldinho como um ícone nacional, cuja presença midiática foi essencial para disseminar e preservar aspectos autênticos da cultura popular brasileira.

Apesar de o dialeto caipira ter uma forte influência nas piadas regionais, Barizon (2022) constatou em sua pesquisa no interior paulista que essa variação está caindo em

desuso. Através dos dados, a autora verificou o predomínio maior do dialeto caipira entre os mais idosos e menor entre os mais jovens, o que pode ocorrer pelo maior índice de escolaridade e pela influência das redes sociais. A partir disso, é possível que o uso estereotipado desse dialeto em contextos humorísticos se intensifique como uma forma de nostalgia ou contraste cultural, à medida que sua presença cotidiana diminui na linguagem falada e na vivência contemporânea das novas gerações.

Portanto, a graça do dialeto caipira reside na sua capacidade de evocar uma identidade cultural única e autêntica, caracterizada por suas particularidades fonéticas, vocabulário específico e estruturas gramaticais distintas, criando um universo linguístico que reflete as tradições, valores e modos de vida das comunidades rurais brasileiras, como visto na pesquisa. Essa forma de falar muitas vezes é acompanhada de humor sutil, ironia e um jeito descontraído de contar histórias e causos, transmitindo não apenas entretenimento, mas também um senso de familiaridade e pertencimento e isso foi possível perceber através da análise tipológica. Entretanto, falar do humor gerado nos causos de Geraldinho é diferente do gerado nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho, haja vista que o primeiro representa a cultura interiorana através do genuíno caipira enquanto a dupla faz uma representação estereotipada a partir de simulacros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este estudo visa analisar a construção do humor no gênero causo a partir do estereótipo do caipira goiano e investigar os efeitos semânticos associados à despalatização, à elisão da oclusiva em gerúndio e à concordância nominal, pode-se concluir que o humor é gerado através da utilização de uma visão estereotipada do caipira, na qual os elementos constitutivos dessa identidade são representados de maneira exagerada e caricatural, por meio de simulacros.

No que diz respeito aos problemas de pesquisa, foram obtidos os seguintes entendimentos: a) Em relação à contribuição dos fenômenos de variação para as produções humorísticas a partir da imagem do caipira, constata-se que esses fenômenos, ao serem caracterizados como variantes típicas do dialeto e estereotipadas, são empregados de forma a gerar humor. A presença dessas variantes contribui para a criação de um humor que explora e exagera as características do estereótipo caipira. b) Quanto ao papel do meio virtual na propagação da cultura regional e no reforço de preconceitos linguísticos, observa-se que ele atua como uma via de mão dupla.

O meio virtual promove a cultura regional do caipira, exemplificado pelas apresentações de Geraldinho, que, sem recorrer a representações estereotipadas, compartilhou sua vida e cultura. No entanto, o meio virtual também pode disseminar estereótipos amplamente divulgados pela mídia, como os associados a personagens como Jeca Tatu, Chico Bento e os personagens de Mazzaropi. c) Sobre a contribuição da originalidade e espontaneidade de Geraldinho para a caracterização do gênero causo e dos elementos linguísticos que promovem o humor, verifica-se que Geraldinho mantém suas raízes ao narrar causos no programa Frutos da Terra, inclusive em sua própria cidade. Essa abordagem assegura que a caracterização dos causos seja original e espontânea.

Além disso, os fenômenos linguísticos analisados revelam que ele utiliza de forma acentuada aqueles que melhor caracterizam o dialeto caipira, reforçando sua identidade. d) Em relação aos elementos que evidenciam a utilização da imagem estereotipada do caipira nos causos de Nilton Pinto e Tom Carvalho, os elementos que compõem a identidade caipira, tais como as vestimentas típicas, como chapéus de palha, camisas xadrez e calças remendadas, são usadas de maneira caricatural, ampliando o estereótipo do caipira; os gestos, amplificados para incluir movimentos desajeitados e amplos, e a

postura no palco, muitas vezes inclinada e rústica, reforçam a ideia de uma rusticidade ingênua; as expressões faciais, variando de sorrisos largos a olhares de confusão, são exageradas para criar um efeito cômico e sublinhar a falta de sofisticação dos personagens.

Esses elementos, juntamente com as variantes linguísticas analisadas, levam à conclusão de que a dupla de humoristas se baseia em representações estereotipadas e perpetua essas visões distorcidas. Outros fatores relevantes acerca da pesquisa são o fato de que a despalatização e a omissão da oclusiva no gerúndio assumem um significado social mais forte dentro do contexto do dialeto caipira em comparação com a concordância nominal. Isso se deve à frequência com que essas variações são utilizadas por Geraldinho, um representante típico do caipira, que fortalece sua identidade regional e cultural por meio desses traços linguísticos distintivos. A essência dessas características linguísticas reside em sua capacidade de evocar uma identidade cultural específica. Assim, a despalatização e a omissão da oclusiva não são apenas particularidades fonéticas simples; elas funcionam como marcadores sociais que indicam pertencimento a uma comunidade rural e tradicional.

Contudo, é essencial reconhecer que, quando exageradas por humoristas como Nilton Pinto e Tom Carvalho, essas características contribuem para a criação de um simulacro do caipira, isto é, uma representação que amplifica ou distorce elementos culturais para fins humorísticos e estereotipados. Esse exagero intencional perpetua estereótipos e constrói uma imagem que, embora reconhecível e engraçada, pode não refletir completamente a realidade.

Assim, o conceito de simulacro transcende as variações linguísticas e se estende a elementos cenográficos, como vestuário, acessórios (por exemplo, chapéus e botas) e características prosódicas dos humoristas. Todos esses componentes colaboram para criar uma representação exagerada do estilo caipira, fortemente influenciada por figuras estereotipadas como Jeca Tatu, descrito por Monteiro Lobato, e que retrata uma visão negativa do caipira típico. Essa constatação emergiu de uma análise semiótica e discursiva, que evidenciou como os elementos estruturais e estilísticos do caso são utilizados para evocar e intensificar estereótipos culturais. Além disso, a aplicação de conceitos da terceira onda da Sociolinguística foi crucial para compreender a construção da identidade e do estilo dos humoristas, proporcionando uma visão mais aprofundada sobre como essas representações são formadas e mantidas.

Em síntese, as análises conduzidas neste estudo demonstram que as variantes linguísticas transcendem sua função de particularidades fonéticas e configuram-se como marcadores sociais cruciais que reforçam a identidade regional e cultural do goiano. Desse modo, este trabalho, inédito na abordagem entre variação linguística e humor, revela como o dialeto caipira é utilizado para refletir significados sociais profundos e complexos, uma vez que Geraldinho representa genuinamente o caipira por meio de traços linguísticos autênticos, distinguindo-se das representações estereotipadas promovidas por humoristas como Nilton Pinto e Tom Carvalho, evidenciando que o uso exagerado dessas características pode gerar uma imagem caricatural. Portanto, a preservação do dialeto caipira no cenário contemporâneo não só reflete mudanças sociais e educacionais, mas também ilustra uma constante negociação entre a autenticidade cultural e as simplificações para propósitos humorísticos, sublinhando a importância da compreensão e a valorização do dialeto no seu contexto cultural original.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. "Television and the patterns of mass culture". IN: NEWCOMB, H. **The critical view television**. New York: Oxford University Press, 1976.

AGHA, A. **Language and Social Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

AGHA, A. The social life of cultural value. **Language & Communication**, v. 23, p. 231-273, 2003.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 2, nº 37, p. 105-112, 2008.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC/ Brasília: INL, 1981.

ANDRADE, Gustavo da silva; **do falado ao escrito do texto ao discurso Estudos linguísticos: do falado ao escrito, do texto ao discurso [recurso eletrônico] / Gustavo da Silva Andrade (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.**

ANDRADE, Maria Margarida de. **Dicionários de termos gramaticais**. São Paulo: Atlas S.A, 2009.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; A variação fonético-lexical em atlas linguísticos do Nordeste. Universidade Federal do Ceará. **Revista do GELNE** ano 1, 1999.

ASSIS, Wilson Rocha Fernandes. **Estudo da história de Goiás**. ed Contexto, 2018.

ASSIS, Wilson Rocha Fernandes. **O surgimento do Estado de Goiás**. https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=XQiQDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT11&dq=o+surgimento+do+estado+de+goias&ots=mfzEHqciuU&sig=6aw_u1ux0znNuxkctSpXct1B_8#v=onepage&q=o%20surgimento%20do%20estado%20de%20goias&f=false. Acesso em: 25/07/2024.

AYRES, I. R.; LIMA, M. H. Jeca Tatu: um estereótipo que não quer calar. In: **Anais do IX Seminário Nacional de Literatura, História e Memória** (UNIOESTE/Cascavel). Assis: UNESP/FCLAs, 2009. p. 602-614.

BARIZON, Livia Carolina Baenas; **O léxico caipira: tesouro da língua às margens do Anhembi**; Tese de doutorado; USP 2022.

BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

BATISTA, Amanda Gabriela Silva Batista; DOMINGOS, José. O discurso humorístico nordestino: o humor regional de Zé Lezin e Renan da Resenha à luz da Sociolinguística Variacionista. **Revista Encontros de Vista** – Publicação do curso de letras UFRPE, 2021.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar: 2005

BAGNO, Marcos. A língua de Eulália: novela sociolinguística. 17ª reimpressão. Ed. Contexto. São Paulo, 2022.

BELL, A.; **Language, style as audience design**. Language in society. 1984.

BERNARDES, Carmo. **Quarto crescente**. Goiânia: Ed. UFG, 1985.

BIBLIOTECA VIRTUAL

https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/biblioteca_virtual/projeto-de-vida-a-profissao-de-artista-comediante-a-historia-de-nilton-pinto-e-tom-carvalho/. Acesso em: 10/06/2024.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Ed. Parábola. São Paulo, 2011.

BOURDIEU, Pierre; *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1990.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, set. 2007.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio (1936) **Raízes do Brasil**, 6a . ed., Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1971

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**: introdução teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CASTRO, Carolina do Carmo. **Práticas e representações da cultura popular sertaneja**: um contador de “causos”, Geraldinho Nogueira. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, 2010.

CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; MELO, Francisca Eleni Silva de. A despalatização /λ/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC). In: **XIII do CNFL**, 2009, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

CHOMSKY, Noam; **Understanding power**; Ed. New Press, 2002.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiá e estórias mais**. Goiânia: Ed. UFG, 1977.

COUPLAND, Nikolas; “Hark, hark the lark”: *Social motivations for phonological styleshifting*. **Language and Communication**, v. 5, n. 3, p. 153-171, Great Britain.

CRISTÓFARO SILVA, Thais; FARIA, I. . Percursos de ditongos crescentes no Português Brasileiro (**Letras de Hoje**. v. 49, n.1, OCTOBER/DECEMBER, 2014). **Letras de Hoje** (Impresso), v. 1, p. 19-27, 2014.

CUNHA, C. **Gramática da Língua Portuguesa**. RJ: MEC/ FENAME, 2008.

ELIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**: contos; nota de Herman Lima. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, Stanford, v. 41, p. 87-100, 2012.

FACIN, Débora; SPESSATTO, Bortolanza. O preconceito lingüístico em textos de humor: uma piada sem graça. **Roteiro**, Joaçaba, v. 32, n. 2, p. 245-264, jul./dez. 2007

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FERRAZ, C. P. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, 12(35), 46-69. 2019.

FERREIRA, Janaína Soares Silva; VIEIRA, Marília Silva. Apagamento da oclusiva /d/ na cidade de Goiás: uma análise sociolinguística. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais** ISSN 2238-3565 v.12, n. 3, p. 1-20, outubro, 2023 - Edição Especial - Estudos de Linguagem e Interculturalidade. Universidade Estadual de Goiás – Poslli.

FERREIRA, Jesuelem Salvani (2010). **O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto**. Dissertação 142 f. (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto. <http://www.bv.fapesp.br/pt/publicacao/83692/o-apagamento-do-d-em-morfema-de-gerundio-no-dialeto-de-sao-j/>. Acesso em: primeiro de março de 2024.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LUCENTE, Luciana. **Prosódia da fala**: pesquisa e ensino. Ed. Edgard Blucher Ltda. 2017.

GIDDENS, A.; **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GILES, H. Accent mobility: A model and some data. **Anthropological Linguistics**, v. 15, n. 2, p.87-105, feb 1973Goiânia.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. Sociolinguística Interacional. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 107-148.

GRUDA, M. P. P. Uma análise do discurso do humor. **Travessias**, Cascavel, v. 5, n. 1, p. e4317,2011.Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4317>. Acesso em: 1 mar. 2024.

GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 149-182.

HALL, Stuart; **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HILAIRE, Saint – Acervo da biblioteca pedagógica brasileira. Revista dos tribunais 1938 **Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes**. Companhia Editora Nacional. Tradução de: Voyages dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerae. Série Bibliotheca pedagógica brasileira. Série V., Brasiliana v. 126, 126ª. Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IPA – International Phonetic Association
https://www.internationalphoneticassociation.org/IPAcharts/inter_chart_2018/IPA_2018.html. Acesso em: 30/08/2024.

KOZINETS, Robert. **Nethnography: redefined**. 2ª ed. Sage. Los Angeles, 2015.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEMES, Walter Carlos. **Janelas do Tempo: Geraldinho Nogueira e outros escritos**. Goiânia: Kelps, 2008.

LÉVY, P.; **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34; 1996.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

LUCCHESI, Dante; A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. Universidade Federal da Bahia / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Estudos de Lingüística Galega**, vol. 4, julho, 2012, pp. 45-64 Universidade de Santiago de Compostela Santiago de Compostela, España.

MAINGUENEAU, D. **Genèses du discours**. Bruxelles: Mardaga, 1984.

MARTINS, Iara Ferreira de Melo. **Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo -ndo na fala de João Pessoa**. 2001. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

MARTINS, Ivone da Silva; BUENO, Elza Sabino da Silva (2011). Estudo do gerúndio - a transformação de [nd] em [n] no português falado na região de fronteira. **Sociodialeto** (Online), Vol.1, p.1-24. In <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011064716>. Acesso em: 1º de março de 2024.

NASCIMENTO, Emanuel Angelo. A enunciação do humor: estereótipo e discurso em piadas de caipira. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 95-116.

NASCIMENTO, Angelo; **Os estereótipos do caipira no discurso do humor**. Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. São Paulo, 46 (3): p. 850-865, 2017.

NASCIMENTO, E. A. Os estereótipos do caipira no discurso do humor. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 46, p. 850, 2017

NASCIMENTO, E. A. Fórmula e estereótipo no discurso do humor. In: **Anais do IV Seminário Interdisciplinar das Ciências da Linguagem**. Crateús: IFCE, 2016.

NASCIMENTO, Emanuel Angelo Nascimento. Humor, ideologia e discurso: a circulação dos estereótipos do caipira em piadas na internet. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, vol. 9, núm. 1, pp. 28-47, 2016. Universidade Federal de Minas Gerais.

NASCIMENTO, Katiene Rozy Santos do; ARAÚJO, Aluiza Alves de; CARVALHO, Wilson Júnior de Araújo. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Veredas On-line** – Atemática, v. 17, n. 2, p. 398-413, 2013.

NILTON PINTO E TOM CARVALHO <https://niltonpintoetomcarvalho.com.br/sobre-nilton-pinto-e-tom-carvalho/>. Acesso em: 03/08/2024.

NOVELI, Marcio. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet? **Revista Organizações em Contexto**, vol. 6, núm. 12, julho-diciembre, 2010, pp. 107-133. Universidade Metodista de São Paulo - São Bernardo do Campo, Brasil

OCHS, E. Indexing gender. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. **Rethinking context: Language as an interactive phenomenon**. New York: Cambridge University Press. 1992. p. 335-358.

OLIVEIRA, Inácio Rodrigues de. **Gênero causo: narratividade e tipologia**. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. PUC – São Paulo.

OLIVEIRA, Marilza de. **Para a história social da Língua Portuguesa em São Paulo: séculos XVI-XVIII**; 2009.

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. **Cozinha Goiana**. Rio de Janeiro: 1ª Edição, Ed. Brasilart, 1967. 2ª Edição, Goiânia: Ed. Oriente, 1980. 3ª Edição, Brasília: Ed. Eldorado, 1990. 4ª Edição, Goiânia: Ed. Kelps, 2000. 5ª Edição, Goiânia: Ed. Kelps, 2004. 6ª Edição, Goiânia: Kelps, 2008.

PIRES, Cornélio. **Meu Samburá** – anedotas e caipiradas. Itu (SP): Editora Ottoni, 2004. p. 127.

PIRES, Cornélio. **Conversas ao pé-do-fogo**. Itu: Ottoni, 2002. p. 19.

PIRES, Cornélio. **Musa caipira e as estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho** - o queima campo. Tietê: Prefeitura Municipal, 1985. p. 104.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise lingüística de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, S. **Ethos e corporalidade em textos de humor**. Ethos discursivo. In:

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. Ethos discursivo. SP, ed. Contexto, 2011

POSSENTI, S. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba: Criar edições, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre o humor e análise do discurso**. Ed. Parábola. SP 2018.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PRAAT - <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em 31/03/2024.

RIBEIRO, Lucas Pires. **Na teia da terra e dos causos**: tessituras do cotidiano de Geraldinho Nogueira. Tese de doutorado. UFG, 2023.

RIFIOTIS, T. Etnografia no ciberespaço como repovoamento e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 31(90), 1-15. 2016.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira Rodrigues. Poeta, poema, poesia, contadores de causos e de histórias nas paragens de Goiás. **Revista da UFG**, Vol. 7, Nº. 01, junho 2004.

SÁ, S. P.; **O samba em rede**: Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca. Rio de Janeiro: E-papers. 2005.

SALGADO, L. (orgs). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

SAMPAIO, Teodoro (1900-1902) **O tupi na geografia nacional**. In: RIHGSP, v. VI. Ed. Nacional, SP, 1987.

SÁNCHEZ, D. G. Antropologia reversa e tecnologias digitais no contexto da migração internacional. **Espaço Acadêmico**, 17(194), 17-30. 2017.. Recuperado de <https://bit.ly/36oqR2o>

SANTOS, F. M. & Gomes, S. H. A. Etnografia virtual na prática: Análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. In: **7o Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura**, São Paulo. 2013.

SERRA, Carolina. 2020. **Fonologia da prosódia 1**: acento e ritmo. In: Verbetes LBASS. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/lbass/>. Acesso em: 20/07/2024.

SCHERRE, Marta. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: Variação linguística, mídia e preconceito. Ed. Parábola. São Paulo, 2005.

SILVA, Lucélia Aparecida da. **humor em Geraldinho e a caracterização do gênero causo**. Franca, 2009 – Universidade de Franca – Dissertação de mestrado.

TECHIO, Elza Maria; LIMA, Marcus Eugênio de Oliveira. **Cultura e produção das diferenças**: estereótipos e preconceitos. Conselho Editorial. Brasília, 2011.

VEATCH, Thomas C. A theory of humor. **HUMOR**, vol. 11, no. 2, 1998, pp. 161-216. <https://doi.org/10.1515/humr.1998.11.2.161>

VIEIRA, M.S. Apagamento do /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual. **Web-Revista Sociodialeto**, v1, n.4, julho, 2011.